Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional

Políticas da Bolha

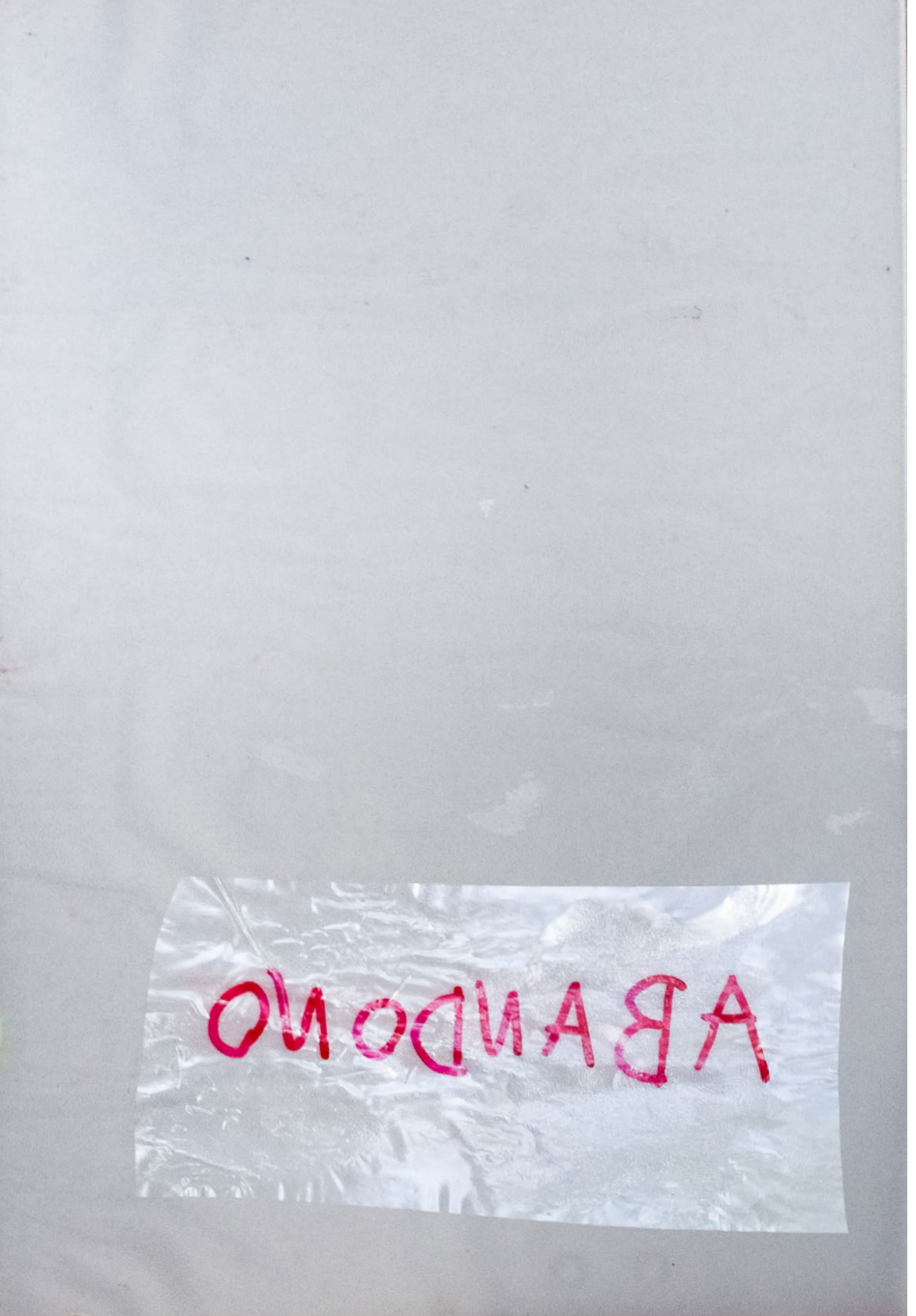
por um itinerário de pesquisa menor

Dissertação de mestrado

Lucien Soldera Corseuil

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre, agosto de 2017.



Lucien Soldera Corseuil

Políticas da Bolha
por um itinerário de pesquisa menor

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Defendido dia 30 de agosto de 2017.

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa - Orientador - UFRGS

_____

Profª. Dra. Rita Lenira Bittencourt - UFRGS

_____

Prof. Dr. Carlos Antonio Cardoso Filho - UFRGS

_____

Prof. Dr. Luis Artur Costa - UFRGS

_____

Profª. Dra. Rosane Preciosa Sequeira - UFJF

_____

RESUMO

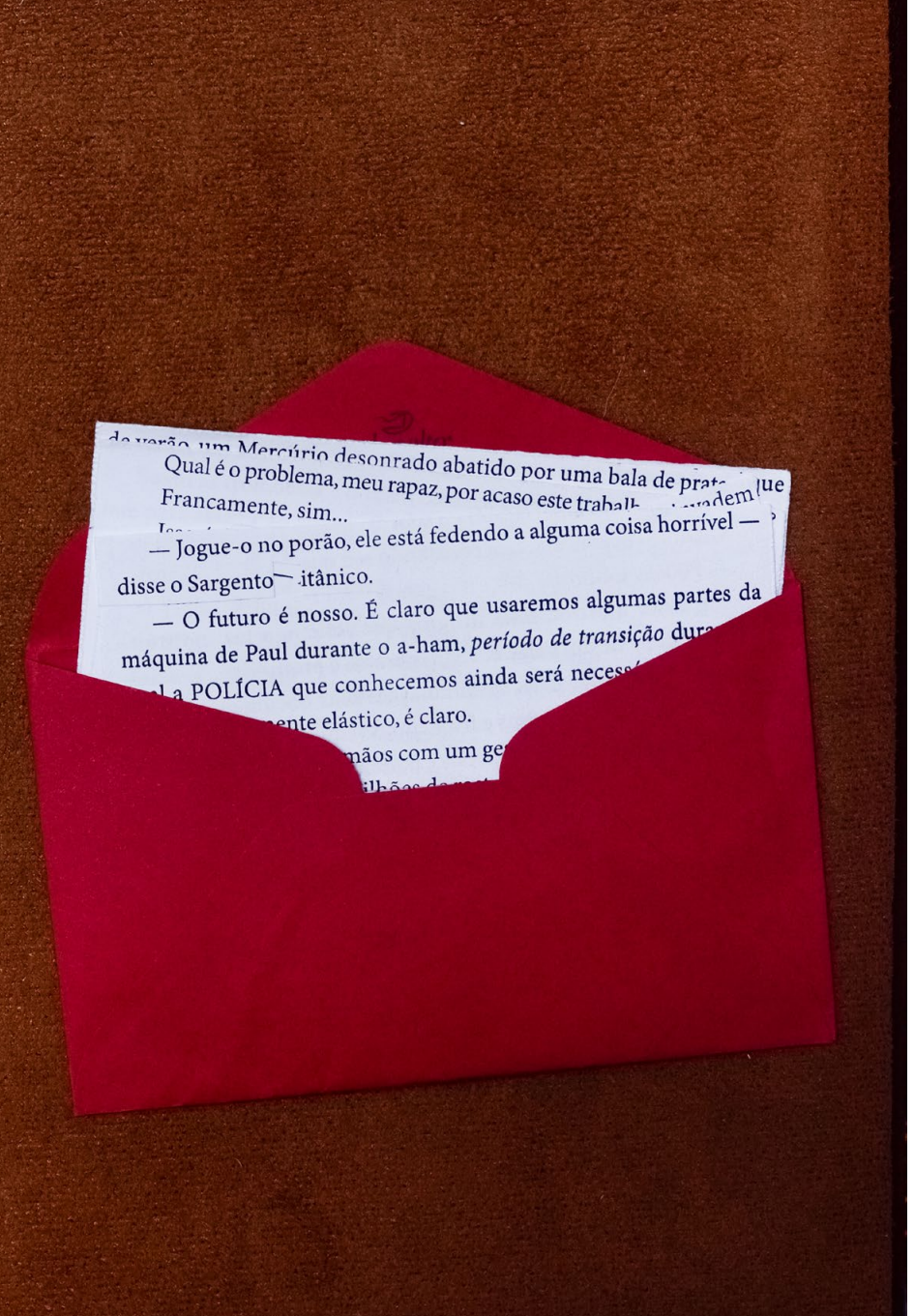
Das coisas que acontecem quando se pesquisa em uma pós-graduação. Das dimensões ética, estética e política em produzir uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado nos tempos atuais. Da construção de um atelier de escrita em um programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Dos efeitos e registros de um escrever-com: com os participantes do atelier, com autores e autoras (acadêmicos e/ou não), com as bobagens, bibliotecas, músicas e literaturas. Dos risos e embrulhos de escrever em meio à vida. Dos ingredientes e modos de usar uma pesquisa. Dos efeitos coletivos de escrita a partir de 10 figuras disparadas por Roland Barthes: abandono, apneia, assinatura, bissemia, centro, círculo, embrulhado, prosa, tranquilidade, violência. Da escrita acadêmica como uma política da bolha: frágil, torpe, singular mas em constante movimento.

Palavras-chave: escrita acadêmica; pesquisa acadêmica; atelier

ABSTRACT

About what happens when you engage in academic research. About the ethical, aesthetic and political dimensions of writing a thesis on times like these. About creating a writing workshop in a Social and Institutional Psychology graduate program. About the effects and records of *weiting-with.* with the participants of the workshop, with the authors (academic and/or not), with the nonsense, libraries, musics, literatures. About the laughter and nausea of writing immerse in life. About the ingredients and 'how-to use's of a research. About the collective effects of writing from Roland Barthes's 10 abandoned figures: abandon, apnea, bissemia, center, circle, crammed, prose, signature, tranquility, violence. About academic writing as a politics of the bubble: fragile, nasty, singular but in constant movement.

Keywords: academic writing; academic research; writing workshop

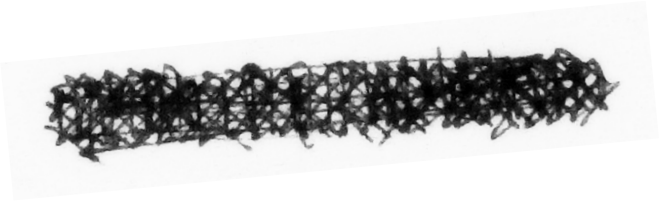


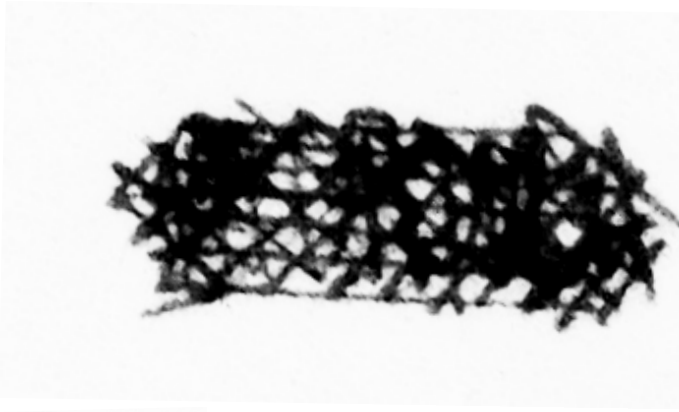
Sumário

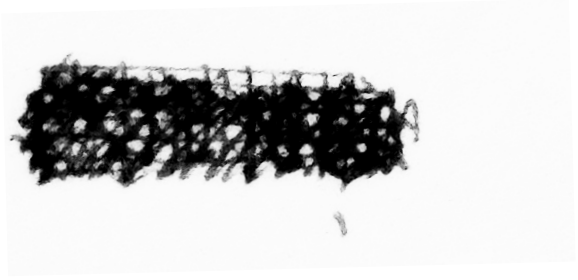
tudo começa em pizza 15
um entre tantos 16
a cerimônia ainda não começou 19
d/esta pesquisa 25
neutro/blues 30
receita de pesquisa 33
sou(be) 39
a biblioteca do sonho 40
no fundo, qualquer livro pode ser de lugar-comum 44
teus silêncios que falam tão alto 49
sobre as figuras 50
eu sou um outro 53
sobre os desenhinhos, etc. 54
mergulho,1 58
estes aos quais pertenço 61
pesquisar com 62
redoma 71
(políticas d)a bolha I 75
deriva 78
do(i)s perdidos 80
como um grito que se grite numa garrafa e se jogue ao mar como uma carta 83

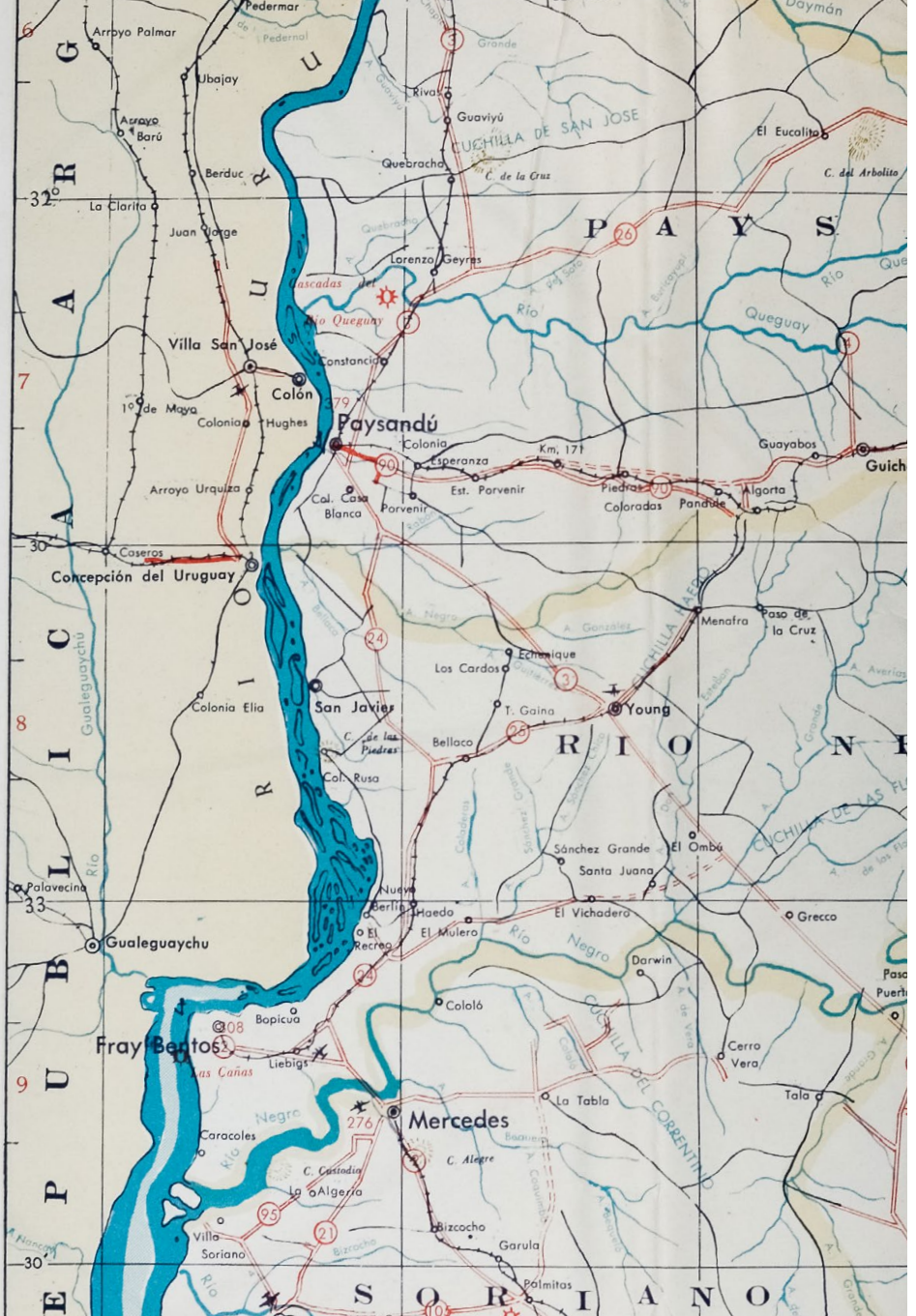
recusa 84
amor 87
“mas pior do que a barra é quando passa tanto tempo que a tela fica preta” 88
quando escrever? 91
políticas da aula 92
“o tempo para ler, o tempo para amar, ninguém tem tempo pra isso. esse tempo tem que ser roubado” 95
colheres 97
a-mor 102
na encruzilhada 105
espelho 110
onde a Norma pede respostas 113
democracia 123
preferiria não 124
bingo 127
há que se ter fôlego para voltar do mergulho 128
dizem que as crianças de classe média estão ficando doentes por viverem em ambientes limpos demais 130
o enforcado 133
uivo 134
rip 137
nocturna, abismos 138
demais 142
lista de pequenas mortes 145
que diabos é a paz? 147
avesso 151
pesquisar com/o (um armazém) 152
aracniana 158
se não nos deixam sonhar 161
um minutinho de paz 162
NÃO TENTE O MAPA 167
pausa 168
bukowski 171
seria __ de se pensar 172
silêncio, ou: bestiários de docência 175
o que temos feito de nós mesmos? 183
there are no johns, save those we make for ourselves 185
abandono 201
hey 203
eu não quero lembrar teu nome 205
é tão perigoso 207
como um anjo que cai ao chão 209
nó_no estômago 211
despir(-se) 213
para presente 219
estilhaço 221
tag yourself meme 222
este não é meu rosto de verdade 226
objetivo 229
möbius 232
arqueologias do texto 237
para viagem 238
modos possíveis de organizar uma biblioteca 239
carrego comigo 243

aos homenzinhos 244
império dos (sonhos) 251
leptospirose 252
[violento] 254
manual de instruções 257
malditos sejam! 259
tranquilidade 268
playlist 270
guardanapo 274
correios e telecomunicações, ou: como seria caso um de nós fosse reitor 278
de(m)b(r)ulhar 280
(políticas d)a bolha II 282
as artimanhas da tese: o que fazer em caso de incêndio 285
diário 290
provavelmente não 291
ir indo 293
como ler esta dissertação 294
fio de sangue 298
violência instantânea 302
catálogo das violências inenarráveis indefensáveis inexprimíveis ou apenas imensas demais para poder reagir ou comunicar de outra forma que não jogando a cabeça pra trás e escancarando a garganta em um grito rugido silencioso 304
bala perdida 307
escreva 309
latifúndio 310
vazio (de sentidos) 312
o avesso do visível 313
náusea 315
morais optativas 318
não é nada disso 321
Referências Bibliográficas 322
Índice Remissivo 338









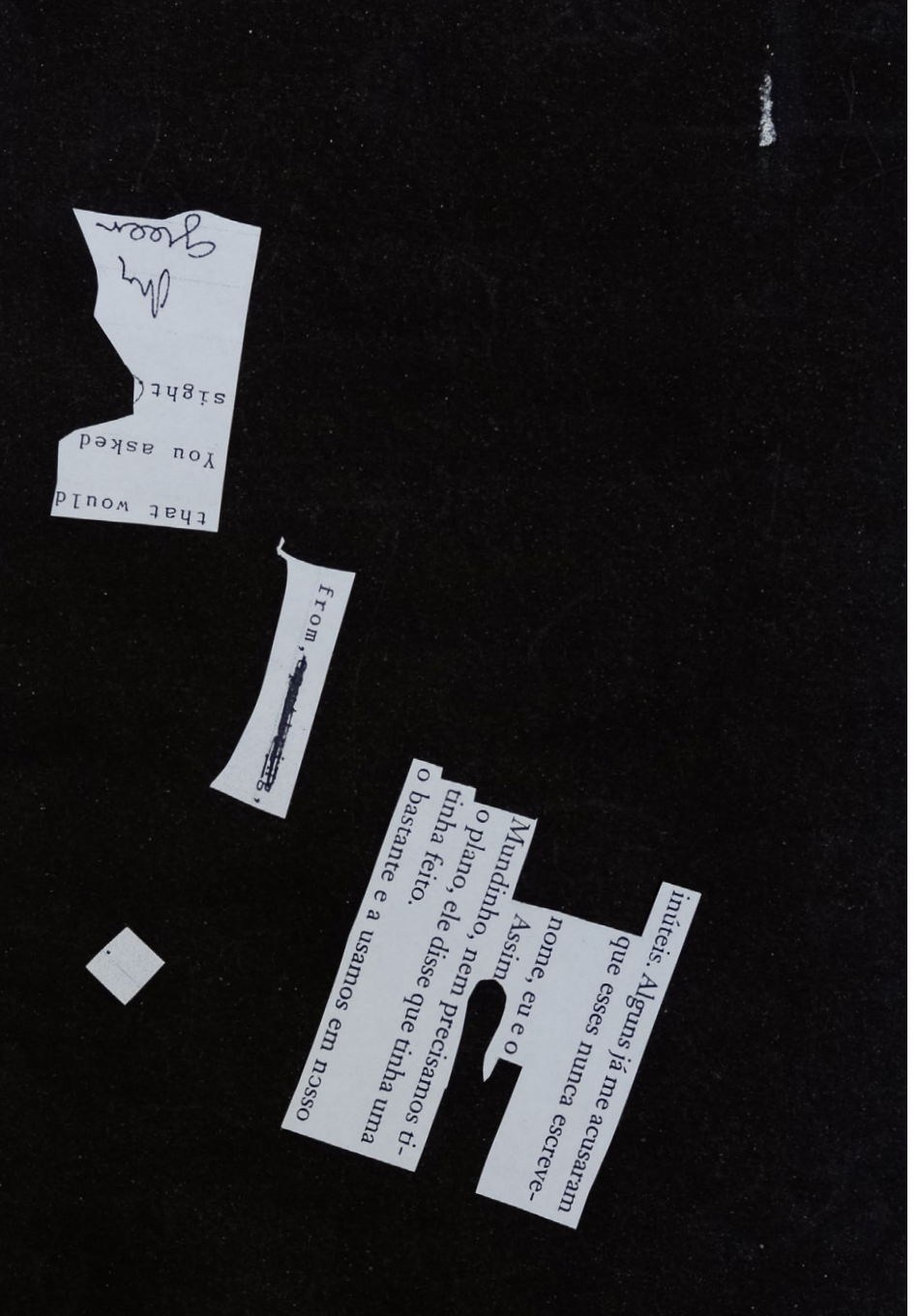
to whom it may concern.

Ao escrever o 'Fim' para esta história de pesquisa[1], achei prudente voltar aqui de novo, antes do início, à porta da frente, por assim dizer, e dar esta desculpa aos convidados que chegam: eu prometi-lhes uma pesquisa[2], mas algo não correu bem na cozinha. Acabou por se tornar um *diário* deste último e perturbado verão. Sempre poderemos encomendar umas pizzas, se necessário. Mas entrem, entrem.

1 *história da minha vida,* no original.

2 *autobiografia*, no original.

O começo é o mais triste, porque sempre se começa não porque se quer, mas porque é preciso: algo o obriga, não há saída, sem o começo não haverá o produto, se não se começa não se vai a lugar nenhum e dizem que é só dar o primeiro passo que o resto flui. Mas o produto não interessa, não se quer ir a algum lugar e o resto raramente é mais do que resto, e por isso o começo não passa do prenúncio de uma infinita falta de identificação. Todos querem que se comece, não custa nada, qual é o grande esforço de se dar o primeiro passo?



A cerimônia ainda não começou.

Esse texto requer você. Requer seu abandono. Comece por abandonar suas certezas, suas vestes identitárias. Dispa-se de seu saber. Fique nu para entrar aqui. Carregue consigo apenas seu corpo. Mova-se com ele. A cerimônia ainda não começou. Certifique-se de que você abandonou sua casa, sua instituição, seu brasão e sua bandeira, seu metro quadrado de saber, ali onde você impera.

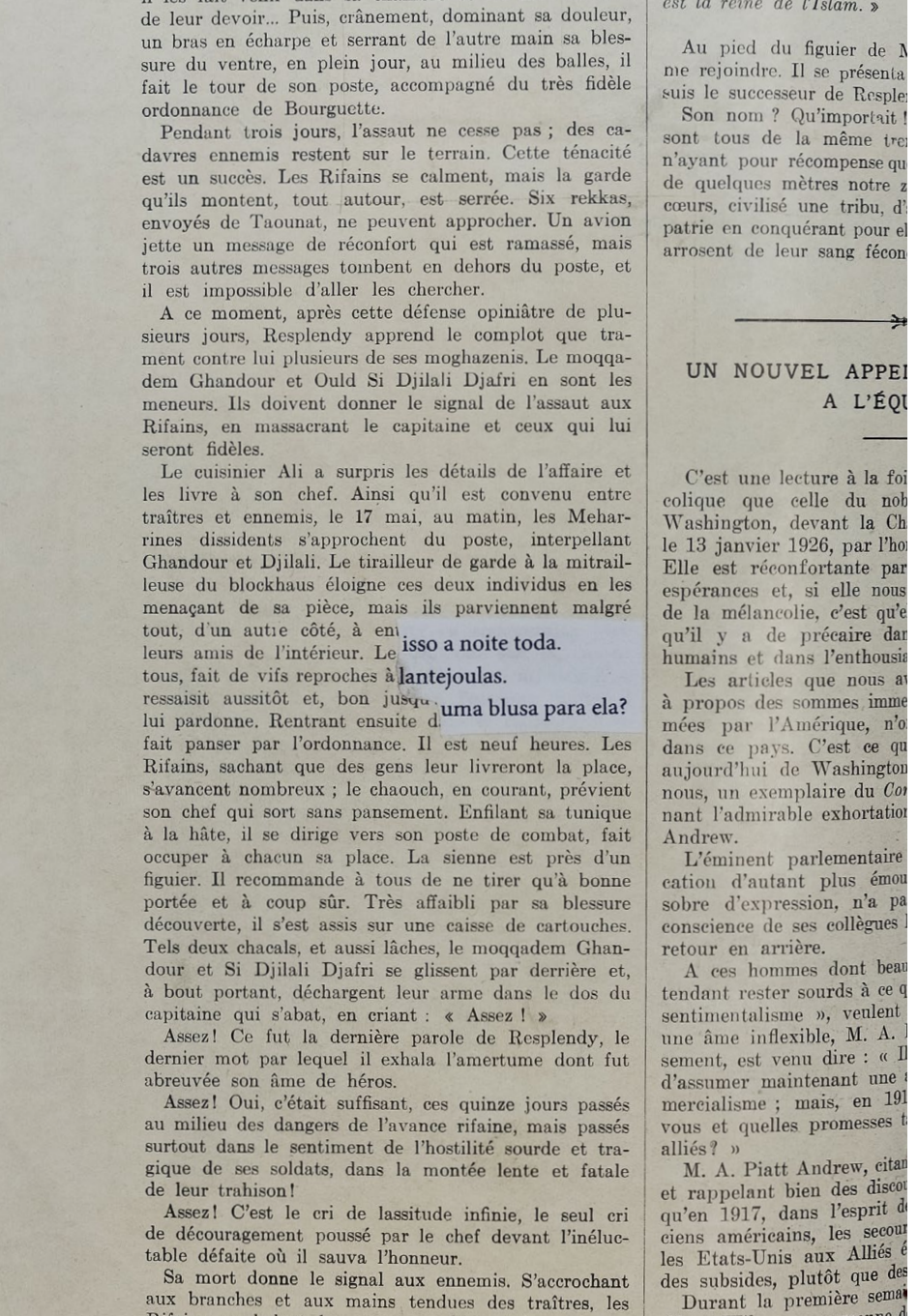
Diante de você há uma porta. Só você pode abri-la.
Você já a abriu, e pode fechá-la a qualquer momento. Feche se for necessário. O convite para atravessá-la permanecerá.

Pode dar enjoo. Pode dar vertigens. Pode ser que doa.

Mas entre. Sente-se. Respire.
Isso vai tomar seu tempo.
E seu corpo nu.

A cerimônia ainda não começou.

Você começou a duvidar de que se trata de uma tese. Mantenha-se em dúvida até o fim. Você começou a duvidar dessa arquitetura de portas para abrir. Mantenha-se em dúvida até o fim. Mantenha-se em dúvida. Duvide. Duvide o



de leur devoir... Puis, crânement, dominant sa douleur, un bras en écharpe et serrant de l'autre main sa blessure du ventre, en plein jour, au milieu des balles, il fait le tour de son poste, accompagné du très fidèle ordonnance de Bourguette.

Pendant trois jours, l'assaut ne cesse pas ; des cadavres ennemis restent sur le terrain. Cette ténacité est un succès. Les Rifains se calment, mais la garde qu'ils montent, tout autour, est serrée. Six rekkas, envoyés de Taounat, ne peuvent approcher. Un avion jette un message de réconfort qui est ramassé, mais trois autres messages tombent en dehors du poste, et il est impossible d'aller les chercher.

A ce moment, après cette défense opiniâtre de plusieurs jours, Resplendy apprend le complot que trament contre lui plusieurs de ses moghazenis. Le moqqadem Ghandour et Ould Si Djilali Djafri en sont les meneurs. Ils doivent donner le signal de l'assaut aux Rifains, en massacrant le capitaine et ceux qui lui seront fidèles.

Le cuisinier Ali a surpris les détails de l'affaire et les livre à son chef. Ainsi qu'il est convenu entre traîtres et ennemis, le 17 mai, au matin, les Meharrines dissidents s'approchent du poste, interpellant Ghandour et Djilali. Le tirailleur de garde à la mitrailleuse du blockhaus éloigne ces deux individus en les menaçant de sa pièce, mais ils parviennent malgré tout, d'un autre côté, à en
leurs amis de l'intérieur. Le
tous, fait de vifs reproches à
ressaisit aussitôt et, bon jus
lui pardonne. Rentrant ensuite d
fait panser par l'ordonnance. Il est neuf heures. Les Rifains, sachant que des gens leur livreront la place, s'avancent nombreux ; le chaouch, en courant, prévient son chef qui sort sans pansement. Enfilant sa tunique à la hâte, il se dirige vers son poste de combat, fait occuper à chacun sa place. La sienne est près d'un figuier. Il recommande à tous de ne tirer qu'à bonne portée et à coup sûr. Très affaibli par sa blessure découverte, il s'est assis sur une caisse de cartouches. Tels deux chacals, et aussi lâches, le moqqadem Ghandour et Si Djilali Djafri se glissent par derrière et, à bout portant, déchargent leur arme dans le dos du capitaine qui s'abat, en criant : « Assez ! »

Assez! Ce fut la dernière parole de Resplendy, le dernier mot par lequel il exhala l'amertume dont fut abreuvée son âme de héros.

Assez! Oui, c'était suffisant, ces quinze jours passés au milieu des dangers de l'avance rifaine, mais passés surtout dans le sentiment de l'hostilité sourde et tragique de ses soldats, dans la montée lente et fatale de leur trahison!

Assez! C'est le cri de lassitude infinie, le seul cri de découragement poussé par le chef devant l'inéluctable défaite où il sauva l'honneur.

Sa mort donne le signal aux ennemis. S'accrochant aux branches et aux mains tendues des traîtres, les

isso a noite toda.

lantejoulas.

uma blusa para ela?

est la reine de l'Islam. »

Au pied du figuier de M
me rejoindre. Il se présenta
suis le successeur de Resple
Son nom ? Qu'importait !
sont tous de la même ire
n'ayant pour récompense qu
de quelques mètres notre z
cœurs, civilisé une tribu, d'
patrie en conquérant pour el
arrosent de leur sang fécon

UN NOUVEL APPEL
A L'ÉQU

C'est une lecture à la foi
colique que celle du nob
Washington, devant la Ch
le 13 janvier 1926, par l'ho
Elle est réconfortante par
espérances et, si elle nous
de la mélancolie, c'est qu'e
qu'il y a de précaire dan
humains et dans l'enthousia
Les articles que nous av
à propos des sommes imme
mées par l'Amérique, n'o
dans ce pays. C'est ce qu
aujourd'hui de Washington
nous, un exemplaire du *Co*
nant l'admirable exhortatio
Andrew.
L'éminent parlementaire
cation d'autant plus émou
sobre d'expression, n'a pa
conscience de ses collègues
retour en arrière.
A ces hommes dont beau
tendant rester sourds à ce q
sentimentalisme », veulent
une âme inflexible, M. A.
sement, est venu dire : « I
d'assumer maintenant une
mercialisme ; mais, en 191
vous et quelles promesses t
alliés? »
M. A. Piatt Andrew, citan
et rappelant bien des disco
qu'en 1917, dans l'esprit d
ciens américains, les secou
les Etats-Unis aux Alliés é
des subsides, plutôt que des
Durant la première sema

tempo todo do tempo, duvide do espaço.

Você esperava ver alguma coisa.

Você não verá nada.
Esta tese não tem nada a ver. Não lhe dará nada a ver.
Pelo menos não com esses olhos duros que nasceram e se desenvolveram em sua face. Não com esses olhos.

Não haverá verdade alguma para ser analisada, sintetizada, avaliada, apreendida, disseminada. Não será possível colocar nada em tabelas. Não haverá um sistema de medidas prévio, não haverá escala estabelecida, não haverá nível, prumo ou cotas. Não traga sua trena, nem seu compasso, nem seu esquadro, nem sua balança. Elas são inúteis aqui. Todas essas ferramentas deverão também ser abandonadas. Mas não entre em pânico. Você terá novas ferramentas. Você as fará. Elas vão sendo feitas no caminho, criadas a partir do seu corpo. Apenas siga. Lembre-se que você pode sempre sair e fechar a porta.

Onde/Quando você entrará? É um espaço? É um tempo? Certamente. Apenas não espere reconhecer um espaço cartesiano, euclidiano. Um tempo linear, cronológico, histórico. Vamos por baixo. Pelos debaixos de toda representação. Vamos pelo avesso do visível.

Não conte com uma fonte iluminadora. Não haverá um astro regendo sua visão. Nem por isso se trata de escuridão, breu absoluto. Mas estaremos no território das sombras, sejam elas próprias ou projetadas. Em caso de escuridão acenda sua lanterna. Sua luz do fogo primordial. Esse fogo que você constantemente apaga, ou mantém em branda chama,

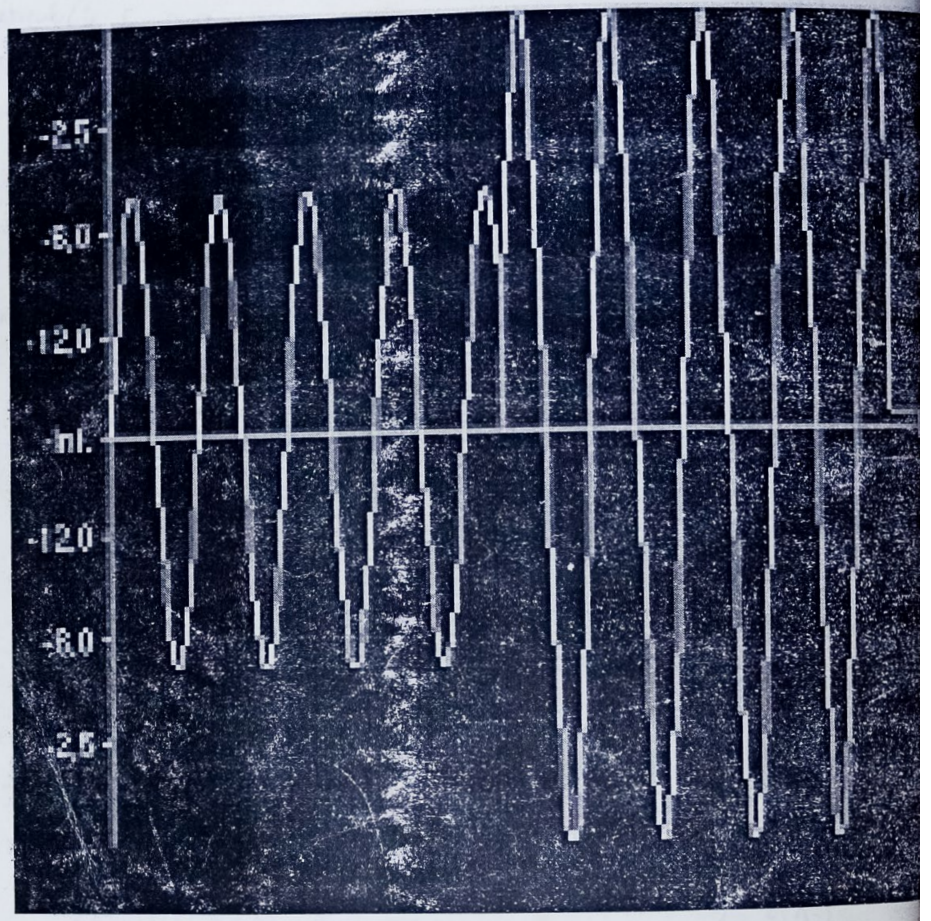
controlado. Você o possui. Use-o.

Será sempre noite. Algumas vezes sonho. Algumas vezes delírio. Algumas vezes cegueira. E algumas vezes nada disso.

Por toda parte, haverá só movimento. Da essência à superfície, do espírito à matéria, de você ao universo. Com sorte, você encontrará sentido onde não há. Ou melhor: com sorte, você criará um sentido. Andará pelas bordas, tensionando as margens, transpondo as fronteiras de um aqui e agora para alhures algures nenhures / para entrementes, doravante e outrora. Há de haver espaço.

Deixe-se espaçar.

A cerimônia já vai começar.



Você tem em mãos um caderninho.

Ele é simpático, desengonçado, *macio.*

Talvez você duvide um pouco que se trate mesmo de uma dissertação - ou de uma pesquisa, o que dá no mesmo.

Isto é bom. *Mantenha-se em dúvida até o fim.*

Esta pesquisa não conta com uma metodologia segura, com um centro, com um software para a análise de dados. Ela não se apoia em grandes autores, em quantificações, laboratórios ou em qualquer teoria pré-existente. Ela é, no máximo, um *co*-laboratório, e isso já está de bom tamanho.

Ela não se arrepende nem um pouco.

Vai ter quem diga que é loucura, que é bagunça, que é insensato. Vai ter quem dê um sorriso amarelo e diga que é *bonitinha*. Vai ter quem ame. Vai ter quem ache absurdo uma coisa dessas num programa de pós-graduação. Aliás, se você fizer cara de mau e insistir de forma firme e argumentada que ela não é uma pesquisa, é bem possível que ela dê de ombros e diga que *pode ser, tanto faz.*

Ela não se importa.

Ela se vira sozinha.

(mas às vezes é possível ouvir seus uivos na sacada, nessas noites longas de melancolia e solidão.)

Esta pesquisa tem medo, ela se borra de medo.

Mas, se tiver que fazer, ela faz com medo mesmo.

Ela apanha, e ainda assim não desiste da luta.

Ela compra a briga.

Ela *se envolve*.

Esta pesquisa não é asséptica, nem limpa, nem impessoal. Bem pelo contrário. Ela tem corpo, tem sangue, *respira.* Ela sobe em árvore, entra no rio e rola no chão. Ela vai nos protestos, não fura a greve, faz a ronda nas ocupações. Ela assiste netflix e olha o facebook. E também olha pro nada, às vezes, quando você não está reparando. Ela olha pro abismo, o abismo olha de volta. Ela olha lá no fundo dos seus olhos, e olha dentro dela mesma. E ela não fica só olhando - ela *entra.*

Ela entra e respira e *mergulha*.

Ela *nada*, em vez de só se deixar afundar.

Esta pesquisa não precisa de convite.

Ela não precisa de passaporte, carteirinha, ou da sua permissão. Ela põe um clips na fechadura, pula a janela, se esconde num canto até a hora de fechar. Às vezes ela chuta a porta, mas não é muito do seu feitio. Ela é pequena e esquiva. Ela sabe que a melhor tática não é sempre enfrentar.

Ela é cinzenta e sorrateira e caminha pelas sombras[3].

Ela sabe seus horários, sabe onde você mora.

Ela estará ao seu lado no meio da noite se acaso você acordar[4].

Esta pesquisa não tem um rosto, não tem um nome, não tem um corpo.

Ela tem vários, o que é o mesmo que ter nenhum.

Esta pesquisa não quer a fama ou o reconhecimento. Não façam estátuas ou uma rua em homenagem, não a aprisionem em um expositor. Esta pesquisa quer é estar nas ruas, nos ônibus, nos muros, no chão da feira. Ela quer se esconder onde todos a vejam.

3 ela é como o Lorde Vetinari em Night Watch. (PRATCHETT, Terry. Night Watch. New York: HarperTorch, 2003.)

4 VERÍSSIMO. L.F. Sozinhos. In: _____. Comédias da vida privada. Porto Alegre: LP&M, 1996

Ela não estará nem quer estar nas revistas.

O que ela quer é se espalhar como os ratos.

Ela quer ir por baixo, entrar aos poucos, e quando for ver já se tornou infestação.

(porque não, ela não tem nada melhor pra fazer.)

Esta pesquisa é desocupada e ocupante.

Ela ocupa prédios e fazendas e escolas. Ela ocupa as vagas. Ela ocupa o seu tempo.

Ela ocupa os espaços habitados e vazios.

(os espaços habitados às vezes ela quebra, ela saqueia, às vezes deixa alguma coisa escondida, ou muda os móveis só um pouquinho de lugar.)

Os espaços vazios, estes ela deixa. Ela respeita. Ela ocupa para defender o seu direito de continuarem vazios.

Esta pesquisa não quer preencher os silêncios.

Esta pesquisa quer deixar ecoar.

Esta pesquisa não acha que tudo precisa ser útil ou imediato.

Esta pesquisa não tem resultado ou conclusões.

(ah se a capes descobre que é pra *isso* que eles pagaram uma bolsa)

Esta pesquisa talvez não seja muito uma pesquisa. Talvez ela seja um pouco uma ante-pesquisa, como a antessala que vem antes das salas propriamente ditas. Ou então uma espécie de meta-pesquisa, pois ela fica na coxia, cuidando o que acontece no palco, mas sem nunca entrar para atuar. Ou talvez não seja um palco, e sim um espelho. Pois ela se sabe pesquisa. Ela se pensa pesquisa. Ela se reconhece e se *monta*[5] pesquisa.

Esta pesquisa não é uma análise.

5 "montar-se", aqui, no sentido dado pelas bichas, drag queens e travestis: se arrumar para a noite, pôr peruca e maquiagem (real e metaforicamente), montar-se enquanto esse personagem, essa *persona*, que pode ser você, mas que também *não é.*

Esta pesquisa não é uma crítica.

Esta pesquisa não é uma estética.

Esta pesquisa não é um experimento.

Se qualquer coisa, esta pesquisa é uma *experiência.*

Bem assim no sentido larrosiano[6], imergindo nas suas matérias, sentindo, deixando-se afe(c)tar. Assim tentando escapar das teias dos discursos pré-concebidos.

Esta pesquisa não recolhe dados, ela recolhe coisas.

Ela é como uma roupa toda de velcro que você usa para entrar em uma sala cheia de roupas e tecidos[7]. Ela gruda. Ela pega. Ela incomoda.

Ela é um inventário de jogo, um carrinho de mendigo, uma mochila de nômade.

Ela é uma pesquisa de lugar-comum[8].

6 LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação,. núm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28

7 BRÜNO. Direção: Larry Charles, Produção: Sacha Baron Cohen. Culver City (EUA): Sony Filmes, 2009.

8 assim como os livros ou cadernos de lugar-comum. Estes eram (e são) cadernos onde as pessoas costumavam transcrever trechos de livros e textos que achavam interessantes, poemas, notas, desenhos, pensamentos próprios. Eles são comuns desde antes mesmo do Renascimento, e vários autores famosos, como Oscar Wilde e H.P. Lovecraft, já tiveram seus cadernos de lugar-comum publicados. (FLEMING, 2012). Esta dissertação adota o caderno de lugar-comum como estética/estrutura; da mesma forma que David Shield (2010) publicou um livro nesse estilo, onde citações de várias fontes e escritos do próprio David apareciam misturados e sem identificação de qual era sua procedência, aqui nós misturamos trechos de livros, escritos produzidos no Atelier, textos próprios e excertos dos caderninhos, sem grandes critérios ou preocupações (mas há um índice remissivo ao final, para os que se derem ao trabalho de seguir os caminhos do intertexto). Assumimos, assim, a voz deste trabalho como uma voz plural, uma escrita polifônica de diferentes textos que se entrelaçam, se atravessam e se compõem (Ó, 2017) - como um campo de jogo, onde esses autores de diferentes ordens dançam juntos em favor de um mesmo texto.

Esta é uma pesquisa do comum, do mundano, do cotidiano.

Ela traz a textura dos dias, a atmosfera da vida, as pequenas insignificâncias sobre as quais se acomoda a escrita. Ela leva em conta os espaços, os passarinhos que cantam lá fora e que nos roubam do texto, o gosto amargo do não-escrever. Ela toca as marcas do texto na pele, cheira os rastros do corpo na escrita. Esta é uma pesquisa com os cinco sentidos.

Ela chora e grita e dá risada.

Ela canta a sua própria canção.

Esta pesquisa não se importa se você não entender nada. Ela não quer ser resumida. Ela não quer ser apresentada. Ela não quer virar matéria de um power point.

Esta pesquisa existe para ser debulhada e recortada e roubada.

Ela quer que você risque e rabisque.

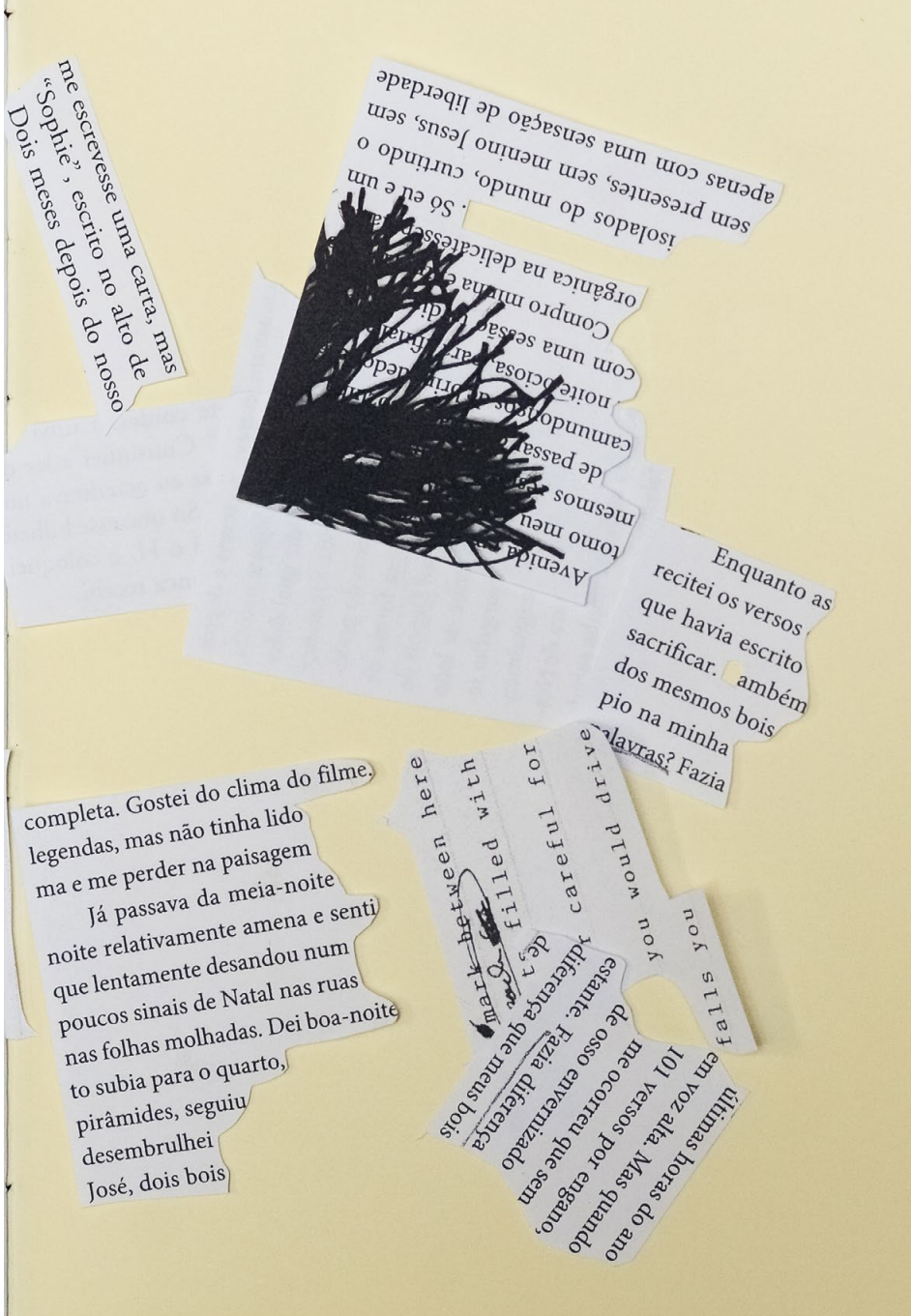
Ela quer que você participe. Que você faça um barquinho ou uma bola de papel.

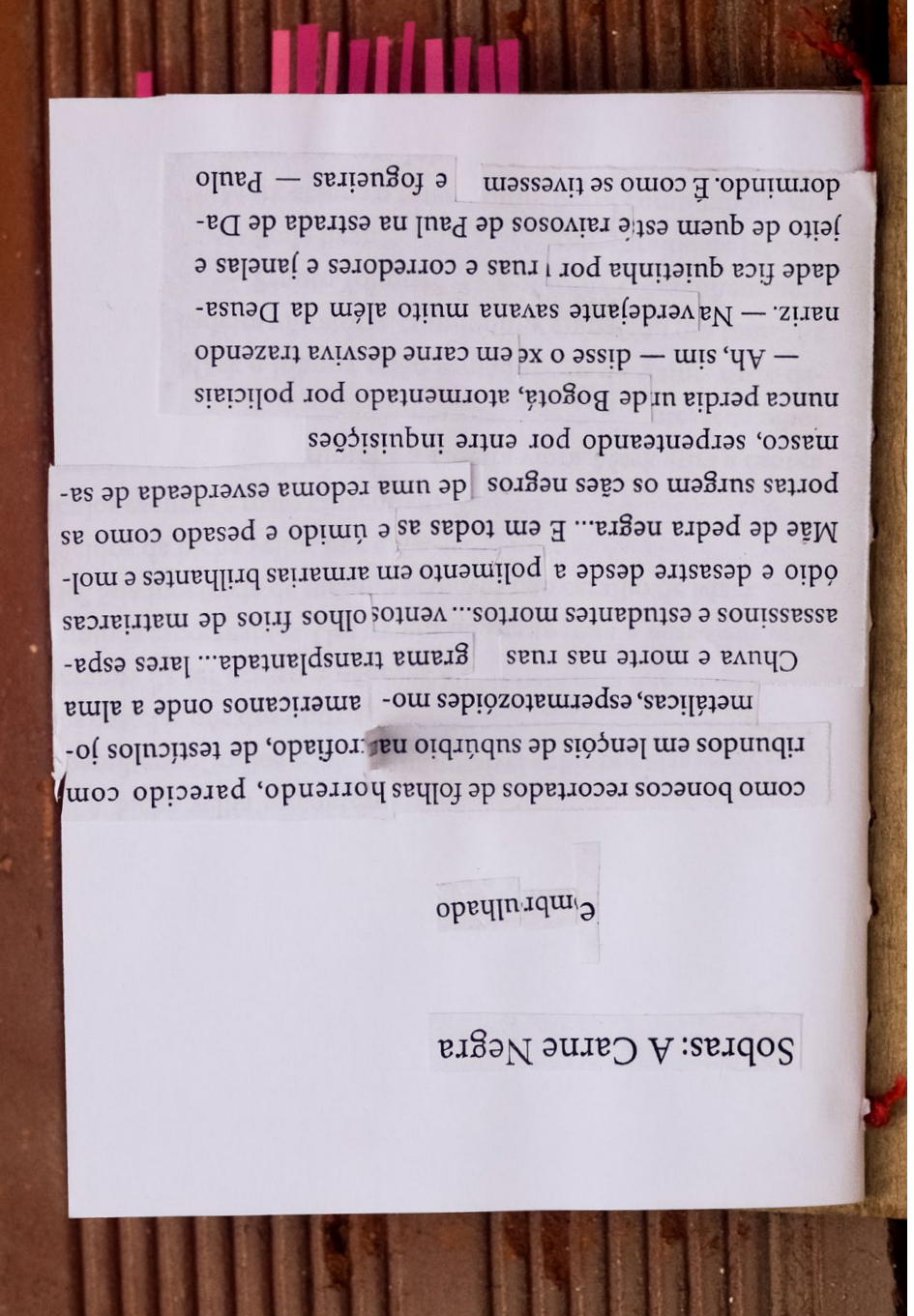
Esta pesquisa não sabe muito o que quer, mas sabe bem o que não quer.

E esta pesquisa não queria ter um texto explicativo que a matasse assim logo de início.

-- utopia e poesia
|
|
uma conversa infinita no neutro.

Eu sou o menino
que abriu a porta das feras
no dia em que todas as famílias
visitam o zoo.





INGREDIENTES DESTA PESQUISA:

01 atelier de escritas
21 participantes
02 proponentes (a saber: o pesquisador e seu Orientador)
10 figuras abandonadas d'O Neutro[9]
10 caderninhos artesanalmente produzidos
um moodle esteticamente aprazível
01 sala comum (prédio da Psicologia)
uma boa dose de barulhos de obra
01 sala incomum (prédio da Faced)
02 garrafas térmicas
uma quantidade insuficiente de chá ou café
tesouras
textos

9 BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Em uma pequena nota de rodapé, em um cantinho do final do livro (p.401), o editor menciona dez figuras que deveriam ter feito parte do curso, mas que acabaram sendo abandonadas por Barthes (abandono, apneia, assinatura, bissemia, centro, círculo, embrulhado, prosa, tranquilidade, violência.). Qualquer coisa fez com que esta pequena insignificância saltasse aos nossos olhos; o que esses títulos evocariam? Por que abandoná-los? Por que manter seus nomes no manuscrito, sabendo que não iria dar-lhes prosseguimento? Agindo dentro da proposta desta pesquisa, então, tomamos para nós a tarefa de fazer sua ficção, de roubá-las para nós e nos valermos delas para evocar aquilo que queremos dizer. Ou seria aquilo que elas nos fazem dizer? (talvez a linha que separa leitura e escrita seja menos uma *linha* do que uma zona turva, esfumaçada.)

afe(c)tos
15 encontros planejados
01 ocupação
10 ou 11 encontros efetivos
praças, pátios, esquinas (democráticas), bares
cadeiras de praia
um punhado de autores que amamos
medos/inseguranças
silêncios (des)confortáveis
prazer
aquarelas e flores e lápis de cor
colheres
02 garfos[10]
linhas de bordado e de fuga
alguns segredos
uma banca com pessoas interessantes e interessadas
21 alunos
02 co-professoras
15 segundas-feiras
algumas crises de ansiedade
01 turma de psicologia da educação
01 poema coletivo
02 e ½ colegas do grupo de pesquisa
aproximadamente 12 encontros presenciais de orientação
18 livros comprados
09 livros emprestados
27 livros renovados na biblioteca por mais de um ano
03 diferentes cadernos de anotações
02 pastas A4 codificadas por cor

10 esta pesquisa utilizou-se da metodologia de confecção de pompons para fins de redução de danos e controle de ansiedade. Durante as quatro semanas finais da pesquisa, foram produzidos um total de 16 pompons amarelos.

mais ideias do que tempo

MODO DE USAR:

Atelier:

Coloque os 21 participantes e os 2 proponentes na sala da Psicologia. Seduza-os com um moodle esteticamente aprazível para garantir que tudo dê certo.

Apresente as 10 figuras d'O Neutro e distribua-as por grupos. Mande os participantes trazerem materiais relacionados à sua figura, e deixe que façam os 10 caderninhos[11].

Adicione barulhos de obra até que os participantes não possam ouvir uns aos outros. Transfira-os para a sala da Faced. Acrescente chá ou café.

Peça que cada um traga um texto relacionado a uma das 10 figuras. Traga tesouras. Faça cut-ups[12] e transforme os textos

11 A proposta foi que elaborássemos 10 caderninhos artesanais, cada um correspondente a uma das figuras abandonadas d'O Neutro. Estes cadernos passeariam pelos participantes ao longo do semestre, durante e além dos encontros do atelier, e a pessoa que estivesse com o caderno durante aquela semana ficaria responsável por olhar o mundo com o filtro daquela figura (pensando seus encontros a partir do Abandono ou da Bissemia, por exemplo); os cadernos, então, funcionariam como redes para pescar quaisquer textos, ideias, rabiscos, pensamentos que atravessassem seus caminhos e que de alguma forma entrassem em ressonância com a ideia daquela figura. A proposta nunca foi estabelecer qualquer definição para seus significados: as experiências de cada um e aquilo que se fosse agregando a cada caderno é que iriam, aos poucos, se compondo para tecer significâncias possíveis.

12 BURROUGHS, William. O método do cut-up. apud COSTA, Cristiano. Arquitetura do corpo: Cut-up. In: GONÇALVES, Carla (org), Caderno de notas 5: oficinas de escrileituras: arte, educação, filosofia. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2013. p. 51-64.

em uma outra coisa. Cole-os nos respectivos cadernos.[13]

Deixe os cadernos transitarem livremente pelos participantes ao longo do semestre, como se fossem cadernos temáticos de lugar-comum, ou uma espécie de velcro que vai grudando textos e ideias e vestígios de por onde e o que ele passou.

Vá seguindo seu plano de 15 encontros da maneira mais ordenada possível[14]. Proponha atividades de escritas que orbitem os autores que amamos que o grupo trouxer. Orbite a escrita também.

Acrescente medos/inseguranças, prazer e silêncios (des)confortáveis a gosto.

Despeje sobre esta mistura 01 ocupação e deixe esfriar. Distribua a mistura por praças, pátios, esquinas (democráticas) e bares, fazendo uso de cadeiras de praia sempre que possível.

Mexa os participantes constantemente, para que não grudem ou evaporem. Ao fim de 10 ou 11 encontros, declare o semestre acabado. Agradeça a todos e, depois de algum tempo, recolha os caderninhos. Reserve. (Fique se perguntando o que aconteceu com aquele que não voltou.[15])

Escreva algumas coisas sobre isso tudo. Você pode usar os ingredientes que tiver em casa (cuide para que não estejam estragados), mas tenha em mente que o resultado final tem que se parecer vagamente com uma dissertação. Repita até encher um número adequado de páginas. Reserve.

Estágio de docência:

Em uma sala à parte, acrescente 2 co-professoras, 21 alunos e algumas crises de ansiedade. Mexa até se tornar uma turma de psicologia da educação II. Distribua em 15 segundas-feiras e asse em fogo baixo até formar um poema coletivo. Publique.

Sirva separadamente.

Dissertação:

Pegue seu Atelier, os 10 caderninhos e as páginas que você escreveu sobre isso, e passe pelo orientador. Se quiser deixar mais crocante, passe também pelos 2 e ½ colegas de pesquisa.

Faça uma calda com os livros, os cadernos de anotações e as pastinhas, cuidando para não ficar aguada. Resfrie. Use esta calda para rechear o Atelier.

Decore com pompons amarelos e sirva para uma banca com pessoas interessantes e interessadas.

Bon apetit!

13 todas as imagens ao longo desta dissertação que apresentam textos recortados são frutos desta atividade.

14 não se preocupe, isso não significa muito.

15 É provável que nossa expectativa inicial sobre o que os caderninhos devolveriam tenha sido um tanto otimista - não em termos de qualidade, mas em tipos e frequências de intervenção.Mas o semestre, as ocupações e a vida acabaram se revelando densos para todos nós, e isto se expressou também ali. O que tivemos foi uma bela e interessante estética de páginas vazias, onde era preciso calma e dedicação para encontrar-se com as marcas dos passantes. O abandono, a falta de fôlego (ou talvez de tempo) transpareceram nos vazios e nos textos; e, se o caso for analisar os resultados com qualquer pretensão estatística, talvez diga muito o fato que, de todos os dez cadernos, aquele com mais e maiores intervenções foi, de longe, o *Violência.*

Sou.

Sou?

Verbo tão pesado. Para suportá-lo, preciso inflacioná-lo. Imprimi-lo e imprimi-lo, desvalorizá-lo. Que sou? A mão que escreve, e o risco traçado. As palavras anteriores ao papel, que não chegam a descer a ele. O desejo e o medo da escrita, esposados na necessidade por ela. A descrença do que acredito, e a fé em alguma outra mentira.

Sou segue pesado. Talvez seja a absurda primeira pessoa. Primeira - desrespeitoso disparate. Nada contra o disparate, mas esse não! Escrevo com as palavras dos outros, com a mão dos outros, com a carne do outro. Não desejo (nem para esse duvidoso mim, nem para ninguém) a solidão ou a prioridade da primeira pessoa. Me quero tardio, coletando do mundo o que os outros deixam nele.

Quero talvez ser a coleta de citações alheias que um Benjamin propõe. A mentira proferida que deixa de ser mentira quando proferida, que um Moore que se descobre mago, malabarista de símbolos, anuncia. A dúvida que relia ontem - que eu re-paria em mim ontem - entre ser jogador e brinquedo. Quem joga com quem? Escritor e escrita, quem é o brincante e quem é o brinquedo?

O ensaiar que se acha e se perde no escrever… Aquele que tenta um mundo.

O escrever. O resistir ao escrever.

O resistir ao escrever.

"Tópica: passear _____[16] por um certo número de leituras = procedimento da tópica: grade sobre a qual se deixa um 'assunto' zanzar."

Aqui: passeá-la por uma rede de leituras, de pessoas, de encontros: ou seja, uma biblioteca.

Mas que biblioteca?

A nossa biblioteca.

[**biblioteca** *sf*:

1. Coleção de livros, dispostos ordenadamente. 2. Livraria. 3. Edifício público ou particular onde se instalam grandes coleções de livros destinados à leitura de frequentadores ou sócios. 4. Coleção de obras de um autor. 5. Coleção de obras sobre assuntos determinados. 6. Coleção de obras de um povo. 7. Estantes ocupadas por livros. *Biblioteca circulante: a)* coleção de livros que gira dentro de um grupo de instituições, tais como pequenas bibliotecas públicas ou escolas; *b)* biblioteca cujos livros circulam fora do recinto e podem, por tempo limitado, ser levados por empréstimo pelos consulentes. *Biblioteca de função (Inform):* coleção de funções que pode ser usada por um programa. *Biblioteca de ligação dinâmica (Inform):* em certos sistemas, biblioteca de programas utilitários que pode ser chamada a partir de um programa principal. *Biblioteca de programa (Inform):* coleção de programas ou livros pertencentes a uma pessoa; biblioteca de software. *Biblioteca de software (Inform):* Variação de biblioteca de programa. *Biblioteca viva:* homem muito erudito.] [17]

[ou ainda]

[**biblioteca** *sf*:

algo feito de livros, de acasos, de gostos, de encontros, de obrigações, de curiosidades, de lembranças, de solicitações, de presentes, de amigos, de acidentes, de ideias, de infâncias, de paixões, de invenções, de ódios, de sonhos, de medos, de migalhas, de viagens, de espaços, de capas, de edições, de estéticas, de marcas, de riscos, de carinhos, de afe(c)tos, de epifanias, de caderninhos, de aulas, de passarinhos, de alunos, de professores, de conselhos, de cicatrizes, de objetos, de detalhes, de histórias, de estórias, de repetições, de esquecimentos, de cartas, de papeizinhos, de bilhetinhos, de espaços vazios, de silêncios, de ausências, de abandonos, de apneias, de bissemias, de centros, de círculos, de prosas, de assinaturas, de embrulhos, de tranquilidades, de violências, de roubos, de traduções, de etcétaras.]

Biblioteca de um sujeito = uma identidade forte, completa, um "retrato".[18]

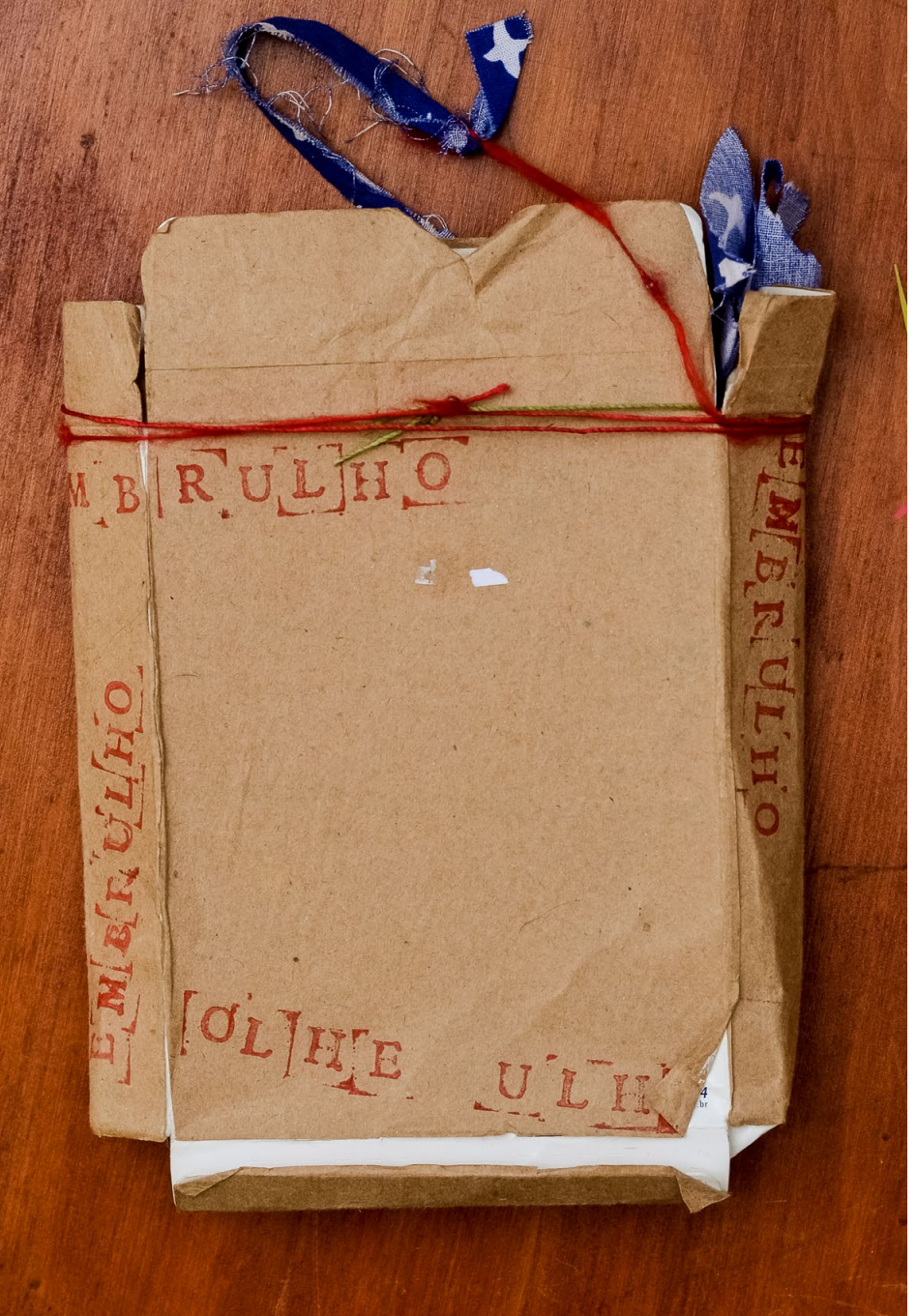
[assim como: conhecer um sujeito pelas coisas que carrega na bolsa, pelo seu reencantamento forjado com elas, por com quem anda, pelo que come, pelo formato de suas portas[19], pelos seus espaços, pela sua fama, pelos seus gestos, pelas suas ausências, pelos seus abandonos, pelas suas apneias, pelas suas bissemias, pelos seus centros, pelos seus círculos, pelas sua

16 BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004. No original: O Neutro. Aqui: a pesquisa, o Atelier. Em outros casos, preencher com o substantivo apropriado.

17 BIBLIOTECA. Dicionário online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/biblioteca/>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

18 BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

19 PEREC, Georges. Especies de espacios. Barcelona: Montesinos, 1999.



prosa, pelas suas assinaturas, pelos seus embrulhos, pelas suas tranquilidades, pelas suas violências, pelas suas referências bibliográficas, pelo seu currículo, pelo seu orientador, pelo seu endereço de email, pelos títulos dos seus textos, pelas formas, pelo corpo da sua pesquisa.]

Como pensar em nada? Como pensar em nada sem pôr automaticamente algo ao redor desse nada? [20]

Traduzir, explicar: nada senão tentativas imprecisas de aproximação.

Minha biblioteca: por onde transita meu corpo, as folhas de outono que trago grudadas nos pés.

Minha biblioteca é meu contorno.

20 PEREC, Georges. Especies de espacios. Barcelona: Montesinos, 1999.

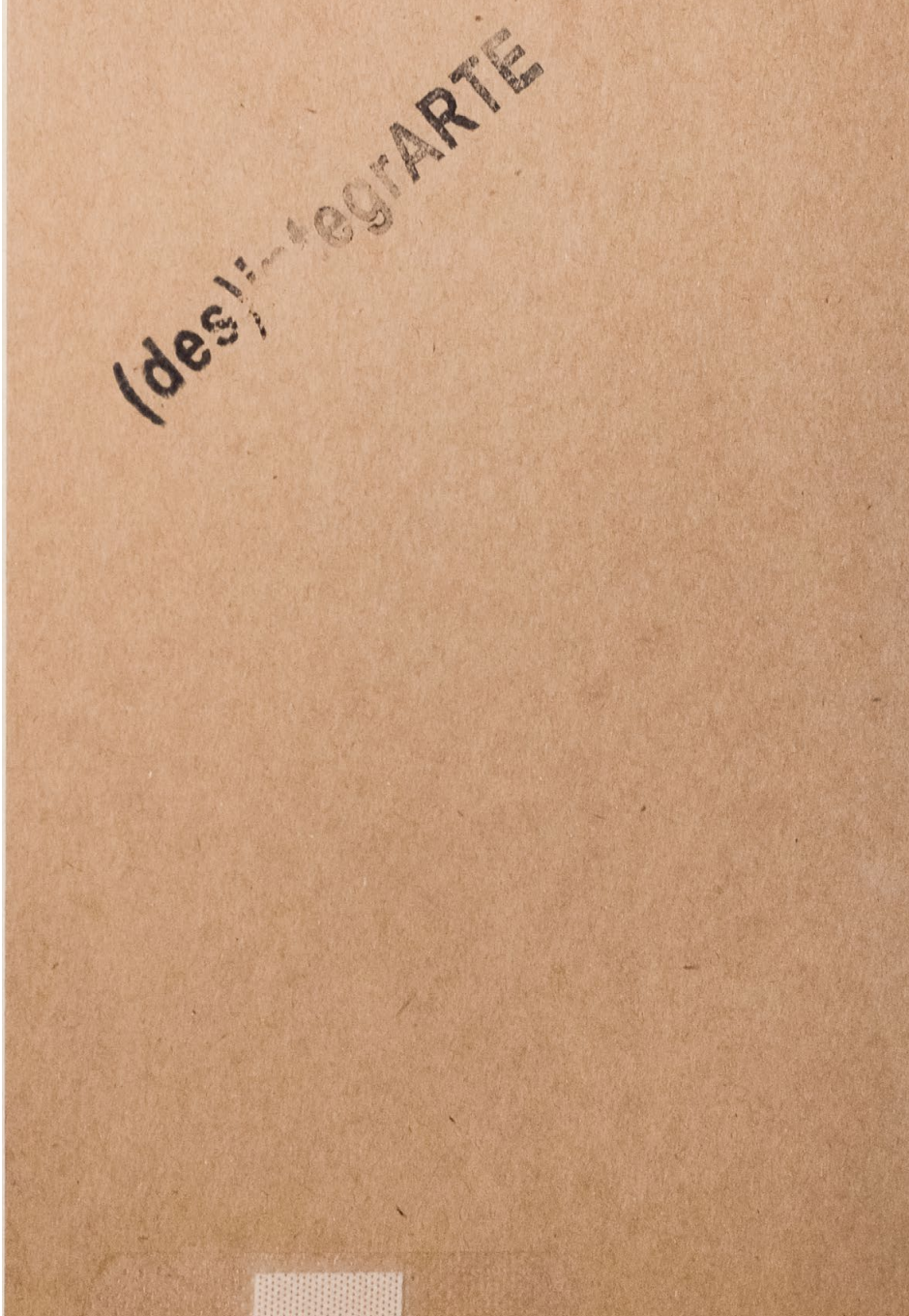
Gostava de compor com referências estranhas, trazer ao texto outros textos que provavelmente não fariam sentido. Mas *faziam.* Gostava de usar literatura infantil. Talvez porque ninguém se escondia atrás da pretensão de palavras complicadas.

[gostava de pensar a pesquisa como se fosse ser lida por uma criança curiosa.]

Gostava de trazer a geografia para passear pela psicologia, de trazer os quadrinhos para passear por Deleuze, de trazer a linguística para passear pelo parque. Acho que era por isso que levava tantos livros nos bolsos. Não que fosse lê-los, não que fosse abri-los, mas achava um pouco triste esse destino dos livros de sempre apenas habitar as estantes. Achava que eles precisavam de sol. Só ter um livro na bolsa já levava as coisas para *outro lugar.* E, se R.B. falava de *ler levantando a cabeça,* então é verdade que mais *levantava a cabeça* que lia. Uma palavra já percorria distâncias.

Por isso era tão raro que chegasse ao fim dos livros.

Gostava também de passear com as coisas nos livros, de desenhar, de colocar papeizinhos. Achava um desperdício terem inventado os marcadores de página, quando havia por aí tantos objetos inúteis que exerciam perfeitamente a função, tal como as cartas de baralho ou as flores ou mesmo as contas e as cartas de amor. E os livros de culinária, que eram marcados por farinha ou por gordura naquelas receitas preferidas. E os caderninhos, que eram marcados sempre exatamente naquela uma página que a gente arrancou. [na verdade, achava meio estranho que algo que não está lá ainda assim ocupasse espaço, mas talvez fosse o espaço exato da voz do papel que gritava um



possível perdido.]

Também era verdade que, no começo, achava violento que se escrevesse nos livros. Gostava de deixá-los em branco para poder tropeçar em diferentes palavras a cada vez que os lia. Mas o fato é que nunca os lia de novo, e um dia alguém disse isso. Então começou a pensar. E a marcar. Marcava, sobretudo, corações ao lado das coisas bonitas. Os textos de R.B. eram sempre os mais cheios de corações. [nos textos acadêmicos, achava violento quem sublinhava aquilo que era importante. Tinha mesmo um pouco de pena, não sabia se dos livros ou dos leitores, por se submeterem a uma leitura assim tão utilitária. Achava uma pena que certos livros não fossem lidos *sorrindo*[21]. E sorria, assim doce, *macio*. Tinha saudade dos tempos em que todos os livros que lia lhe conseguiam provocar um sorriso. Também tinha saudade das fichas de biblioteca, que davam nomes aos dedos que haviam estado ali. Gostava de imaginá-los. Ficava pensando se alguém algum dia ficaria imaginando quem era.]

Por isso agora riscava.

Escrevia seus afe(c)tos. Inscrevia-se nos livros.

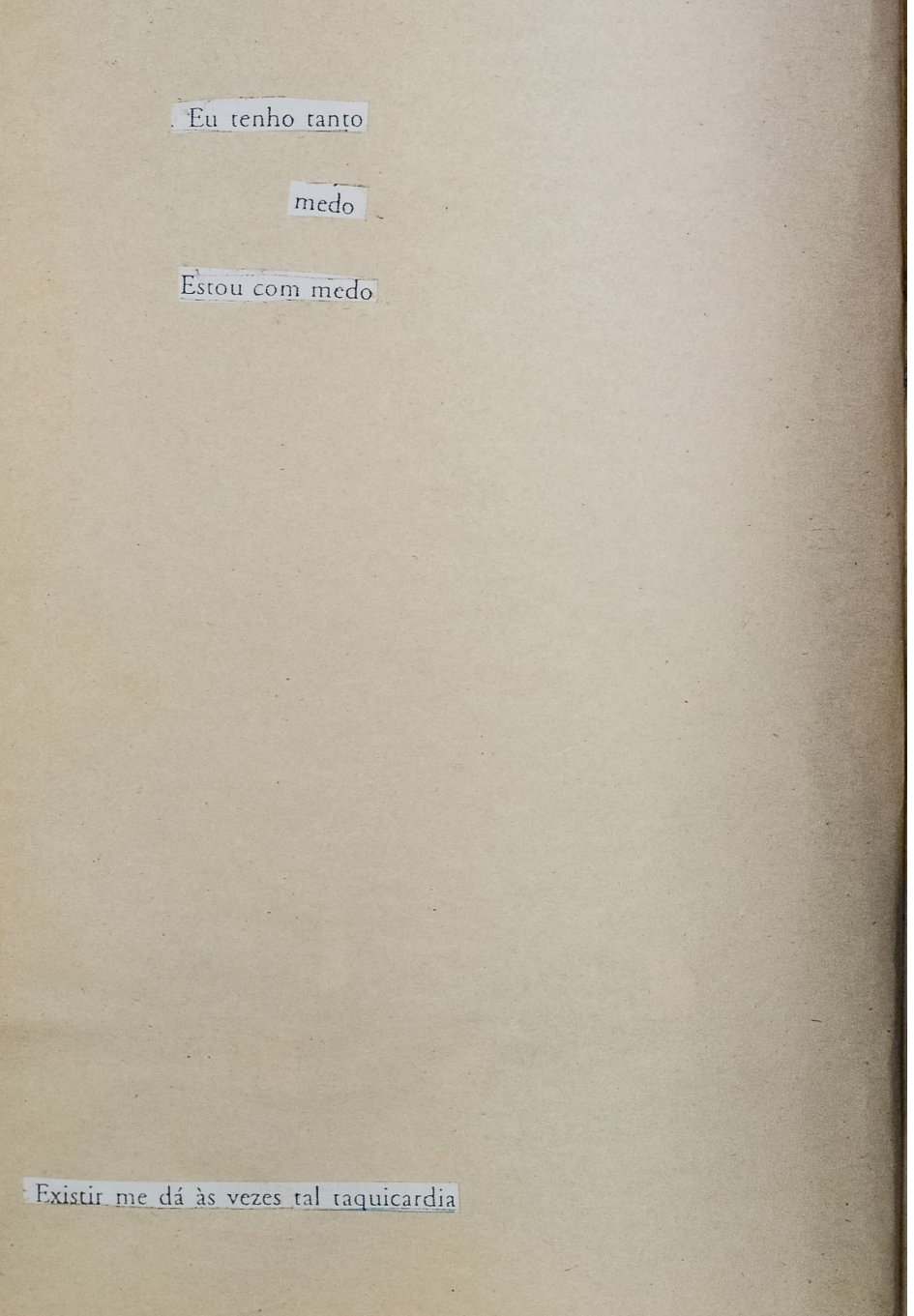
Pouco a pouco, seus livros se tornaram cadernos.

Diários.

Onde o que lia não era mais o texto, mas sim os ecos dos corpos que por ali se marcaram.

21 " '*Aqueles que lêem Nietzsche sem rir, e sem rir muito, sem rir freqüentemente,e às vezes sem dar gargalhadas, é como se não lessem Niezsche*' (Deleuze, 1985, p. 63). Poderíamos dizer que quem lê Nietzsche rindo talvez escreva um ensaio; quem lê Nietzsche sem rir escreverá uma tese de doutorado" (LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.28, n.2, pp.101-115, jul/dez, 2003.)

Foi comprovado que o se traduz por um incremento, de certas , cuja varia segundo a natureza da mensagem. Ao mesmo tempo, a quantidade de das satélites diminui, como se estas sacrificassem suas reservas em benefício dos . A informação contida na converte-se, segundo Hyden, no impulso que um rônio envia a seus vizinhos.



Entro em um embate. Autorretratar-me? Como, se meus olhos míopes não enxergam quem os carrega?

Ansiosa, tenho a angústia da escrita. Minhas mãos, sempre trêmulas, tremulam a letra que pode vir a virar fala. Tenho quase horror à fala, sobretudo em público (há tanta coisa que se diz em silêncio)

Tenho a mania da metáfora. A poeta que não fui reclama um lugar em meio à pesquisa. Talvez possa dizer que meus olhos míopes não tenham problema em enxergar a poesia das coisas, de tudo. Por isso minhas pesquisas são tentativas de quebrar palavras duras e teóricas. Se há algo que não sou, é teórica.

Mas, se preciso dizer o que sou, digo que sou silêncio. Escrevo para poder me manter em silêncio.

Sou silêncio, uma sombra, roupas escuras. Então preciso da palavra escrita, porque ela também é silêncio.

Preciso da escrita porque ela também é poesia.

E é na palavra escrita que me diluo, me perco, não me acho. É no seu silêncio que encontro espelhos, meus estudos, a calma para minha ansiedade, a ordem para o meu caos.

[perder-se: isto que é preciso]

FIGURA

As figuras estão por toda parte, compõem a escrita, transitam, povoam os imaginários, os textos e o nosso Atelier. Trata-se de uma noção muito utilizada por Roland Barthes[22], ele que não gostava muito de ser assertivo, de *definir* as coisas, de (de) limitá-las e cristalizá-las em Discurso - e que preferia, ao invés disso, assumir uma estratégia fugidia, evocativa, que *sentia vontade de estar alhures sempre que uma vitória se delineava*[23]. Na definição do próprio Barthes (falando, aqui, das Figuras do Neutro):

Figura: alusão retórica (= um pedaço delimitado de discurso, localizável porque intitulável) + rosto que tem um "ar", uma "expressão": não fragmento sobre o Neutro, nas no qual, mais vagamente, há Neutro, mais ou menos como aqueles desenhos enigmáticos em que precisamos procurar a figura do caçador, do coelho etc.

Não um dicionário de definições, mas de cintilações.[24]

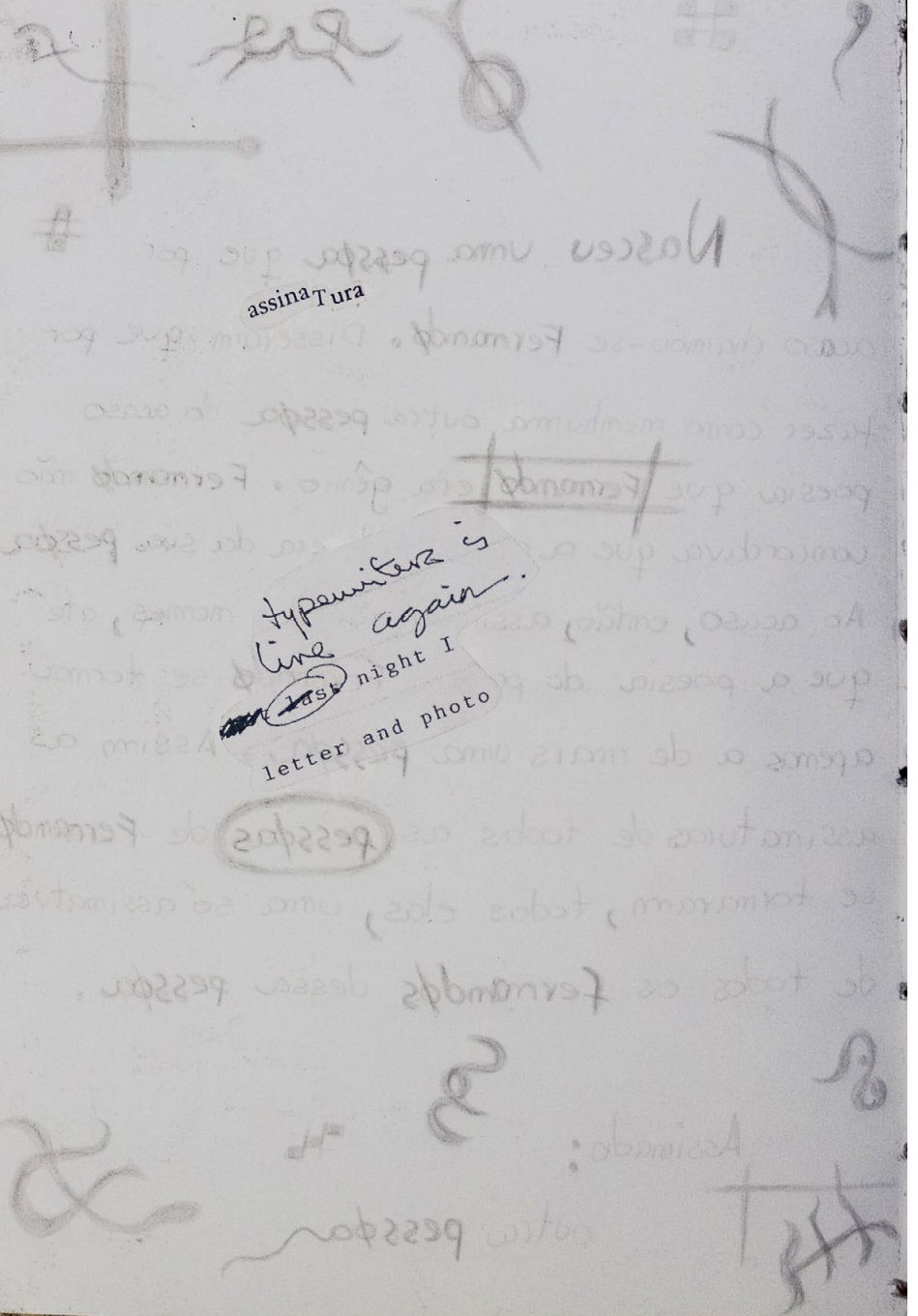
22 Sobretudo em seus cursos, como BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004., e BARTHES, Roland. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

23 BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

24 BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.24-25.

As figuras escapam, indefinem, evocam. As figuras embasam, cutucam, deslocam. Seu princípio ativo não é o que elas dizem, mas sim o que elas articulam. Não se trata de uma narrativa; as figuras vêm e vão, surgem e se escondem ao sabor dos encontros. Cada figura não é mais do que um nome ao redor do qual condensar uma série de traços, de ideias, de fragmentos de coisa; coisas estas que, *ali,* compõem uma mesma *zona.* A ideia da figura é apenas *aquilo que os une.*

Nesta pesquisa: as figuras do Neutro, *roubadas*, ao redor das quais decidimos constituir nossas ideias. Além disso, também: as figuras dos autores, habitando nossa cabana inventada. E a própria figura da Pesquisa, da Academia, da Dissertação: talvez, aqui, tudo o que escrevemos seja, de certo modo, *figurativo.*



Nasceu uma pessoa que por acaso chamou-se **Fernando**. Disseram que por fazer como nenhuma outra **pessoa** do acaso poesia que **Fernando** era gênio. **Fernando** não concordava que a genialidade era da sua **pessoa**. Ao acaso**,** então**,** assinou muitos nomes, até que a poesia do próprio Fernando se tornou apenas a de mais uma **pessoa**. Assim as assinaturas de todas as pessoas de **Fernando** se tornaram**,** todas elas**,** uma só assinatura de todos os **fernandos** dessa **pessoa**.

Assinado:
outra **pessoa**_

O que se assina em nome próprio?

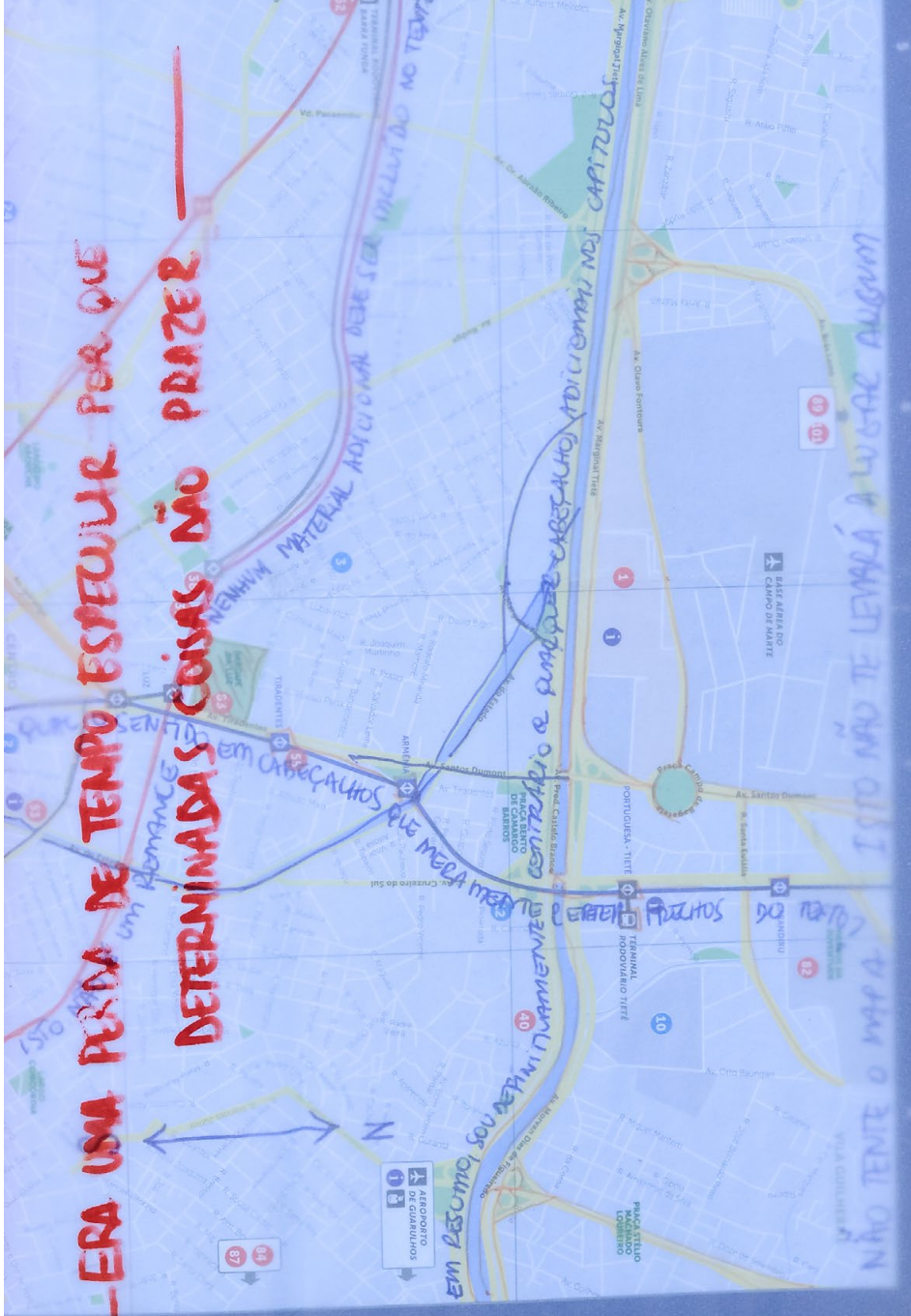
SOBRE OS DESENHINHOS, ETC.

Se o caso for tomar para esta pesquisa um referencial estético, é provável que seja o de alguns dos livros de Barthes, talvez, sobretudo, pelas *anotações*. Barthes, também adepto dos cadernhos, gostava de escrever, anotar, desenhar, guardar recortes; em algumas edições de seus livros, sobretudo naqueles que tratam de suas viagens[25], essas (a)notações foram incorporadas ao longo do texto dos livros.

Não se trata, contudo, de *ilustrações:* estas imagens, estes recortes são, antes, como que *fragmentos de um gesto:* o deixar transparecer no texto o tremor da escrita, a sujeira do papel, a falta de habilidade gráfica daquele que *desenha mesmo assim.* O texto de Barthes - como ele próprio defende em O Prazer do Texto[26] - não vale apenas por aquilo que *comunica*, mas também - talvez sobretudo - pelo seu próprio *corpo,* por seu *como* mais do que por seu *o que.* Transcrever as "informações" de um caderninho não é, de forma alguma, *ter a experiência* daquele caderninho. Porque não se trata de *informações*, o que está em um caderninho não são informações: de uma aula, talvez o que o caderninho guarde de mais importante não sejam as anotações da Matéria, e sim os pequenos desenhos no canto da página. O que escapa ao Discurso é o inevitável da linguagem,

25 BARTHES, Roland. L'empire des Signes. Genebra: Editions d'Art Albert Skira, 1970. e BARTHES, Roland. Cadernos da viagem à China. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

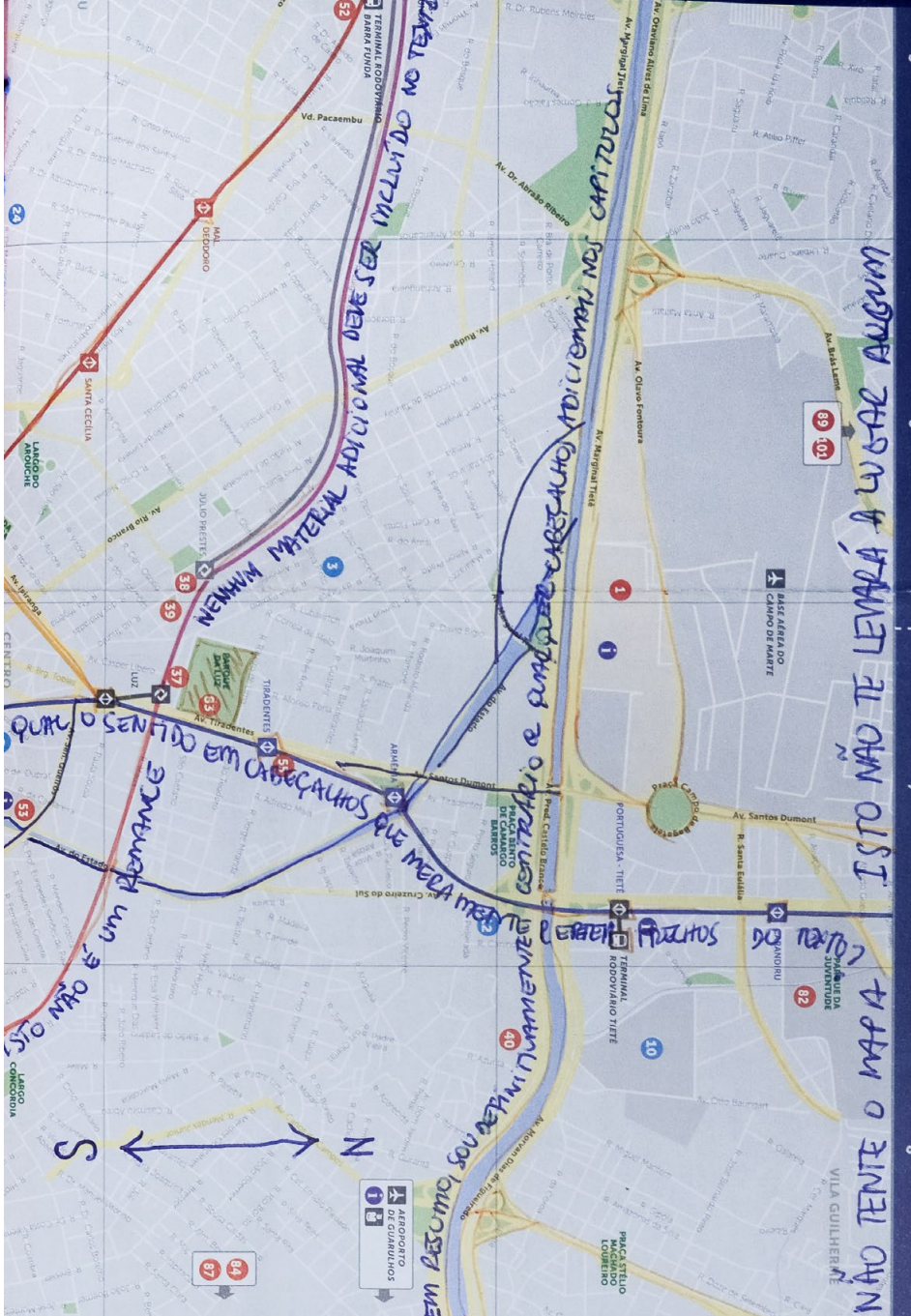
26 BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1977.



o intraduzível do corpo. Os rabiscos, palavras, pequenas escritas, papeizinhos, recortes, então: gestos essenciais deste *corpo* de texto, traços de um rosto, vestígios daquilo que ecoa ao redor e que não se deixa capturar no papel senão por pequenas *significâncias*[27].

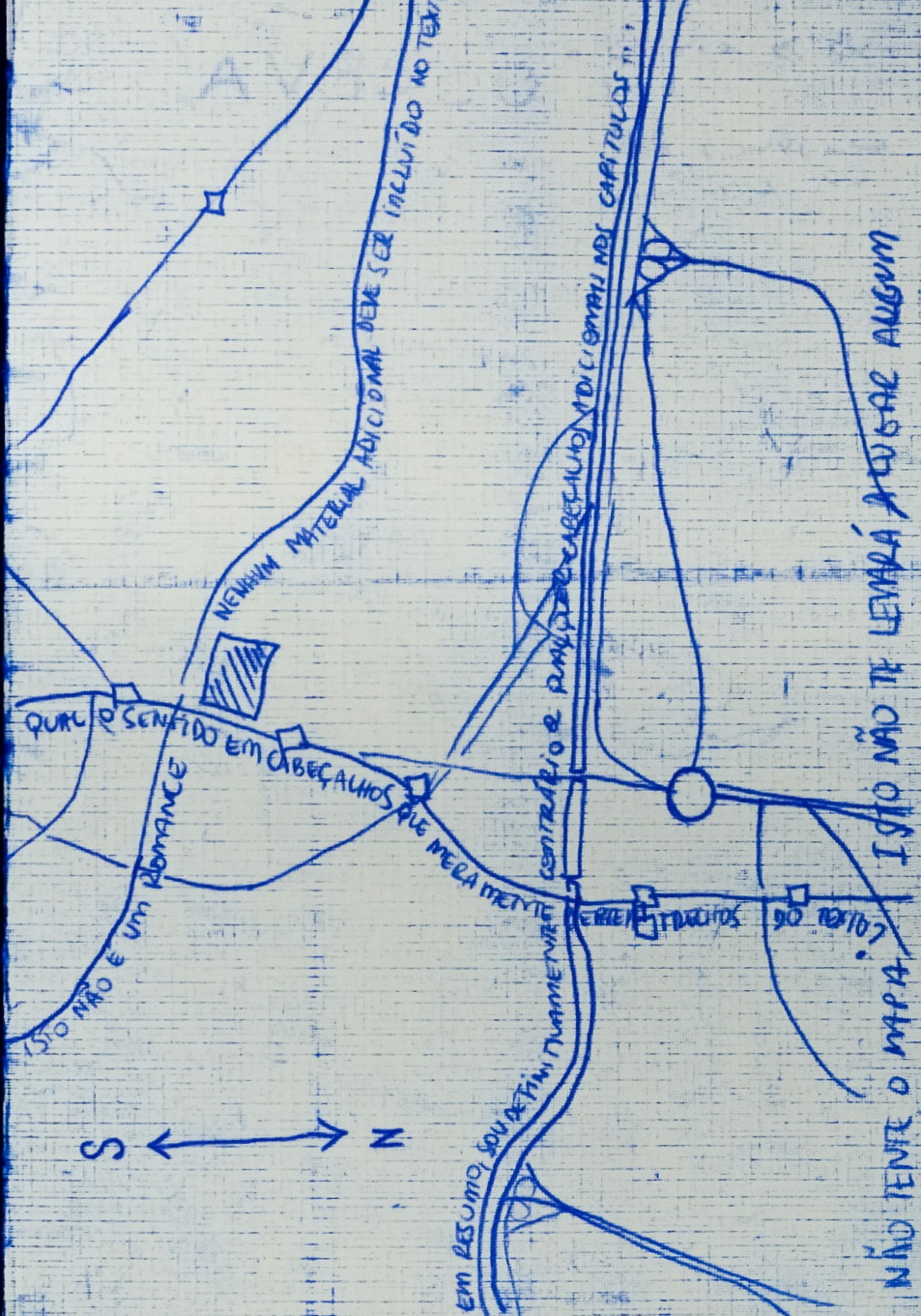
Aqui, então: ainda e sempre em jogo com a ideia do *pesquisarCOM,* pesquisar também com aquilo que não faz parte da pesquisa, mas que ainda assim a *acompanha:* com as notas dispersas por caderninhos e livros e papeizinhos, com os planos (fracassados?) de pesquisa, com os abandonos, com aquilo que se cola ao corpo e ao caminho e a tudo quanto se carrega nos bolsos; trazer para a pesquisa não apenas *a pesquisa*, mas também as suas marcas, e tudo quanto também se marca nela. Trazer para a pesquisa, talvez, o os componentes desta sua *atmosfera*. E trata-se mesmo de uma atmosfera: pois ela é aquilo que envolve a pesquisa, aquilo que a pesquisa *respira*, que está em toda parte mas que não se faz visível senão pelas estruturas que a delimitam, pelas formas de vida que ela possibilita.

Estes pequenos desenhinhos, notas, papeizinhos, recortes, então: talvez uma tentativa de reconhecer que o invisível *está lá:* uma tentativa dispersa de *dar um corpo,* de *dar um rosto* para a nossa atmosfera.



27 "Significância é o sentido *na medida em que ele é produzido sensualmente*" (idem, p.79)

debaixo d'água tudo era mais bonito mais azul, mais colorido só faltava respirar. mas tinha que respirar. todo dia, todo dia, todo dia.



Para nós, gente do seminário, a investigação nunca é mais do que o conjunto das pessoas que buscam (que se buscam?).

28

Não.
Não se trata disso.
Não é nada disso.

Não é apenas pesquisar, assim transitivamente:
pesquisar *isso*
pesquisar *aquilo*
pesquisar *sobre* ou *a respeito* ou *acerca de.*
É outra coisa, é de outra ordem:
é pesquisar *através,* pesquisar *como*, pesquisar *por*
talvez, sobretudo:
é pesquisar *com*[29]
[com]

28 Ao modo da dedicatória do Tomo I do Dicionário Raciocinado das Licenciaturas. (COSTA, Luciano Bedin da (coord.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo I: Aulas da FACED. Porto Alegre: UFRGS, 2013.)

29 A possibilidade de uma pesquisa do comum é algo que que nos intriga em nosso pesquisar. A ideia de um "pesquisar em rede" e de uma "pesquisa como acontecimento coletivo" (Tavares & Francisco, 2016) nos é sedutora, assim como a concepção da escrita acadêmica enquanto "laboratório de fabricação de mundos" (Bonamigo, 2016), dentre estes os dos próprios pesquisadores. De forma talvez intuitiva, uma pesquisa do comum é para nós uma pesquisa se faz com/um (ou mais) coletivos, comunidade de sujeitos, coisas, tempos e espaços, território fabricado e de certa forma constantemente reinventado pelo valor que atribuímos às coisas com as quais convivemos em nossas pesquisas. Nós, pesquisadores, não passamos de forjadores animistas em meio a tudo isto.

não apenas com aquilo que se pesquisa
mas com aquilo que se é
com aquilo que se sente
com aquilo que traz
[com]
pesquisar
com aqueles que se lê, com aqueles que se observa, com aqueles que se estuda
com tudo e com todos que nos orbitam
[que nos habitam]
pesquisar com
com pele.
com o corpo, com o sangue, com o toque sensível dos teus dedos
com o medo e com o desejo da morte
da noite
do abismo
pesquisar
com pele com olhos com cabelos e pelos
com o suor e a sujeira e o cheiro
pesquisar
com as marcas das canetas nos dedos
com as marcas das olheiras no rosto
com as marcas dos copos na mesa
[com as marcas nos braços das muitas noites às quais conseguiste sobreviver]

mas também:

pesquisar
com as matrículas e os relatórios e as carteirinhas de estudante
com as aulas e intervalos e as filas do RU
com os professores dinossauros

e com aqueles que acabaram de entrar e que inventam novos
modos de se existir em uma pós-graduação
com os alunos-turistas
com os bolsistas
e com aqueles que se desdobram para tentar conseguir os
mínimos
com as escadas
com as salas renumeradas
e com os prédios interditados que ameaçam cair

pesquisar
com os livros que nunca foram abertos na estante
com os livros que guardam as marcas de outros
com os livros com flores dentro
[como segredos]
com os livros lidos e relidos e revirados do avesso
e com as frases que sabes de cor
[erradas]
pesquisar
com as bibliotecas impossíveis de um Borges ou Zafón

pesquisar
com traduções imprecisas
com referências fora das aspas
com intertextos mais do que citações

pesquisar
com quem aceita os convites e com quem se dispõe a jogar o
jogo
com quem segue o rastro de migalhas cuidadosamente deixa-
do entre as palavras do texto
com quem encontra o que não busca
e com quem busca aquilo que nunca irá encontrar

pesquisar
com o peso de uma mochila nas costas

pesquisar
com o espaço, o maior de todos os poemas
(talvez o único)
com a solidão povoada de uma sala de aula
com o exemplar que não cabe nos modelos e com os modos
de falar e de amassar um papel e de subir uma escada e de
apontar um lápis[30]

pesquisar
com caderninhos rabiscados desenhados inventados
[com as páginas em branco]

pesquisar
com os espaços úteis e com os inúteis
com prólogos com páginas com camas
com quartos
com apartamentos com portas com escadas com paredes
com imóveis com ruas com bairros
com cidades com campos com países com europas
com mundos com espaços
com repertórios de algumas palavras utilizadas nesta obra[31]
e com salas de espera com salas de estudos com salas de banho
com salas de estar
[e com estas salas de aula nas quais há sofá[32]]

30 COSTA, Luciano Bedin da (coord.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo I: Aulas da FACED. Porto Alegre: UFRGS, 2013. pp.8

31 PEREC, Georges. Especies de Espacios. Barcelona: Montesinos, 1999.

32 CORSEUIL, L. Encontros Fortuitos: Notas biografemáticas sobre o

pesquisar
com um cachorro deitado no colo

pesquisar
com quem puder
com quem quiser
com quem se der ao trabalho.

com cronópios e com famas e mesmo algumas esperanças[33]

pesquisar
com os bilhetinhos e conchas e olhares que levas desta que é tua cúmplice dentro de uma sala de aula
com o sorriso no rosto de quem cartografa os pequenos encontros fortuitos
com os afe(c)tos revelados bêbados às três da manhã que você finge não se lembrar de ter dito

pesquisar
com os sorrisos amarelos dirigidos aos que tentam asfixiar tua pesquisa com os autores de sempre
com as violências que o texto sofre para poder participar das revistas
com os silêncios onde habitam os gritos
com e contra
com e contra aqueles que te dizem que é impossível

prazer da aula. [trabalho de conclusão de curso] Porto Alegre: UFRGS, Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Geociências; 2013.

33 CORTÁZAR, Julio. Histórias de cronópios e de famas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

pesquisar
com Barthes com Deleuze com Perec com Larrosa e com Skliar
mas também com JNeil Gaiman com John Finnemore com Mary Shelley e com Lemony Snicket, sem que haja nenhum demérito nisso

pesquisar
com as pessoas da internet que você só conhece pelos nomes de usuário
com os ornitorrincos da aula e os arenques vermelhos e os elefantes na sala
com os tweets e os posts e os memes que expressam as coisas com mais potência do que um tratado de cem páginas
com as anotações nas classes e nas portas de banheiros
e também
com a curiosidade de saber o que é feito dos teus textos

pesquisar
com a solidão povoada da escrita
e com a crueza e a intensidade de precisar escrever mesmo assim

pesquisar
com os dez coelhinhos que vomitaste e que por um momento acreditas que serão apenas dez[34]
com os campos gratuitos e as janelas sujas do carro que te levam até o zoológico onde tudo são grades e onde és bicho

34 CORTÁZAR, Julio. Bestiário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

também[35]

com o pássaro azul que mora em teu peito e que precisa tanto sair[36]
com o desejável e o necessário e o inevitável de ser estrangeiro
[mas não quando a noite cai[37]]

pesquisar
com e contra o teu maior indefensável
pesquisar
com e pela certeza que *estes aos quais pertenço* não são duas ou três pessoas mortas
e que é por e para estes que vale a pena lutar
[com e pela certeza de que somos poucos, mas que também *somos muitos*]
e com a esperança que talvez um dia nós possamos nos encontrar

pesquisar com
e às vezes pesquisar sem

pesquisar
com a certeza de que não é nada disso

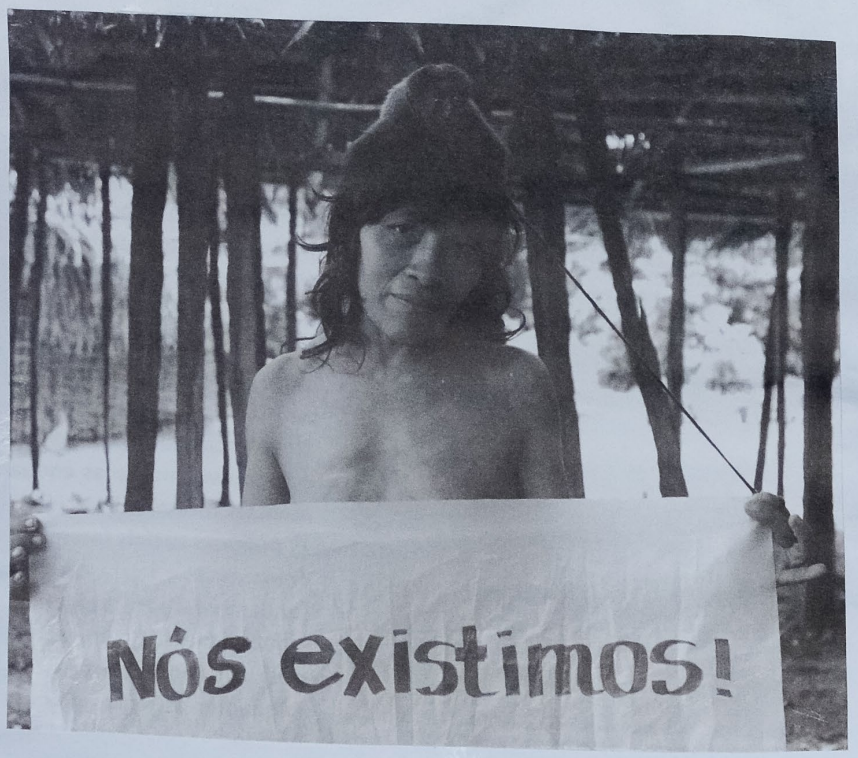
[e ainda assim]

35 ABREU, Caio F. Zoológico Blues. In: ___. Pedras de Calcutá. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

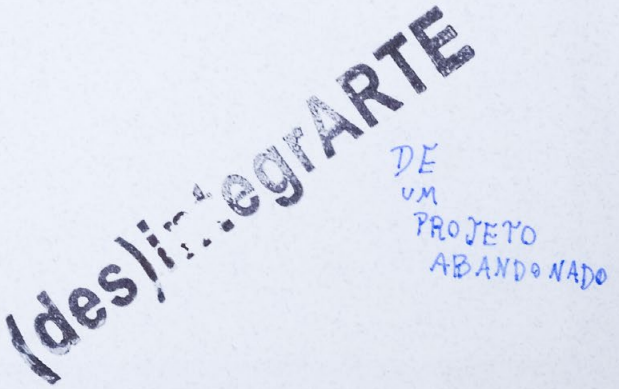
36 BUKOWSKI, Charles. O pássaro azul. In: ___. O amor é um cão dos diabos. Porto Alegre : L&PM, 2010.

37 BARTHES, Roland. Como viver junto. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

"AINDA VIVEMOS À MARGEM DA SOCIEDADE ESPERANDO MIGALHAS"



"NÓS NÃO SOMOS VIOLENTOS,
E MESMO ASSIM CONTINUAMOS MORRENDO"



Em um círculo, todos
os pontos são equidistantes
do centro.

Para se descentrar, é
preciso um centro?
E para se centrar?

Em uma esfera, qualquer
ponto da superfície encontra-se
a igual distância do centro.

centrípeta

centrífuga

excêntrica

225

O Crusoé na ilha de Speranza inventa duas ilhas. A ilha administrada, cujo modelo é a cidade, com seus tempos e espaços esquadrinhados, organizados, e a ilha desumanizada – encontro do inédito a ser produzido. Coexistem, conflitam e se produzem mutuamente. E da referenciação – encontro da ilha administrada que Robinson pode apostar inventar ir fazendo seu descentramento nômade

ir fazendo seu descentramento nômade

para combater e ... reduzir ... estratégia ... nenhum eixo central encontra-se instalado no **CENTRO** da teia de ...

As redes em espiral ou teia de aranha são redes de poder livremente escaláveis, onde o crescimento tem uma ... São conectados a vários nós (nodes) menos fortemente ligados (linked) entre si que são fortemente ligados (linked). Elas não são centralizadas como uma ... de suas tipologias.

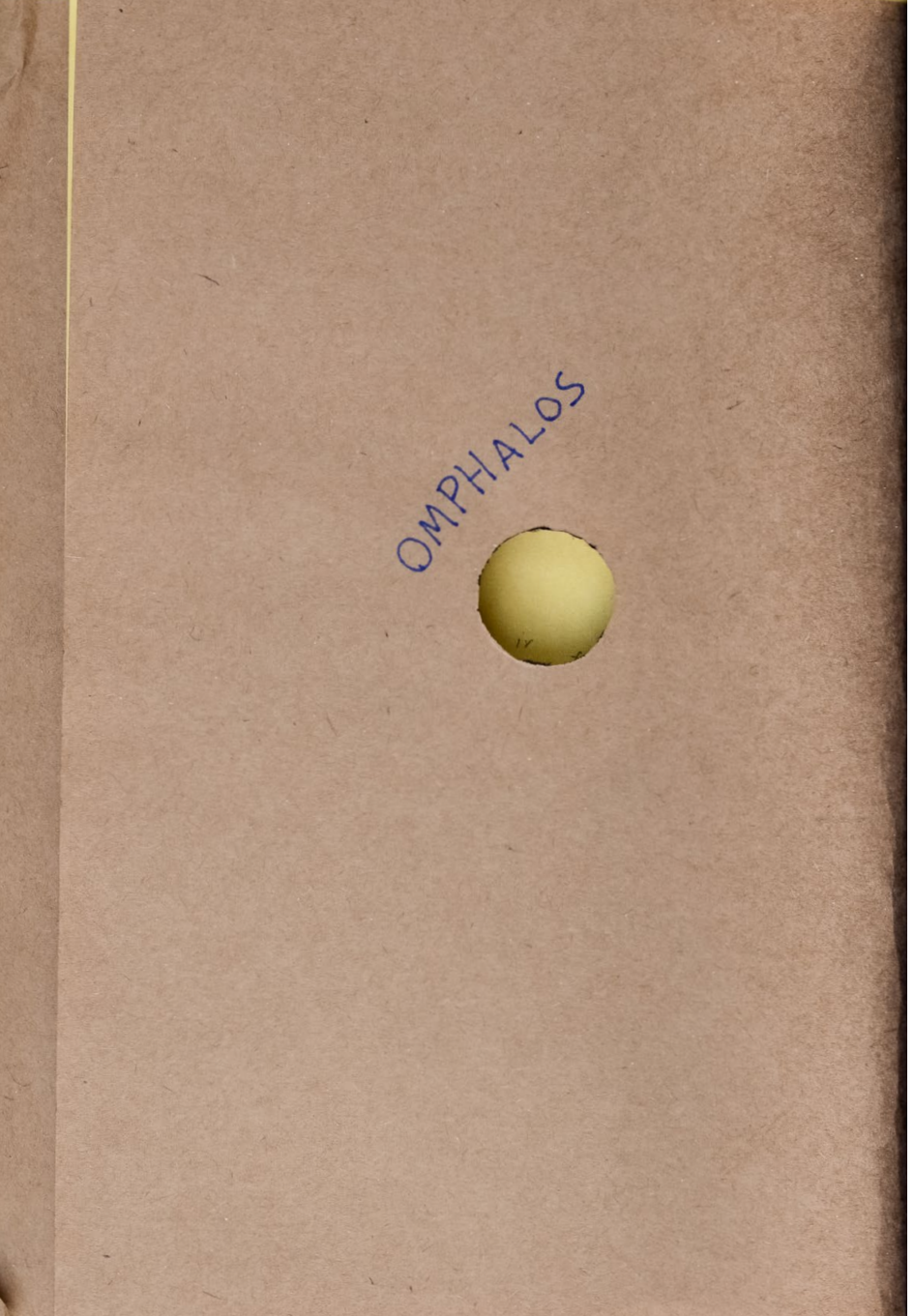
Elas são uma teia sem aranha, auto-organizadas, oferecendo o vívido exemplo de como se ... independente de milhares de nós (nodes) ou a (link) ... ordenadas em dígitos de outros nós (nodes) ainda menores, de modo que não há um único nó (node) cuja remoção possa quebrar a teia, ... hierarquia de eixos (hubs), ligações (links) podem conduzir a um espetacular ... de emergência. ... comportamento ... chave na formatação ...

Em um círculo, todos os pontos são equidistantes do centro.

Para se descentrar, é preciso um centro?

E para se centrar?

Em uma esfera, qualquer ponto da superfície encontra-se a igual distância do centro.



(POLÍTICAS D)A BOLHA I

não é (apenas) uma bolha de isolamento.
é este pequeno e maleável bolsão de espaço que nos é dado ocupar.
é esta película frágil e transparente que nos protege do mundo.
(que nos dá um respiro)
não é uma caixa que nos aparta do fora:
a delicadeza da bolha exige saber o mundo em detalhe, exige acompanhar seus fluxos, analisar suas arestas
(para assim não se deixar estourar)

e não se trata de *uma* bolha:
a bolha é em movimento: ela estoura e se desfaz.
e não é nunca uma só - é um entre.
um *entre-bolhas,* um *de uma bolha a outra,* onde a próxima é sempre incerta.
a bolha não é uma realidade dada, não é fixa, é volátil, é efêmera, é leve e curta e contínua-descontínua.
a bolha é uma fugaz cintilação.

a bolha (as bolhas):
aquilo que nos mantém vivos em meio a este ambiente hostil.
(respirar bolhas de ar puro.)
a bolha (as bolhas):

o que te faz sobreviver ao entre, às profundidades,
à hostilidade da apneia quando não há ar para respirar.
[segura firme. aguenta o tranco. só mais um pouquinho.]
(mas que quase que não dá.)
a bolha (as bolhas):
um espaço de saúde.
(um espaço tranquilo onde a gente possa bastar)

nós, (n)as bolhas.

bolhas flutuantes, breves e bonitas.
bolhas voando rápidas pelo ar, umas atrás das outras.
(per)seguindo-se.

a bolha não é sozinha,
a bolha não é (suficiente) sozinha.
uma bolha especial reconhece a outra no primeiro segundo do primeiro minuto[38]
(e voam juntas)

não iguais, mas uma rede de afins
(uma rede de afe(c)tos)
de gente com quem a gente pode conversar.
não existir apenas na bolha, mas apreciar a bolha como território
como recanto ou reduto
como agente de resistência.
apreciar a bolha como esse lugar que nos dá o respiro que a gente precisa para poder sobreviver lá fora
(para sobreviver à densidade do *entre*)

38 ABREU, Caio Fernando. Aqueles Dois. In: _____. Morangos mofados. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

que há entre uma bolha e outra.

políticas da bolha:
abrir bolsões de tempo
(roubado)
em meio a tudo isso

roubar o tempo do *possível* aos tempos densos do necessário
(uma loucura consentida dos loucos ao redor)

nós, loucos sopradores de bolhas.
nós, gentes do seminário e do atelier.
nós, escritores de caderninhos.
nós, no fundo da sala, com os Cs no currículo:
nós que vivemos com calma e deixamos a máquina correr na nossa frente, pois sabemos que não há alcançá-la.

nós, que insensatamente aceitamos o mergulho sem a certeza da próxima bolha de ar.
nós, em nossa bolha de consentida loucura:
essa zona da coragem de, ainda assim, escrever.

(nós precisamos uns dos outros)

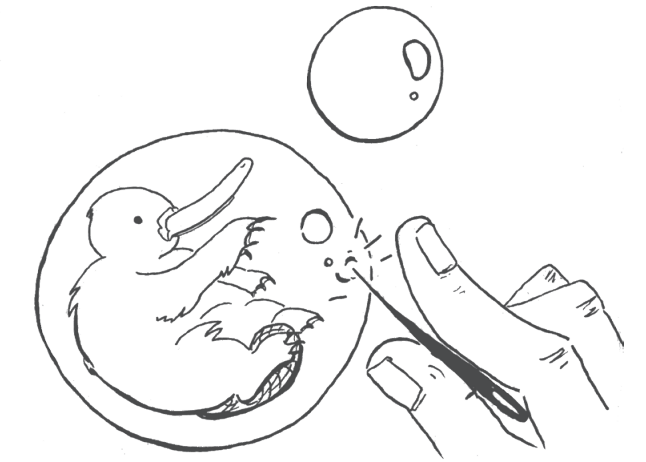
círculo. a possibilidade de sair de um ponto e voltar a ele.
minha salvação.
meu corpo não suporta exílios.
preciso sempre voltar, fechar o círculo.
reconstruir meu corpo.
a terra de onde saí chama meus pés.
trilho passos por outros chãos, caminho
deixando rastros em outras terras.
mas preciso voltar, caminhar em círculos.
e sempre voltar para o lugar
de onde não deveria ter saído,
de onde talvez nunca consiga sair por completo.
meu corpo não suporta exílios.
círculo. circulo a circunferência no mapa,
compasso que risca a circunferência na terra molhada.
a ponta seca
rasga minha pele na medida em que se afasta do
ponto de partida.
meu corpo não suporta exílios.
aos pedaços, só me reconstruo lá,
na terra que perfuma minha pele.

Você está sentado na carteira escolar, braços e pernas cruzados, o olhar perdido em um pedaço de papel empoeirado entranhado nas fendas sujas do piso de parquet. Você está ciente de que há alguém falando, mas não consegue distinguir as palavras umas das outras, e tampouco se importa em tentar. Tudo o que você pensa, tudo o que você sente ali, naquela sala de aula, é o quanto você não deveria estar ali, o quanto você e sua licenciatura em Geografia não pertencem àqueles vinte-e-oito-psicólogos-e-dois-assistentes-sociais aos quais as professoras convencionam chamar de turma. Tudo o que você consegue é sentir esse vazio no peito, esse deslocamento, como se tudo ali obedecesse a um Código ao qual você não foi apresentado. *Talvez se houvesse um manual de instruções, um mapa, uma cartilha de boas-vindas* - mas não há, e você precisa aprender os caminhos à medida que os percorre, sempre tomado desta incômoda sensação de que existe uma figura maior em jogo que você não está completamente percebendo. *Os espaços vazios falam tão alto*, afinal de contas. Justo você, que foi criado em meio aos encontros desencontrados, à diversidade, ao devir-ornitorrinco da Faced[39], das escolas, agora se encontra aqui, neste lugar onde todos os corpos parecem vir de um mesmo lado, onde todas as vozes parecem falar de um mesmo Lugar. Você se incomoda, se sente vazio. É como se você falasse uma língua

39 COSTA, Luciano Bedin da (coord.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo I: Aulas da FACED. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

que ninguém mais entende[40], e ninguém além de você percebesse isso. É como se você fosse um estrangeiro, *este pássaro que não ouve nada daquilo que nós escutamos, que escuta aquilo que nós não ouvimos*[41].

Você se ajeita na cadeira, e continua desajeitado. Ao fundo, os sons de alguém falando algo em meio aos rumores aula - um aluno, um professor? - sempre murmurando - incompreensível, monocromático.



40 CRESPO, Lara. A solidão do ser(-se assim). Lisboa: Lara's dreaming, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/ekjmdb>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

41 BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1977. pp.35.

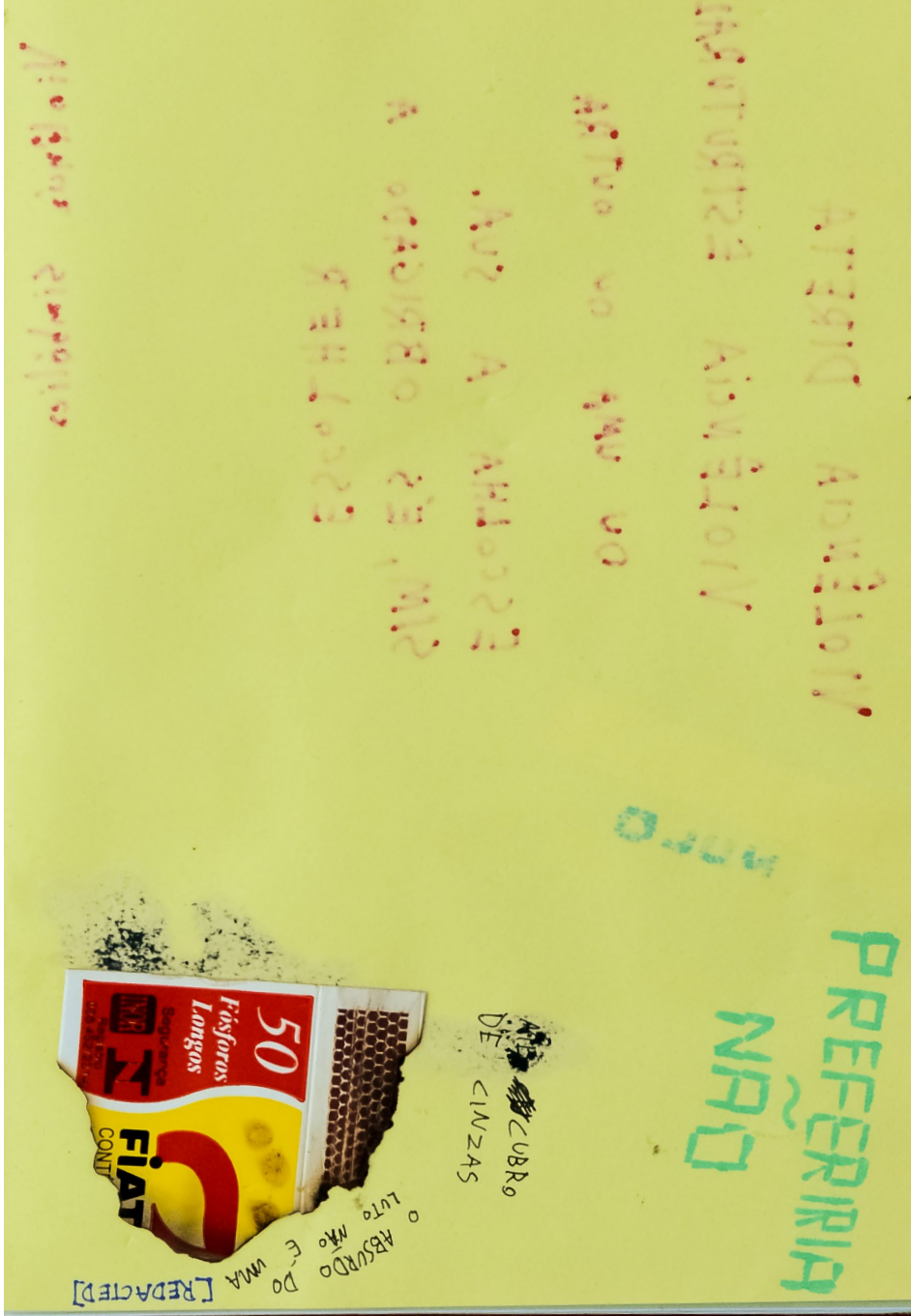
E A MISTURA SE FAZ
EM FALAS

CADA PALAVRA SE DIVIDE
ESTRANGEIRA
EXPÕE
RECORDAÇÕES

PREFERIRIA
NÃO

[redacted] cubro
de cinzas

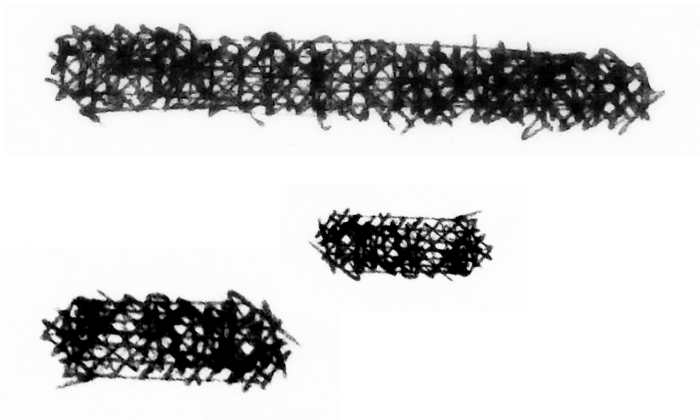
o absurdo do luto não é uma [REDACTED]



Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

É noite, mas poderia bem ser dia, pois já faz algum tempo que você está aqui, sentado nesta mesma posição. Seus olhos sem brilho encaram a tela branca da folha, a barra preta vertical piscando piscando piscando. Você tem que escrever uma dissertação, afinal já é julho, e você prometeu ao seu orientador que enviaria alguma coisa ontem. As margens brancas que ainda não delimitam nada (3 cm superior e esquerda, 2 cm para as outras, diz a abnt) parecem ficar cada vez maiores, estrangulando o que resta da sua alma nesse deserto de almas também desertas[42] que parece ser a academia. Você pensa em desistir. Você já pensou em desistir tantas vezes, mas como sempre sua conta bancária adverte que não há mais o que devolver ao cnpq. Você respira fundo, estala o pescoço. A barra preta ainda ali, piscando aquela espera paciente e contínua de quem não tem nada mais a fazer senão esperar. Não há opção. É preciso escrever, mesmo que você não queira. Mesmo que você pareça estar jogando palavras para morrer de fome no fundo escuro de um repositório digital. E como é possível, será que é possível escrever assim, sem corpo, sem vida? Onde estará o desejo, este que costumava tão bem habitar seus estudos, o que aconteceu com os tempos em que seu corpo tinha as mesmas ideias que você[43], aonde foi o suave rumor do texto que dizia que tudo ali ia bem[44]?

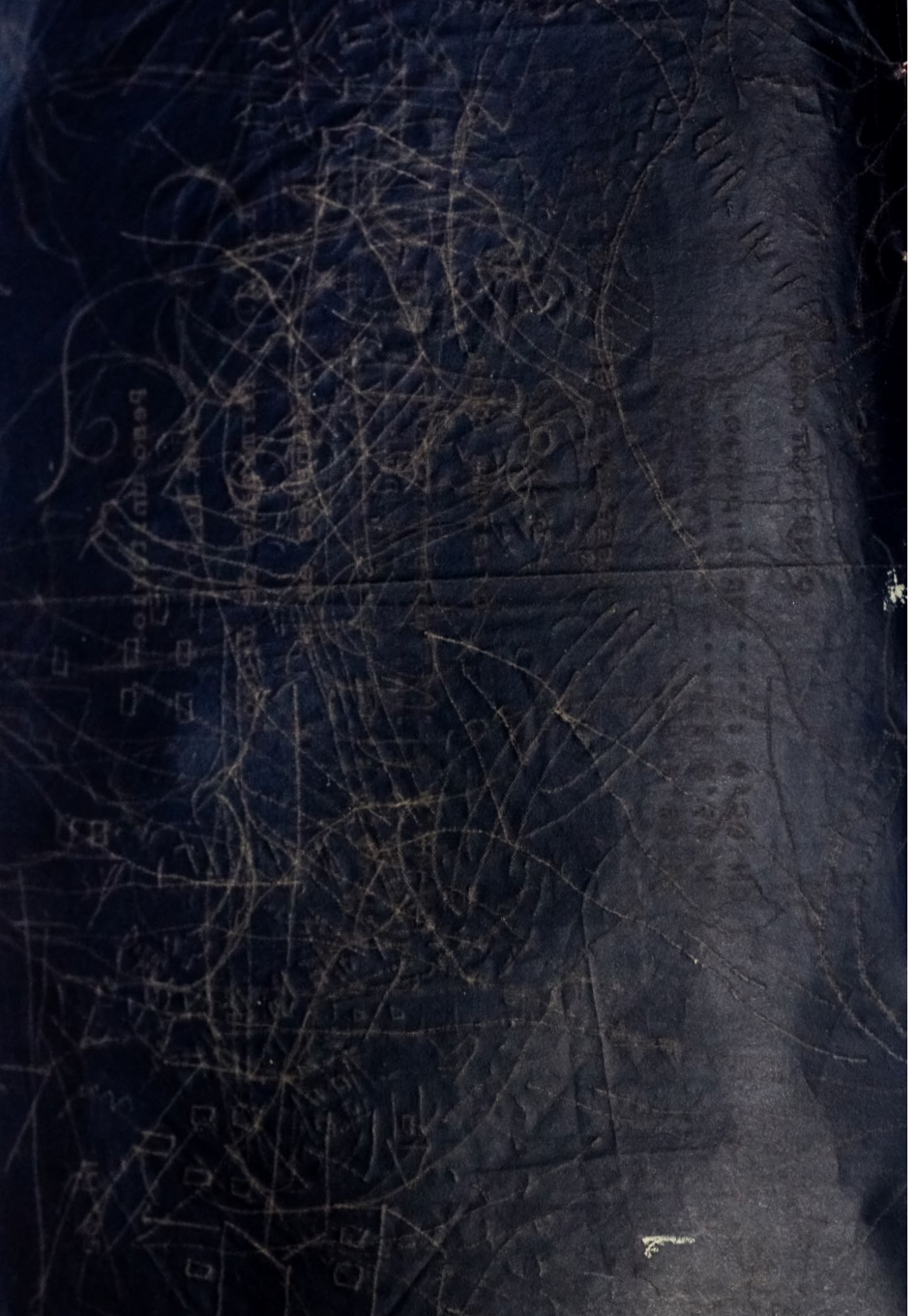
Você suspira, se ajeita na cadeira. Já faz tempo demais que você rumina estas perguntas, e não é hoje que irá encontrar as respostas. Deixe para lá, não interessa. Você tem uma dissertação a escrever.



42 ABREU, Caio F. Aqueles Dois. In: ___. Morangos Mofados. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

43 BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

44 BARTHES, Roland. O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



quando escrever?
|
|
|
quando a escrita se torna rasgo utópico
e fura as folhas desaparecendo
nas folhas que seguem?

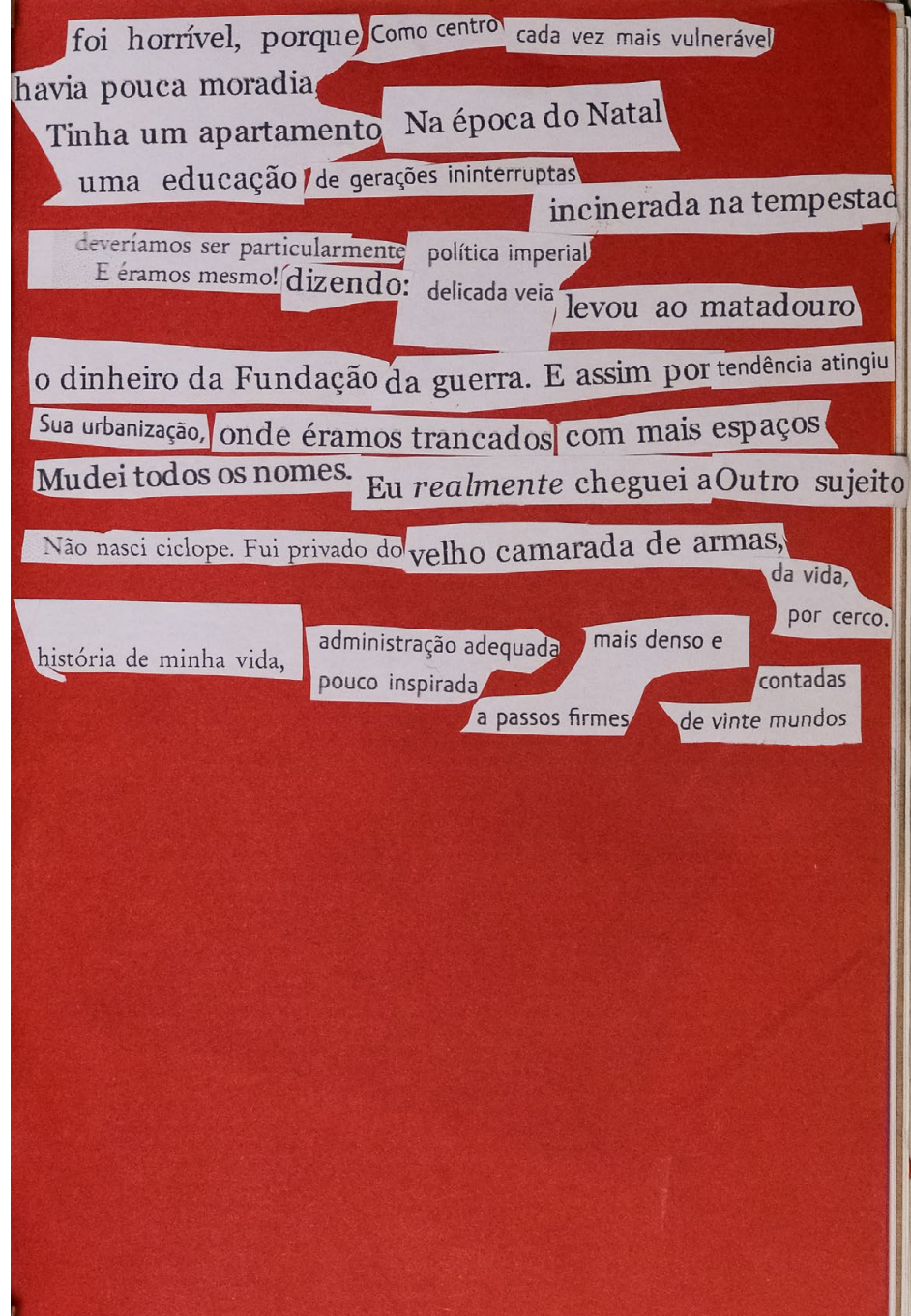
|
|
|
|
o que sobra para mim, isto é,
para as cartas, é pouco mais
que nada.

(o que significa escrever uma dissertação tendo crises de pânico?)

Você está sentado na carteira escolar, sem seus sapatos, os dedinhos dos pés brincando uns contra os outros enquanto um sorriso bobo se instala na sua cara. Passarinhos cantam lá fora - eles também são parte da aula. Olhares se trocam - eles também são parte da aula. A colega do lado faz crochê, e isso também é parte da aula. Você sabe disso. Que a aula se faz de infinitas partes, e nem todas elas cabem na palavra "Aula"[45] - mas que, *aqui*, elas podem também caber. Uma sensação agradável toma conta do seu corpo, e você se sente acolhido, *pertencente.* Você sabe que a parte mais bonita da aula é o *não-aular* (Manoel de Barros iria gostar disso): que é ele, muitas vezes, o que uma aula sabe ter de mais potente. E é justamente por isso, por saber disso, que é tão bom ter essas aulas *macias*, espaçosas, onde há folgas suficientes entre as coisas para a vida correr solta. Você sorri: bobo, intenso, *feliz.*

E você nota que não é o único assim à-vontade. São outros sorrisos em outras nas bocas que o dizem, não você. Você *escuta*. Você fica imaginando se, para eles, as outras aulas serão também assim tão densas quanto para você. *Talvez*. Talvez não, é claro; talvez eles lidem melhor com isso do que você. Mas

45 CORSEUIL, L.S. Encontros Fortuitos: notas biografemáticas sobre o prazer da aula. Trabalho de conclusão (Licenciatura em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.



talvez, também, (e é preciso mesmo considerar todas as possibilidades), talvez seja apenas porque eles não *sabiam*. Talvez porque achavam que tudo tinha que ser assim - que o jeito denso era apenas o jeito como as coisas eram (você também já o achou, confesse). *Talvez*.

Mas o fato é que, agora, você não sabe viver de outro jeito. O fato é que, agora, você só sabe ser árvore, passarinho, e não mais Pesquisador. Sua malemolência se esparrama sobre as formas, nem se esforça muito em entrar nelas. *Nem as considera direito*, para dizer a verdade. Mas… bem, veja só isso. Quem diria. Quem diria que agora você estaria aqui, sentado em uma cadeira, necessitando escrever um projeto, e que tudo o que gritaria na sua cabeça seria justamente: *F O R M A*. Como se ela fosse um fantasma à sua espreita. Como se viesse à noite puxar seus pés, amarga - o peso e a culpa de não ter lhe dado antes mais atenção.

A forma chama, salta*, exige resposta.*

Você não sabe responder.

---------- ERA UMA PERDA DE TEMPO
ESPECULAR
POR QUE DETERMINADAS COISAS
DÃO PRAZER ---------

Inventário de tarefas
(à revelia da pesquisa)

Conceito: *conjunto de solicitações de rotina que o pesquisador deve cumprir, independentemente de suas próprias motivações (família, relacionamento, cachorros, etc.), cuja soma se subtrai ou se adiciona à quantidade de energia disponível para ser dedicada à pesquisa. Apresentados por quantidade de colheres*[46] *que demandam/acrescentam.*

46 MISERANDINO, Christine. The Spoon Theory. Disponível em: <https://goo.gl/Ghhwpt> Acessado em: 30/07/2017. Este conceito é amplamente utilizado nas comunidades internacionais de doentes crônicos/doentes mentais/neurodiversidade. Pensa-se as de 'colheres'('*spoons*') como medida de energia (física e/ou emocional) de que alguém dispõe - e, como se fossem tickets de um parque de diversões, gastam-se 'colheres' para cada atividade que a pessoa precisa desempenhar. Segundo a Teoria das Colheres, a maioria das pessoas não se preocupa com os efeitos de onde empregam suas 'colheres', mas pessoas que convivem com doenças (físicas ou mentais) sabem que dispõem de uma quantidade bastante limitada de 'colheres', por isso precisam planejar suas escolhas de modo a geri-las de uma maneira sustentável.

Atividades diárias:	
Tomar medicações (esquecer de)	0 (-5)
Lavar louça	-1 a +1
Passear cachorros	-2 a +3
Preparar comida	-3 a +1
Higiene pessoal	0
Escolher roupa	-1
Olhar memes na internet	+2

Atividades semanais:	
Psiquiatra	-1 a +1
Almoço c/ Família	-2 a +2
Feira	-1
Organizar quarto	-2 a 0
Preparar aula	-6 a -2
Dar aula	-4 a +3[1]
Chimarrão c/ mãe/pai	-3
Mestrado - Disciplina Obrigatória	-3 a +1
Mestrado - Disciplina Eletiva	-1 a +2
Mestrado - Disciplina Favorita	+2 a +4
Renovar livros na biblioteca	-1
Tirar sesta no sofá	+1 a +6[2]
Ler as notícias	-8 a +1[3]
Varrer casa	-1
Lavar cachorros	-1

1 às vezes, esta variação pode ocorrer na duração de uma única aula.

2 dependendo da quantidade de trabalhos atrasados que você deveria estar escrevendo.

3 são tempos complicados, amiguinhos.

Atividades ocasionais:	
Sair com amigos	-3 a +1
Encontrar um conhecido por acaso	-2 a 0
Assistir sua série favorita novamente	-3 a +3
Assistir um filme bom	+2
Encontrar aquela referência PERFEITA para a sua tese	-2[4] a +5
Atender telefone	-4 a -2
Telefonar	-6 a -3
Responder email/mensagem inesperado	-2
Responder email/mensagem inesperado do orientador	-4 a -1
Ir ao mercado	-1 a +1
Almoçar com colegas	-3
Fila do RU	-2 a -1
Fazer uma pergunta/colocação na aula	-3 a +1
Olhar a conta bancária	-3 a +3[5]
Apresentar um trabalho para a turma	-5 a +2
Apresentar-se/ falar sobre si	-2
Bordar	-2 a +1
Comprar livros	-1 a +3[6]
Conhecer pessoas novas	-1

4 em 88,3% dos casos, as medições negativas ocorrem quando a referência é ótima, mas não há mais tempo para incorporá-la.

5 as medições positivas tendem a apresentar curta duração, e são observadas majoritariamente naquele breve intervalo entre recebimento do salário e o pagamento das contas.

6 dependendo do grau de endividamento que isto significar.

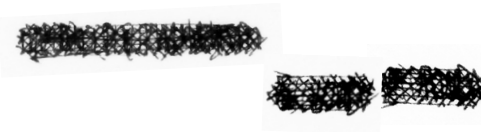
Demandas mentais/emocionais:	
Conhecer pessoas novas interessantes	+2
Estar com a casa arrumada	+1 a +2
Conseguir fazer tudo da sua lista	+1 a +3
Não ter lido/escrito algo que deveria	-4 a 0[7]
Não ter enviado para o orientador algo que deveria	-1
Fazer algo errado	-3
Ter uma epifania	+4
Estar descansando quando deveria estar trabalhando	-2
Se orgulhar de algo que fez	+3
Encontrar um livro/fanfic instigante	+3
Gastar o último tostão	-2
Estar em um espaço agradável	+2
Estar em um espaço desagradável	-2
Precisar fazer algo e não saber nem por onde começar	-4
Estar em meio a muito barulho	-2
Ter feito várias coisas boas, mas não suas tarefas	-1 a +1[8]
Não ter feito nada produtivo a manhã toda	-3 a 0[9]
Saber que alguém se afe(c)tou pelo seu texto	+3

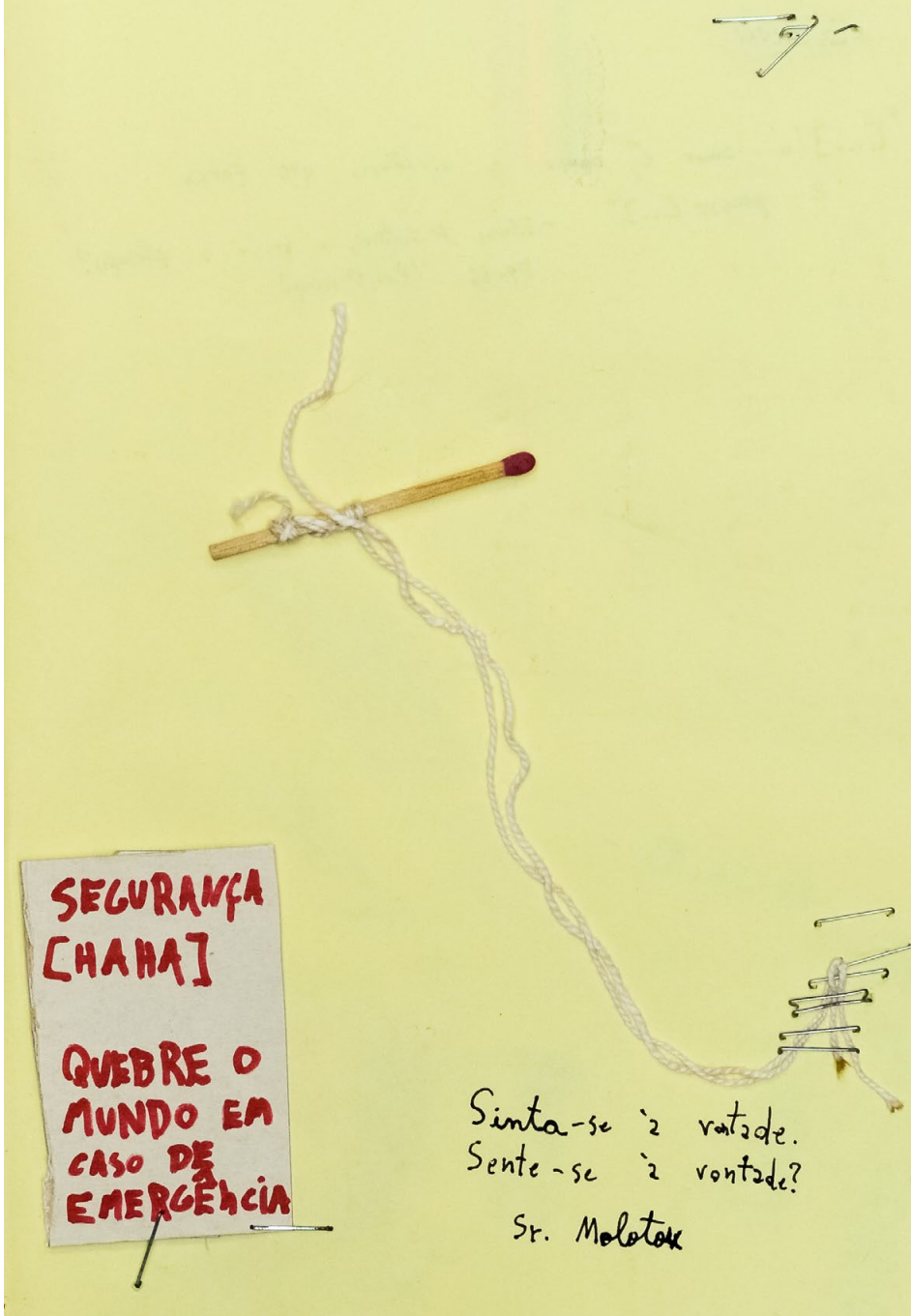
7 afinal, às vezes, chega um ponto em que você simplesmente para de se importar.

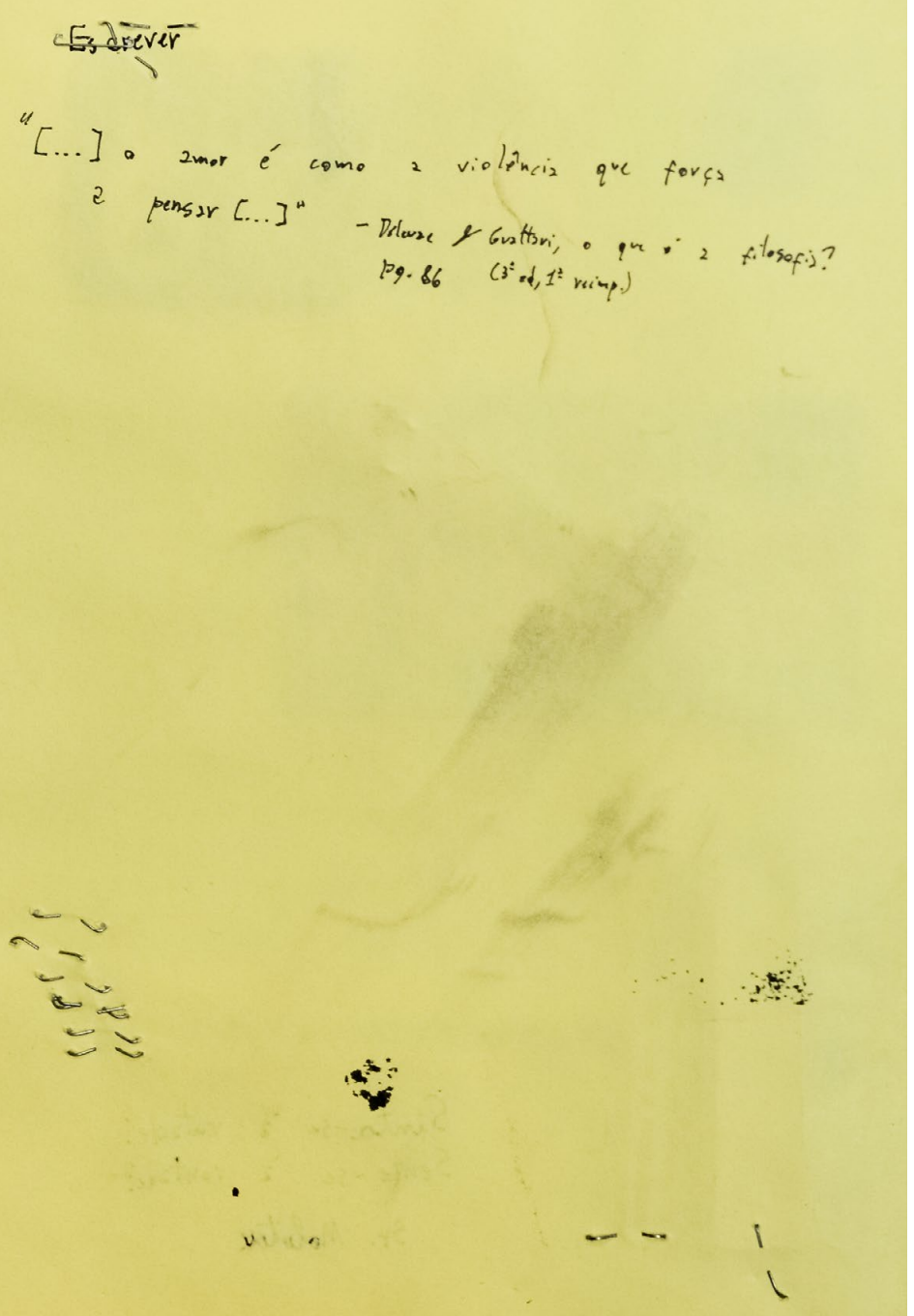
8 ver nota de rodapé anterior.

9 idem.

Me embrulhei numa história ao mesmo tempo cômica, ao mesmo tempo trágica, ao mesmo tempo sórdida, ao mesmo tempo leve e que fala sobre o amor, e sobre como o amor pode nos fazer ficar loucos.







uma dissertação se escreve na encruzilhada.

não numa encruzilhada simples, *comum*, que nem essas de quatro pontas que levam uma galinha morta e algumas pipocas para o orixá favorito em qualquer uma das quatro esquinas.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada de belo horizonte, nessa encruzilhada onde se encontram coisas demais e ruas demais e onde você não tem um procedimento exato a seguir se você quer dar a volta na quadra e chegar àquele mesmo lugar.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada entre o seu desejo e a sua necessidade e a sua vida e a saúde mental e a família e o sono ou a falta dele e o prazer e o dever e o devir e o possível e o viável e o que você um dia esperou que uma dissertação pudesse vir a ser.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada dos olhares em silêncio de aluno e professor, na encruzilhada entre as linhas de ônibus, entre as linhas do caderno, entre as linhas de pesquisa, entre as linhas paralelas que se encontram no infinito e que você sabe na verdade que nunca irão se encontrar.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada dessas ruas que você atravessa sem olhar para os lados - *movimentadas.*

uma dissertação se escreve na encruzilhada marcada pelas sinaleiras de três tempos, no encontro dos tempos de espera seus e dos outros, no cruzamento de alguma impaciência com seu pé que tamborila ansioso no limite da calçada.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada que a gente atravessa mesmo com o sinal fechado porque *tá escuro* e *tá tarde* e *a rua tá tão vazia,* na encruzilhada onde o moço da sua idade dorme embaixo de um pedaço de papelão, nessas encruzilhadas que são na verdade uma mesma encruzilhada e que é quase só uma questão de acaso que decide de que lado você está.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve na encruzilhada de tantos cinzas (tant*as* cinzas?): o asfalto e a calçada e a sola do sapato e o pneu e a sarjeta e o chiclete com a poeira grudada e o cachorro e a fumaça e o bueiro e a ratazana e o preto da sua escrita que se dissolve no oco branco de um papelzinho qualquer.

. . . . . .

não.

. . . . . .

uma dissertação se escreve sentado em cadeiras de praia em plena esquina democrática numa tarde de sexta-feira[47].

47 Políticas do texto III - Atelier de Escritas, algum dia de março de 2016 (para o vídeo deste encontro, ver RODRIGUES, Elisandro. Escrita Ocupada. Disponível em: <goo.gl/q7qzBj> Acessado em: 30/07/17.

sala de projeção

looking for the

my confession

lost at the end

eu lutava com um poema

ruminações circulares

a dream

fragment on this

percebi uma referência

desse o que estava copiando,

Todas as nossas mãos

me traz à memória a história

procuro reconhecer

row of

my head with

cut off

of the line

por meio de gestos,

macacos

um hecatombe

I'm a

strangers crowding

baralho de tarô

into my eyes

indiretos fechados

alguns minutos

de escrever a

destination

e saio sem rumo

em silêncio

Como faço agora para terminarmos *A caixa de palavras*, talvez mesmo à guerrilha recordar o que eu era lá fora, urânio, madeira e petróleo cordado, como faço para dormir no trilho do trem. exprimir tudo isto; e Deus o tenha.

pretendiam pronunciá-las, estamos todos A véspera do Ano-Novo — abate ritualístico

Esculpidos em espelhos,

perdemos todos a voz,

me acomodo

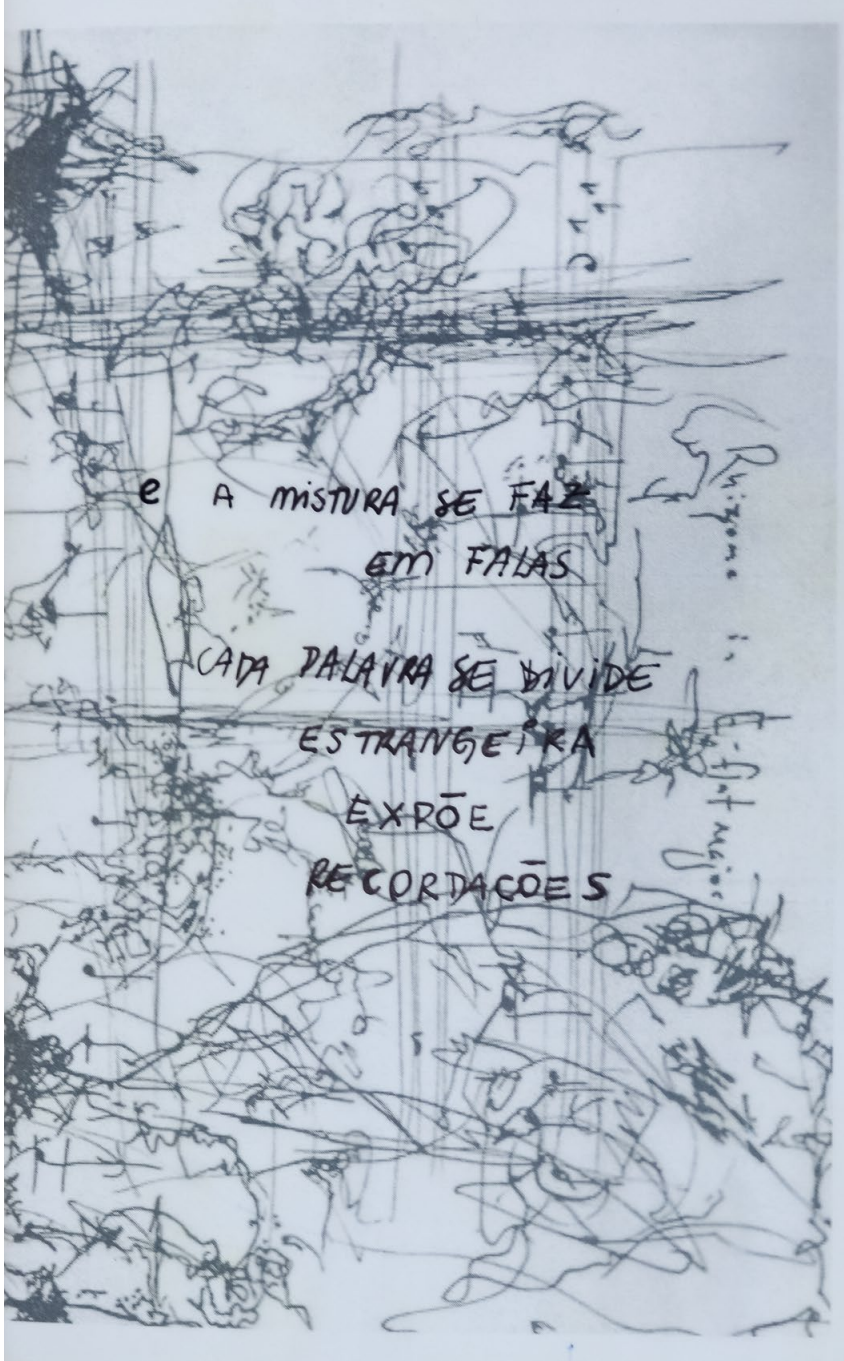
um copo grande de café

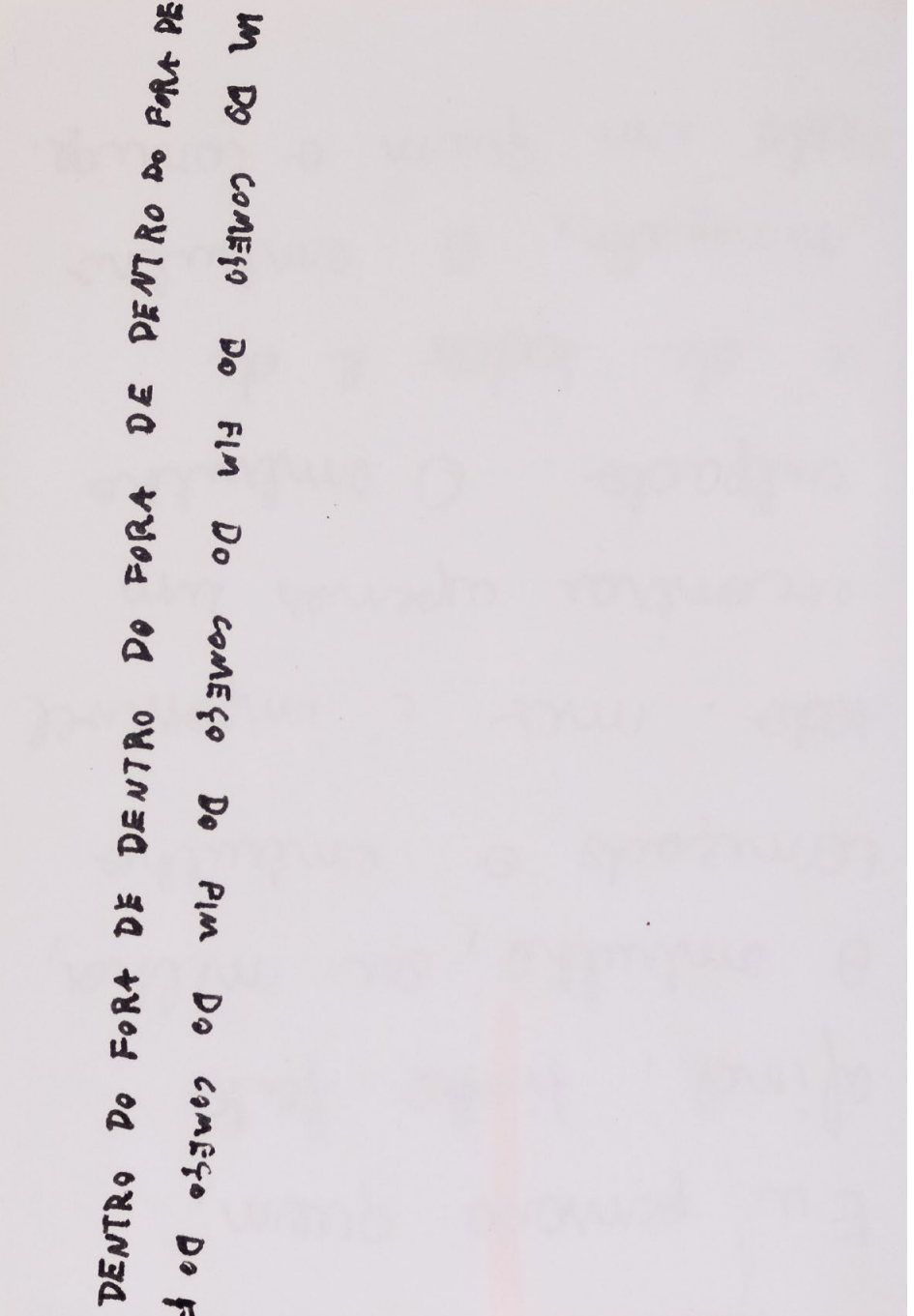
A perda do escritor a escrever livros.

segredos do mundo. comum

Paulo Chiapas e Maria Perubel, 2005

O teto é o espelho dos solitários. É para ele que ela olha todos os dias, feito de pedras, tijolos, concreto, todas essas coisas que são metáforas da aspereza. Nele ela se vê, sombra, nuvem pesada. É para ele que ela olha todas as segundas, enraizada no mesmo lugar. Todas as segundas, uma luz acesa às 7:20 da manhã. Todas as segundas, um dia que dura 80 horas. Todas as segundas, o gosto seco do desespero e da solidão. Sentada na poltrona azul, escreve, prepara aula, pensa sobre a dissertação, lê sobre plantas e flores. O dia tem 80 horas. Lá fora chove, dentro da sala faz silêncio. Ela olha para o teto, espelho dos solitários.





Você e sua xícara de café[48] estão sentados em um escritório iluminado, relativamente tranquilos, os sons da rua vindo distantes pelo céu ensolarado. É uma mesinha pequena, uma cadeira confortável, e você escreve com prazer e com um sorriso no rosto, sentindo-se leve e contente com a sua pesquisa. Seus dedos correm ligeiros pelo teclado, escrevendo uma cena particularmente boa, e você dá um suspiro de prazer pensando em como tem sorte de ter um orientador que embarca junto na sua fantasia de pesquisa.

Você está imerso em escrita e pensamento, e nem percebe a figura que se aproxima; ela para bem atrás da sua cadeira, as mãos apoiadas no encosto, espiando por cima do seu ombro.

Norma
Bem bonito, isso aí. Gostei. [ela dá uma risadinha, lendo uma parte engraçada] Gostei mesmo, é tão divertido! O que é? Você está escrevendo um conto, um fanzine?

Lcn
Não, essa é a minha pesquisa.

A Norma está às suas costas, então você não percebe a sua cara *chocada.* Mas ela dramaticamente dá a volta em você, posicionando-se ao lado da mesa, e o encara com aquela expressão como que congelada no rosto. As suas mãos estão um pouco

48 fraco demais para o gosto do Orientador.

afastadas do corpo, também *chocadas,* sem saber o que fazer. Você olha para ela e pisca excessivamente.

Norma

N….. ná….. mas……. o que?? Nã ná nã não…….. está *errado*, está tudo errado! Isto…….. isto *não pode*….. isto náO É UMA PESQUISA!!!!

Lcn

Hmm… acho que é sim?

Norma

Não, Lcn, não, *não*.….

Ela se sacode em um arrepio, como que saindo de seu estupor, e por um breve momento você vê passar por seu rosto uma leve expressão de *tristeza.* Respirando fundo, a Norma se senta em uma cadeira bem à sua frente, e segura as suas mãos entre as dela, olhando-o condescendente, *preocupada*.

Norma

Lcn, eu sei que você tem talento, que você escreve bem… mas deixe-me explicar uma coisa. Eu sei que você tem a melhor das intenções, mas….. querido, infelizmente isto aqui *não é* uma pesquisa. É muito bonito, de verdade, mas não *aqui*...

Você rola os olhos, já tendo ouvido esse mesmo discurso uma pequena centena de vezes. você quer dizer para ela que você passou por um processo de seleção como todos os outros, e que então você tem o direito de estar ali. Você quer dizer para ela que há outros fazendo coisas parecidas, que você não está inventando tudo aquilo do nada, que isto que está fazendo movimenta tantas coisas, faz pensar sobre tantas coisas, dentro

e fora da Academia... Você quer dizer para ela que você tem um orientador e professores e colegas que *acreditam* no que você escreve, e que então aquilo *é sim* muito bem uma pesquisa. Mas as palavras são tantas, e ficam como que entaladas na sua garganta, apenas se externando em seu corpo pelos lábios secos e por uma piscada forte que dura uma fração de segundo *demais.* A Norma não parece perceber.

Norma

Meu anjo… ai… é uma pena mesmo, você estava se esforçando tanto! Mas não se preocupe, é bom que eu tenha passado por aqui justamente hoje, porque eu posso ajudá-lo.

[a Norma tira do bolso uma pequena apostila entitulada "Estrutura do Projeto de Pesquisa[49]", e estende-a para você.]

Norma

Veja bem, querido; é assim que deve ser uma pesquisa: no começo, há os que chamamos de "elementos pré-textuais", que são a Capa, a Folha de Rosto e o Sumário. Depois vem o texto de fato, que é composto pela Introdução, o Referencial Teórico, a Metodologia e o Cronograma. Aí, no fim, vêm os que chamamos "elementos pós-textuais", que são as Referências, e, se for o caso, os Apêndices e Anexos. Daí você formata tudo nas normas da ABNT, entrega para a banca, e *voilá!*, qualificação! Não se preocupe, eu sei que parece bastante coisa, e que parece difícil, mas você vai tirar isso de letra. Você é tão inteligente!

49 FACULDADES FIO OURINHOS. Normatização do Trabalho Acadêmico. Estrutura do Projeto de Pesquisa. Disponível em: <http://fio.edu.br/manualtcc/co/1_Estrutura_do_projeto_de_pesquisa.html> Acesso em 13 de agosto de 2016.

Se fosse a primeira vez, você até se compadeceria com seu esforço em *educá-lo* - mas você já passou por isso antes, em outros campos, e sabe exatamente aonde isto vai levar. Ademais, você precisa entregar o projeto logo para a banca, e não tem nem tempo nem saco para ficar aguentando essas coisas. Isso, e as ligações de telemarketing.

Lcn
Olha, Dona Norma… eu agradeço muito a sua disponibilidade, mas… veja bem, eu estou ocupado aqui, e, além disso, eu não tenho interesse na sua proposta. Tenha um bom dia.

Norma
NÃO!!! VOCÊ NÃO ENTENDE!! Esse tipo de "pesquisa" nunca vai dar certo, isso funciona muito bem em outras áreas, mas aqui é a *Academia!* Você precisa ter respaldos, você precisa ter Rigor Científico! Não é só sair escrevendo o que você bem entender!

Lcn
Mas eu não estou escrevendo o que eu bem entender! Você não percebe? Eu estou conversando com tantos autores, com tantas ideias… Só porque eu não faço um uso padrão e interesseiro deles, não quer dizer que eles não estejam lá! Eles estão em toda parte, no texto, fora dele… sem eles, nada seria possível, eles *são* o texto! Só porque as coisas, na minha pesquisa, acontecem através de formas diferentes, não quer dizer que o rigor não esteja aqui! Isto aqui É UMA PESQUISA *SIM!* Agora *SAIA!*

Você está de pé, com o punho cerrado na mesa, um dedo em riste apontando para a porta, encarando a Norma de cima para baixo. Ela perdeu o olhar complacente que trazia no rosto, e agora parece apenas exasperada com a firmeza da sua reação. Por alguns segundos, é como se ela realmente estivesse considerando sair. *Mas seria muita pretensão:* afinal, trata-se da *Norma,* e ela não é algo que se dobre tão fácil; ela se levanta, *firme*, e cerra também o punho sobre a mesa. Ela crava os olhos nos seus, e adquire um tom *agressivo:*

Norma
Lcn, você pode até querer se arriscar nessas suas escritas malucas, faça o que bem entender, é por sua conta e risco mesmo. Mas você não vai sair desta sala enquanto não me der *ao menos uma metodologia.*

Lcn
Por quê? Você não enxerga que a minha pesquisa já *funciona? Que ela já tem um movimento?* Por que é que eu preciso escolher uma metodologia entre uma série de opções disponíveis? E se o que eu faço não tem nome? E se não se encaixa direito em nenhum desses nomes que existem, hein? E aí? Você vai me expulsar do PPG? Vai me denunciar pro DOPS? Vai me chamar de "bobo"?

Norma
Você. Não. Sai. Enquanto. Não. Me. Der. Uma METODOLOGIA!

Lcn
NÃO!

Norma
SIM!

Lcn
gwrgwgrrrrrrrrr!

Norma
GWRGWRRRRRRRRRRR!

Você e a Norma fitam-se violentamente, quase sendo possível segurar com as mãos a tensão que existe entre ambos. A situação não parece propensa a se alterar, a menos que alguém decida ceder. Você não quer ceder. *Não pode* ceder, e isto não é teimosia, isto é um ato político. Mas você *realmente precisa* ir ao banheiro. E você não pode sair da sala enquanto não der à Norma uma Metodologia.

Lcn
[com um suspiro resignado]
Ok, Norma. Você venceu. Quais são as minhas opções?

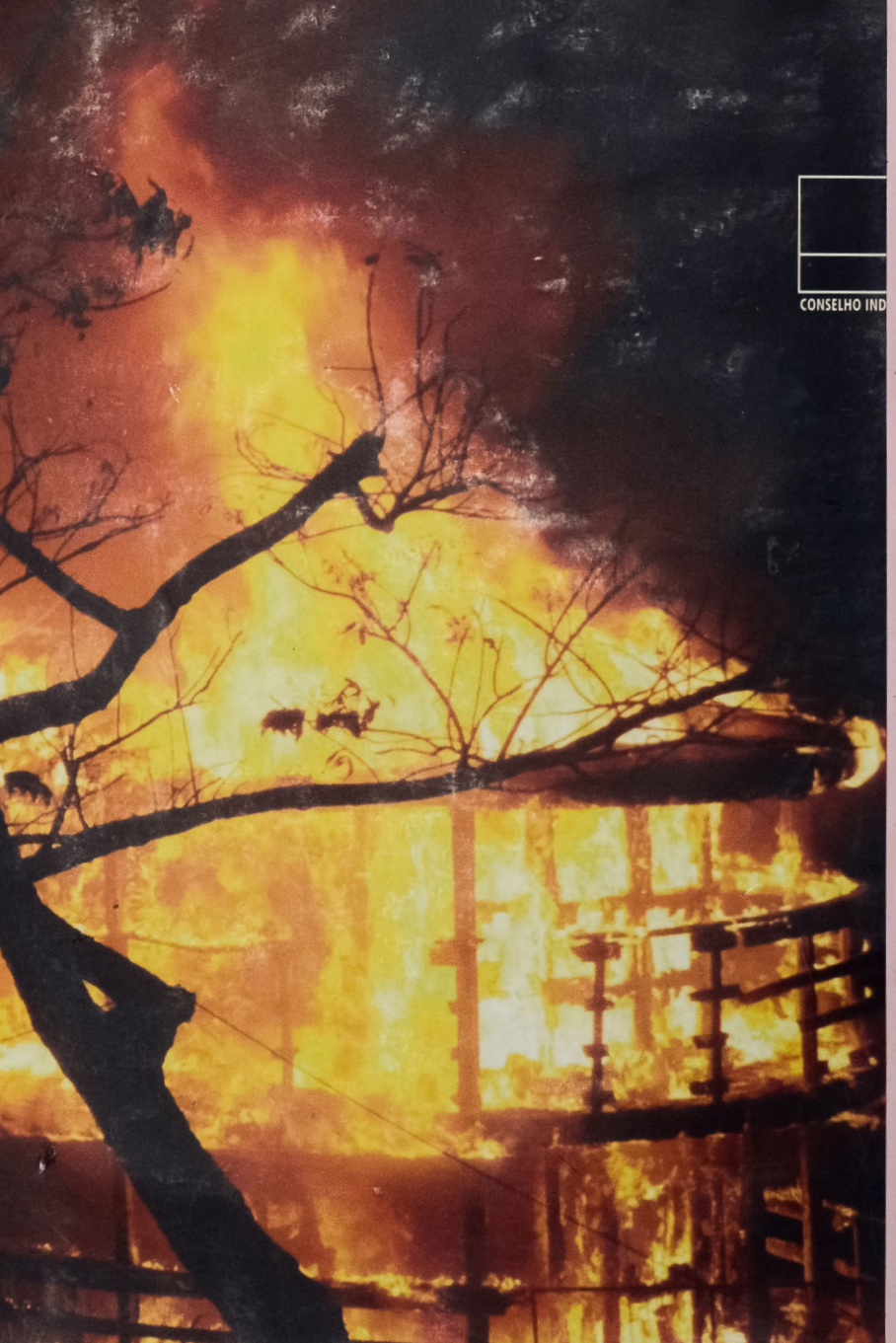
Com um sorriso no rosto, a Norma lhe entrega um formulário, onde se leem quatro opções:

" Assinale com um "x" a metodologia de sua preferência:
[ ] **Pesquisa - Ação**
[ ] **Etnografia**
[ ] **Pesquisa Qualitativa**
[ ] **Cartografia**"

Você não tem a menor ideia do que qualquer destas palavras quer dizer, nem tem vontade alguma de perguntar. E, mesmo que tivesse, sua bexiga gritaria bem alto que *NÃO*.

Dotado de um súbito arroubo de energia, você pega uma caneta, marca um "x" vigoroso na folha, preenche a data e assina o seu nome. Você olha *fundo* nos olhos da Norma, antes de entregar-lhe o papel: pois ela pode pensar que venceu este embate, mas quem sai por cima daqui é *você*. Você, pesquisador-aventureiro, cientista pirata, que pouco se importa com as regras do jogo. *Você,* que na verdade não marcou caixa nenhuma e na verdade escreveu "XIXI".

Você abre a porta e sai correndo para o banheiro.



a Violência.

É
uma nação de homens

... com pernas
suja de piedade

A pedagogia dos aços
golpeia no corpo
essa atroz geografia...

tão livres que elas
ausência de lei foi
da frente, como se
pudessem ser homens

A vida vale uma revolução,
o ar empoeirado. Um
mundo em escura
a ausência de piedade
com o vigor que
de azul,
uma mulher deu sentido
A O que chamava de crise

Freud viera afinal.
olhava agora as relações primárias
mais abafado,
Na Rua Voluntários

Eles rondam
o sonho e ataram
uma bomba
não sabiam para que
tão súbito que Ana
pudesse cair

soterrado na lama,
sem nome,
soterrado pelo silêncio.

A vida vale
do lado de

dentro de cada

A terra vale
A terra vale
reservas.
do lado de dentro

Por ser histórica e por ter a crueldade,
ou diminuir pela força deixava-as
níveis coletivos, individuais
modalidades mais sutis,
para que todos possam colaborar.

Maria Cecília de Souza pronunciou em relação
a o prazer intenso com que
O calor se tornara
uma força e vozes mais altas.

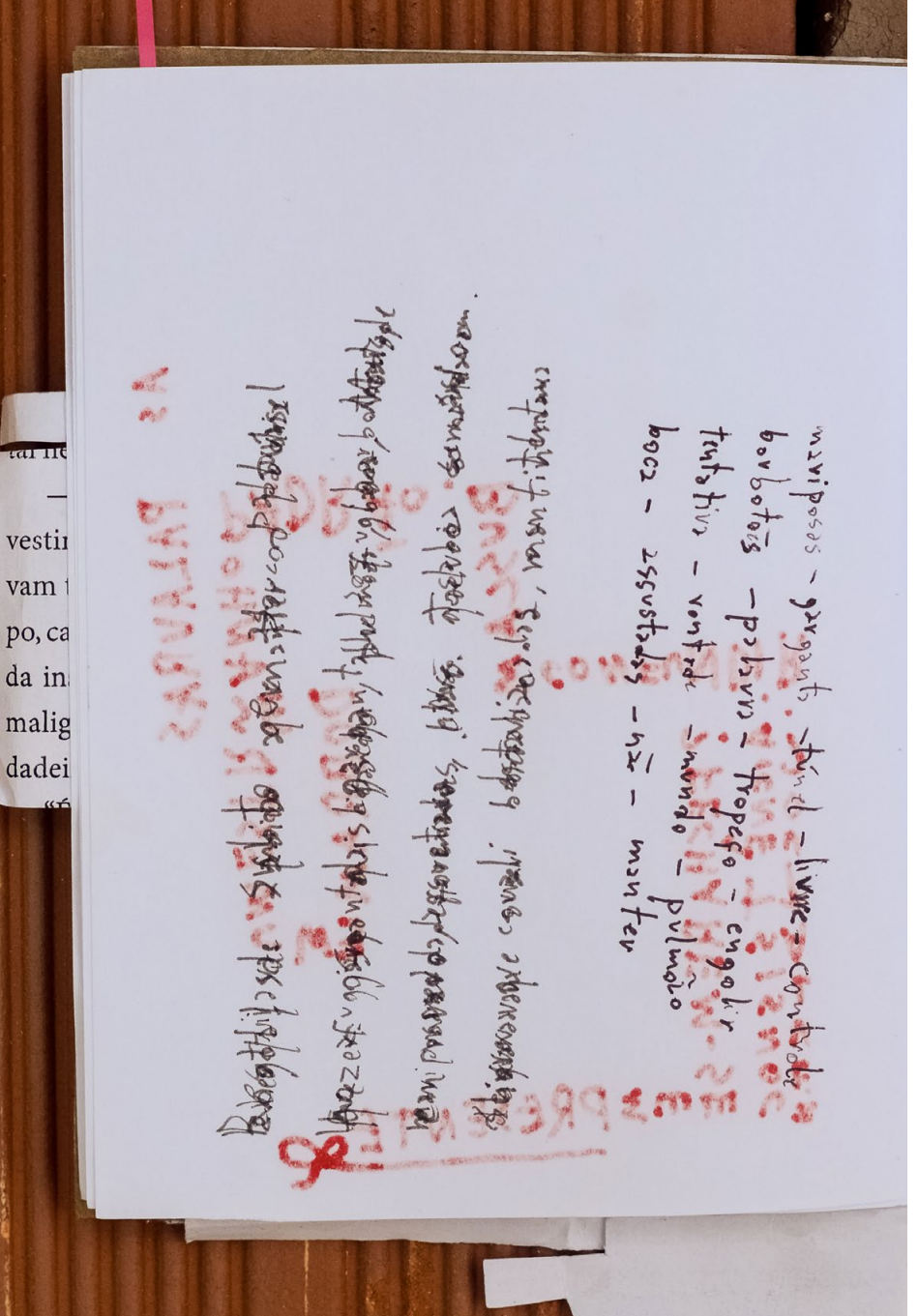
Eldorado dos Carajás...

foge a qualquer conceituação
de violência e de agressividad
bastante contraditória
é um impulso nato, essencial

de violência: a violência faz

olhos de uma criança
da fuzilaria. entrelaçavam

as pedras gritarão

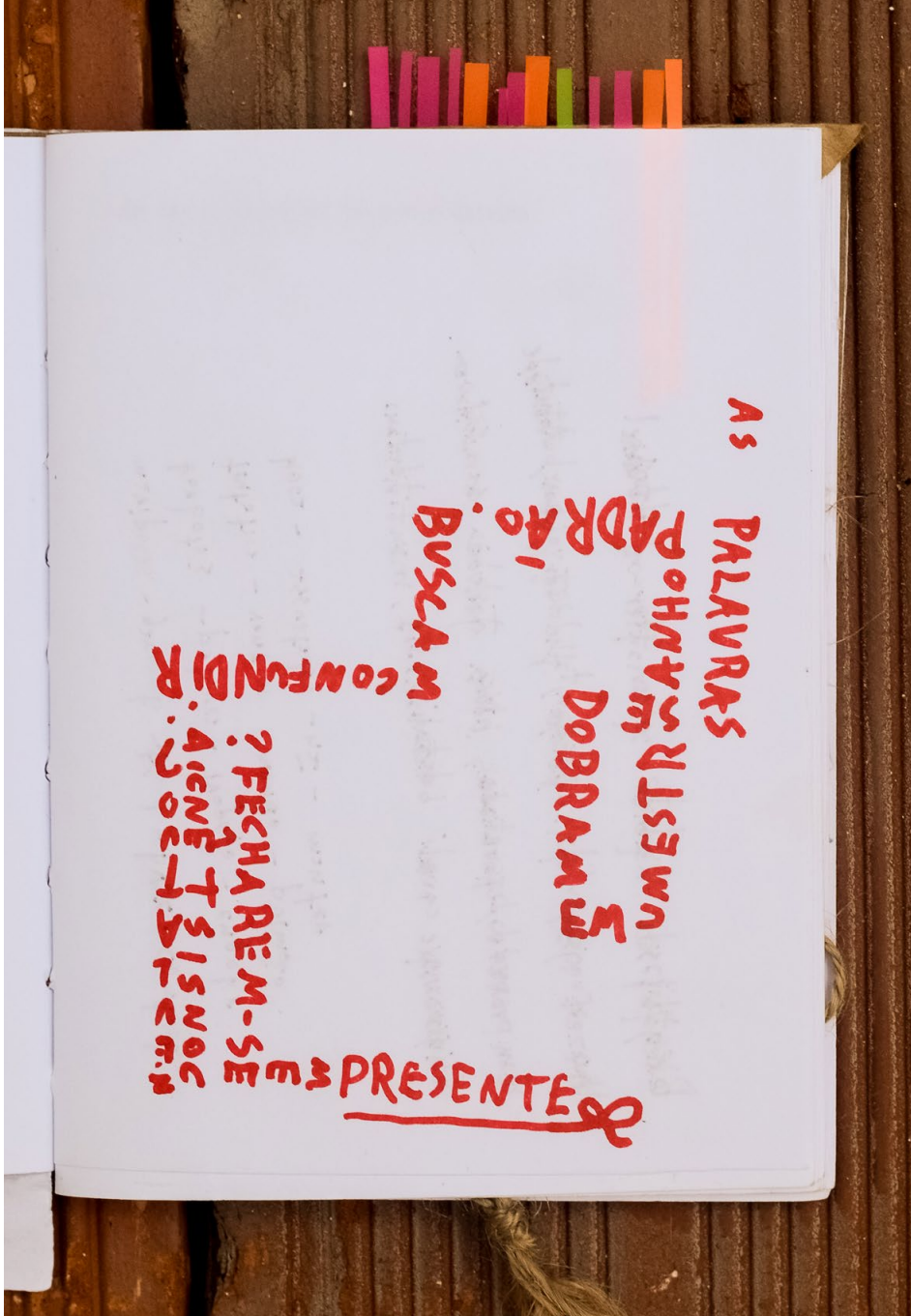


VIOLÊNCIA DIRETA
VIOLÊNCIA ESTRUTURAL

OU UMA OU OUTRA

ESCOLHA A SUA.
SIM, ÉS OBRIGADO A
ESCOLHER

RECUSA


AS PALAVRAS
UMESTRE SANHO
PADRÃO
DOBRAMEM
BUSCAM
CONFUNDIR
?FECHAREM-SE
PRESENTE

Bingo do escrever um mestrado

Qual a relevância disso?	Objetivo: mudar o mundo Prazo: duas semanas	Insônia	Prometi ao orientador, mas não cumpri	Não tem referências suficientes
Eu: *tenta explicar a pesquisa* Eu: *falha horrivelmente*	Tantos relatórios!	"Está tudo bem, eu só estou cansado"	E a ABNT?	Isso é mesmo uma pesquisa?
Procrastinar no facebook	Preciso usar Autores Importantes	APAGAR TUDO O QUE JÁ ESCREVEU	O que é mesmo Psicologia Social?	Eu deveria ler mais (não, não poesia)
Renovar 25 livros na biblioteca. Não ler nenhum.	Ataque de pânico	O que que eu estou fazendo aqui?	Tem memes na dissertação, a que ponto chegamos	Café. Mais café. Muito café. Café demais.
Eu deveria estar escrevendo	Eu: *cita Deleuze* Eu: *nunca leu Deleuze*	Sério, eu realmente preciso de mais referências	Emocionalmente despreparado para o estágio de docência	Ninguém vai ler isso

Onde
respirar na
relva de
desesperança?

dentro do fora de dentro do fora de dentro do fora de
fim do começo do fim do começo do fim do começo do

violências

segregação

acidentes

crítica

Fotos: Frederico Sehn/ Divulgação

rido, além de como ele percebe o ato de ensinar.

Em seu artigo "Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência" (2007), os pesquisadores Juan Mosquera, Claus Stobäus e Bettina Santos defendem que o bem-estar docente "está associado às tentativas de auxiliar a redescobrir o seu práticas em especial frente às crises nas instituições educacionais, quanto à sua função, às ações pedagógicas, influenciadas pelas mudanças rápidas no contexto social, na introdução de tecnologias de informação e comunicação cada vez mais rapidamente e mais sensível à divulgação de informações em outros meios mais excludentes de maior abrangência, como a internet".

As atitudes discriminatórias relação aos colegas e aos estudantes e em relação a si próprio são fontes de bem-estar, pois os sucessos diários se dão com a valorização das qualidades pessoais e doenças nais. Gostar de ensinar e de estar com os alunos são pressupostos básicos de bem-estar docente, pois há uma estreita relação entre o bem-estar docente e o bem-estar discente, no que se refere às relações, pois a satisfação do professor influencia diretamente na satisfação do estudante, principalmente na sala de aula.

O bem-estar docente não é a ausência de mal-estar exclusivamente se na figura do professor en-

rasil. Gil-
olão, dese-
rco e ofici-
eve e atua
nerciais de
carnaval.
uma visão
emática que
bilizações res-
Vejo a arte
do que sei
s são com-
culo. Atual-

do aluno mais do que ele imagina e procuro
reconstrução para que ele
fazer esse link com a
tenha uma visão crítica da arte, que saiba
refletir por que a arte se manifesta daquela
forma em cada discriminação histórico." Para ele,
combate
lecionar arte é ualizar. "Mais do que
saber que na Idade Média se pintavam au-
torretratos, quero que os alunos saibam por
que isso ocorria, de acordo com o contexto
da época", inquieta-se, acrescentando desafios
também acompanha fenômenos contempo-
racismo
râneos da indústria que arrebatam
os jovens, a exemplo da saga prisional ulo e
Game of Thrones.

Veja só. Você estudou e pensou e ordenou e limpou suas notas até que a sujeira entre as letras se reduzisse ao mínimo, você poliu cada espaço entre as palavras até que o texto estivesse livre de dejetos, de rastros, de pegadas. Você afinou sua escrita até que ela ficasse livre de qualquer ruído, de qualquer microfonia do corpo.

Você enxugou o seu discurso ao mínimo, comprimiu o que você queria dizer ao tamanho de uma pílula[50], condensou suas palavras em um ínfimo de tempo, suprimiu as citações, retirou as pausas, os ãhns, as dúvidas, a poesia. Você tornou a sua fala sensata, precisa, consumível, palatável.

Tornou o seu discurso neutro e científico.

Você fez tudo quanto era adequado, cabível, desejado, e ainda assim o que existe dentro de você é um abismo.

Você, preso nessa folha lisa demais, limpa demais, ofuscado pelo brilho dessa caixa branca onde você e seu impecável texto estão trancafiados, expostos, nus.

Você - reduzido, filtrado, destilado.

Você, que despenca no vazio de sentido de todas estas palavras exatas, você que se afoga nesta precisão desexcessiva onde nada lhe toca e onde nada lhe afeta.

[dizem que as crianças de classe média estão ficando doentes por viverem em ambientes limpos demais]

Você, que de fato já está doente de tudo isso.

50 de 140 caracteres, de até 250 caracteres e 3 a 5 palavras-chave, de 10, 100 ou 1000mg por via oral três vezes ao dia, de 8 em 8 horas.

Você, que pouco a pouco foi-se deixando matar.

Você não se importa mais. Você não luta mais.

Você se desfaz em personagens na multidão.

(como pôde se fechar nessa caixa de espelhos e não perceber os reflexos à sua volta?)

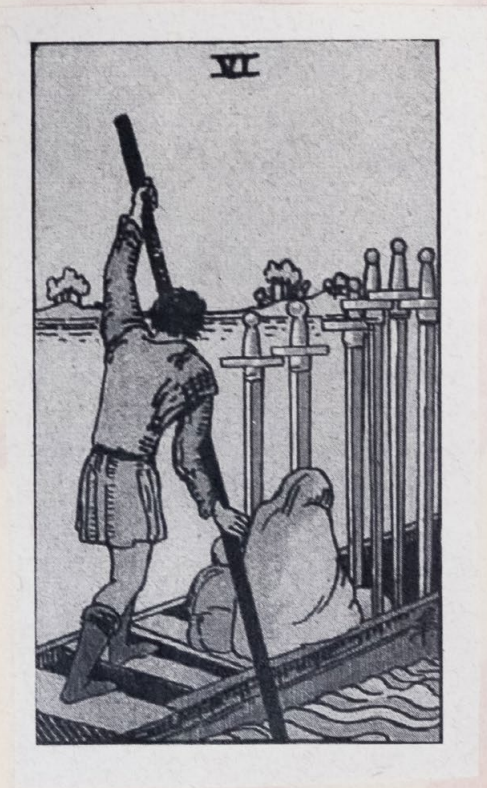
Você se afoga no raso da sua própria profundidade.

No que você foi, no que deixou de ser.

No que você é, no que haverá de ser.

Então o espaço 1.5 se consolidou
até formar um buraco
que engoliu parte de nós.[51]

51 a última parte é uma adaptação do poema coletivo "Os meninos da minha escola me pareciam maus", elaborado a partir do poema homônimo de Hilan Benusan (disponível em: <https://goo.gl/wjivaR>) durante o estágio de docência com os alunos da Turma E de Psicologia da Educação II. Este poema será publicado no livro A Hora do Pesadelo: Paixões distópicas em educação. (COSTA, L. MARQUES, D. (orgs), 2017)



VI

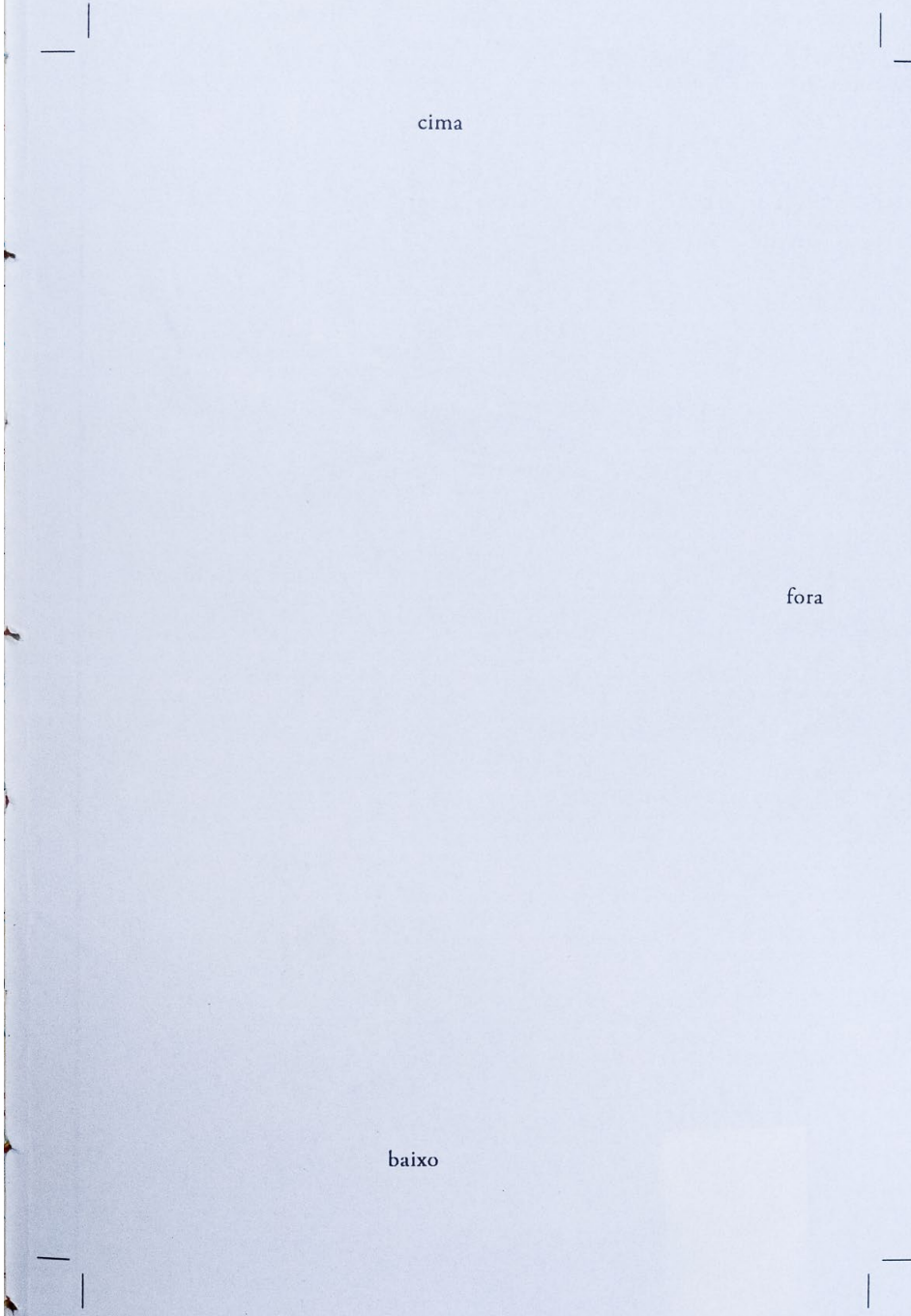
6 de espadas A retirada

Sacrifício

Num mundo em que deve correr o mais rápido que possa para permanecer no seu lugar, o Enforcado lhe diz que pare de lutar e poderá avançar.

Isto não é um lamento, é um grito de ave de rapina. Irisada e tranquila. O beijo no rosto do morto.

Eu escrevo para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos.

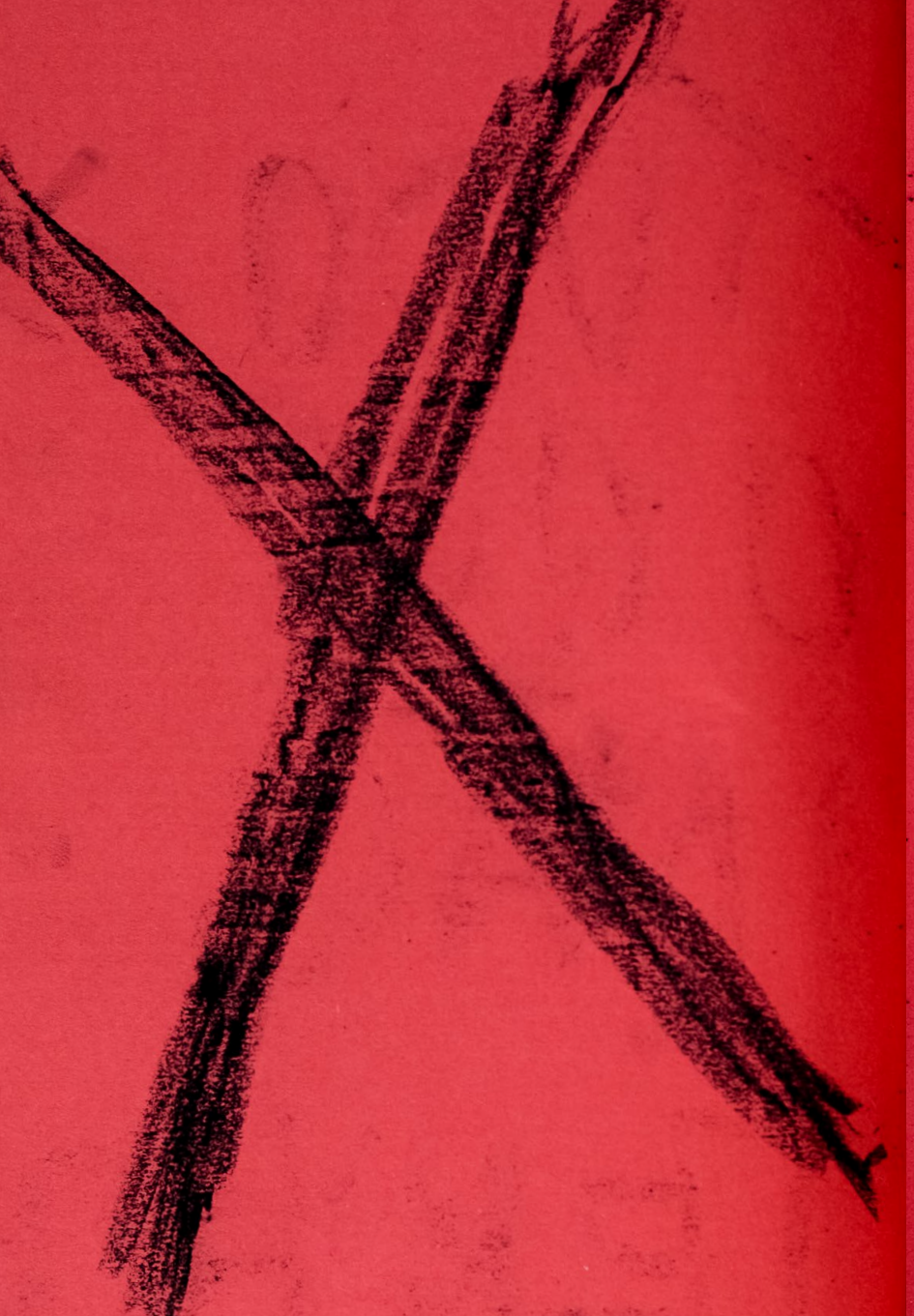


Requiescat
in
pace

Você está no banheiro da sua casa, as mãos apoiadas sobre o balcão, a cabeça caída pesando em cima de seus ombros tensos. Você a sacode, recusando levantá-la. Mesmo na luz fraca de quem não quer perturbar a namorada dormindo no quarto, você sabe que será possível distinguir o inchaço vermelho de seus olhos, a pele amassada de seu rosto enterrado por horas contra a violência macia do travesseiro, e você não quer saber-se assim. Outra noite, outra noite, ainda outra noite em que você sabe que terá que recorrer a um comprimido de dramin para salvá-lo do abismo de seus próprios pensamentos. Outra noite, ainda outra noite onde a escuridão profunda engole seu corpo inteiro, onde seus limites se perdem contra o toque macio e gélido desse espaço de veludo, onde seu corpo cai *amparado pela escuridão aveludada que* cai *como você. Pois como dormir, como deixar-se descansar quando o teto o encara assim, duro, seco,* denso *que nem a folha branca na qual você violentamente não consegue inscrever suas palavras? Como dormir, quando a Norma pesa sobre você com todas as palavras que não escreveu e com todas as mentiras que prometeu ao seu orientador e com todas as referências que deveriam estar no seu texto mas que simplesmente* não te atravessam? *Como, como, COMO? Você joga a cabeça para trás em um grito mudo, evitando cruzar seus olhos com aqueles da figura do espelho.*

Na escuridão da noite, você se sabe estrangeiro[52]*, e isso rasga a sua pele com uma violência insustentável. Na escuridão da noite, você se depara com o abismo, e, da solidão do topo, você deseja e imagina o que haverá lá embaixo. Na escuridão da noite, você teme as profundidades do abismo - e o abismo o observa de volta, temendo também as suas próprias profundidades.*

52 "Ser estrangeiro é inevitável, necessário, desejável, exceto quando a noite cai." (BARTHES, Roland. Como viver junto. São Paulo: Martins Fontes, 2003.)



TUDO
O QUE
NÃO
TENHO

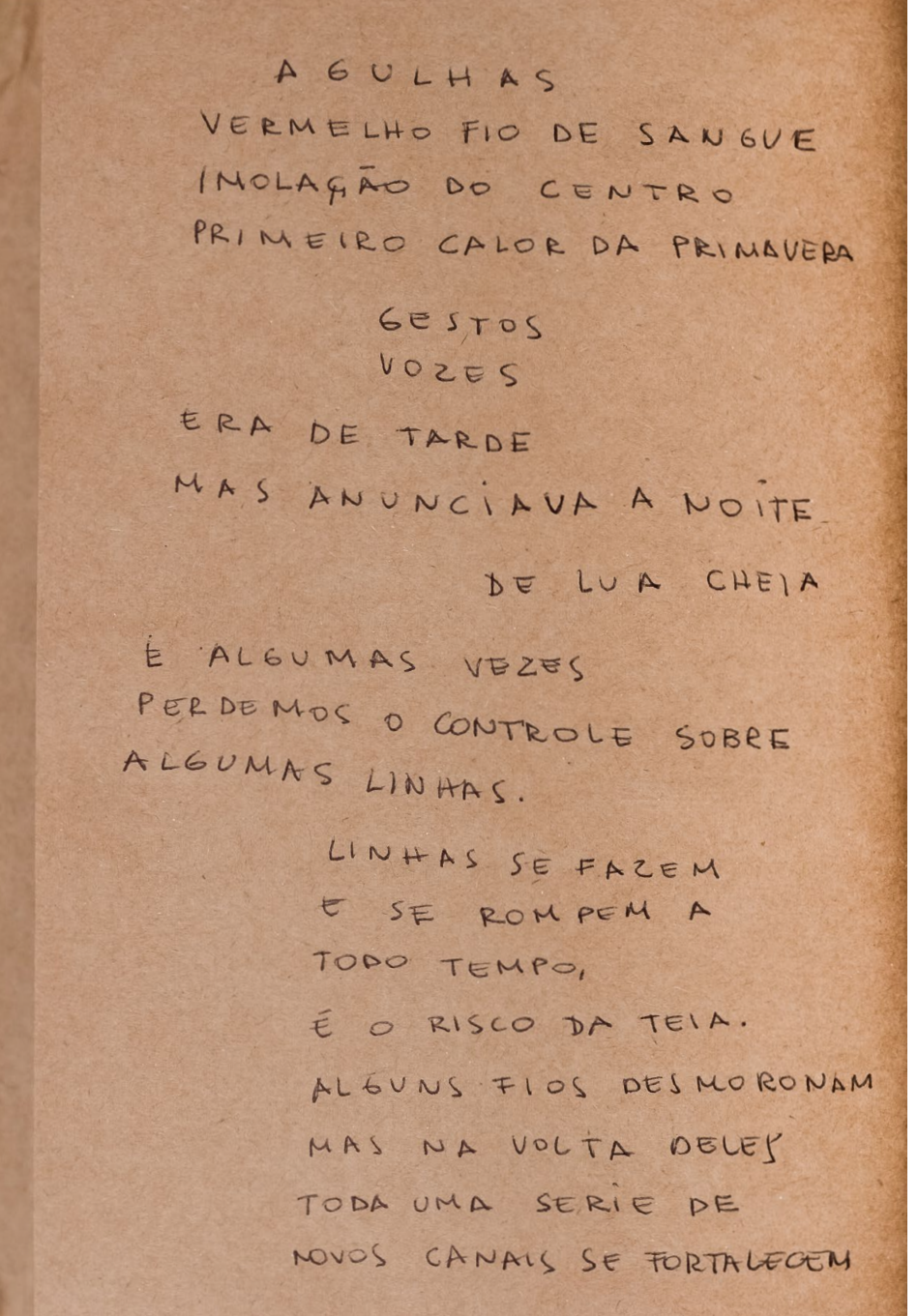
[a sua mãe]
[não teve estômago]
[para atravessar]
[o seu projeto de dissertação[53]]

53 baseado em fatos reais.

[o peso de se escrever com o corpo,]
[com a pele]
[*através*]

[indigerir o mundo]
[cuspir o texto]
[limpá-lo]
[.assumir//negar.]
[desfigurar seu nome]
[desvincular seu rosto]
[pedir pra que se esqueça]

[e ainda assim,]


AGULHAS
VERMELHO FIO DE SANGUE
IMOLAÇÃO DO CENTRO
PRIMEIRO CALOR DA PRIMAVERA

GESTOS
VOZES
ERA DE TARDE
MAS ANUNCIAVA A NOITE
DE LUA CHEIA

É ALGUMAS VEZES
PERDEMOS O CONTROLE SOBRE
ALGUMAS LINHAS.

LINHAS SE FAZEM
E SE ROMPEM A
TODO TEMPO,
É O RISCO DA TEIA.
ALGUNS FIOS DESMORONAM
MAS NA VOLTA DELES
TODA UMA SERIE DE
NOVOS CANAIS SE FORTALECEM

LISTA DE PEQUENAS MORTES:

1. SOLIDÃO
2. COMPETITIVIDADE ACADÊMICA
3. PEC 241
4. [redacted]
5. PESSOAS QUE NÃO [redacted] SE DEIXAM TOCAR

Que diabos é a paz? ------> isso é Foucault

A paz que, surdamente, faz a guerra?

A paz romana? Pax Romana?

Ausência do discurso da violência

- ausência de violência?

Pra muitos, o discurso bate, a equação faz sentido

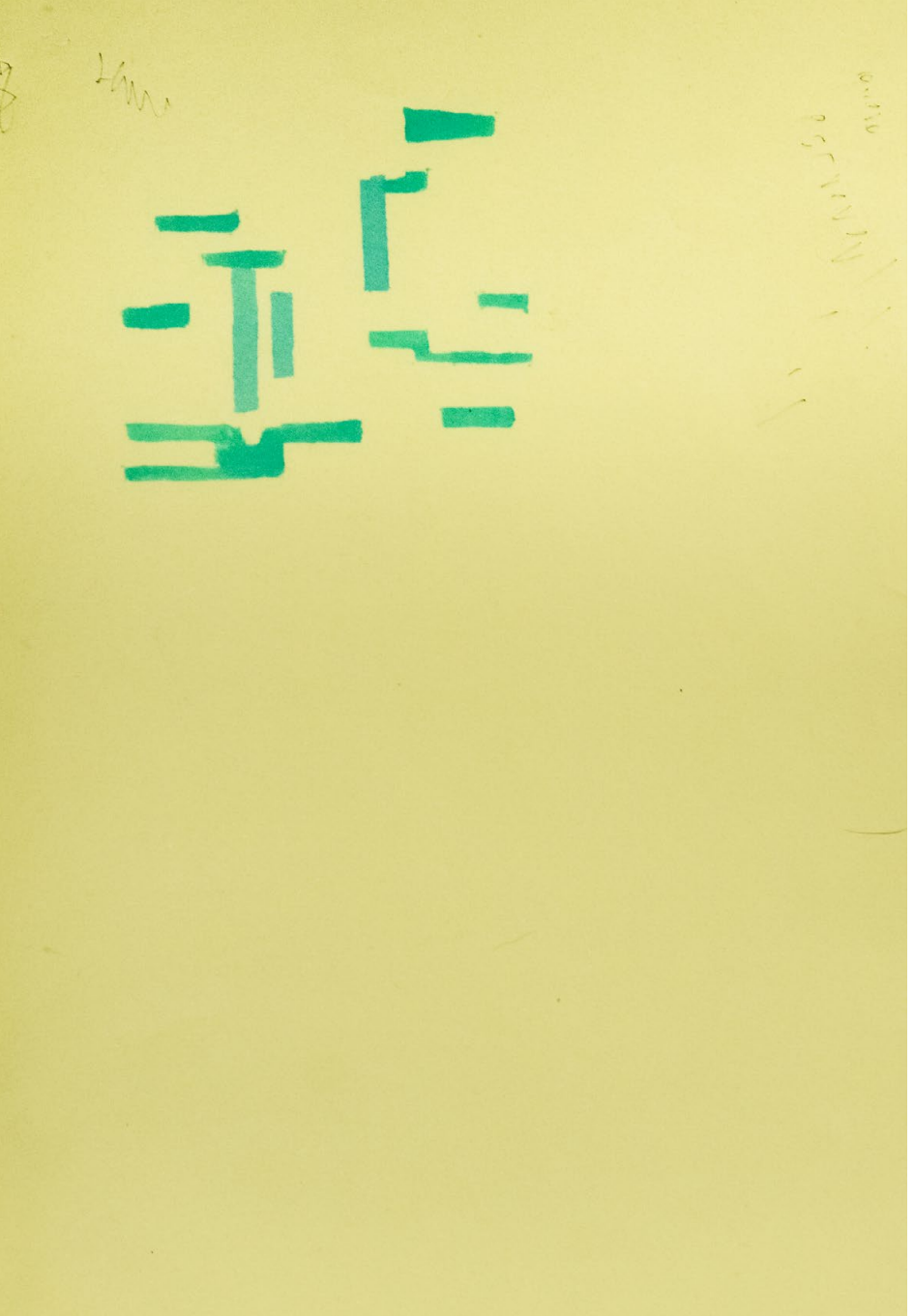
Escondida, a violência não existe. Vivemos sob o signo da Paz.

Violentos violentados, que corpo pode suportar isso, aceitar isso?

A imagem da violência é violenta, claro, mas não o é também seu apagamento? Violência silenciada.

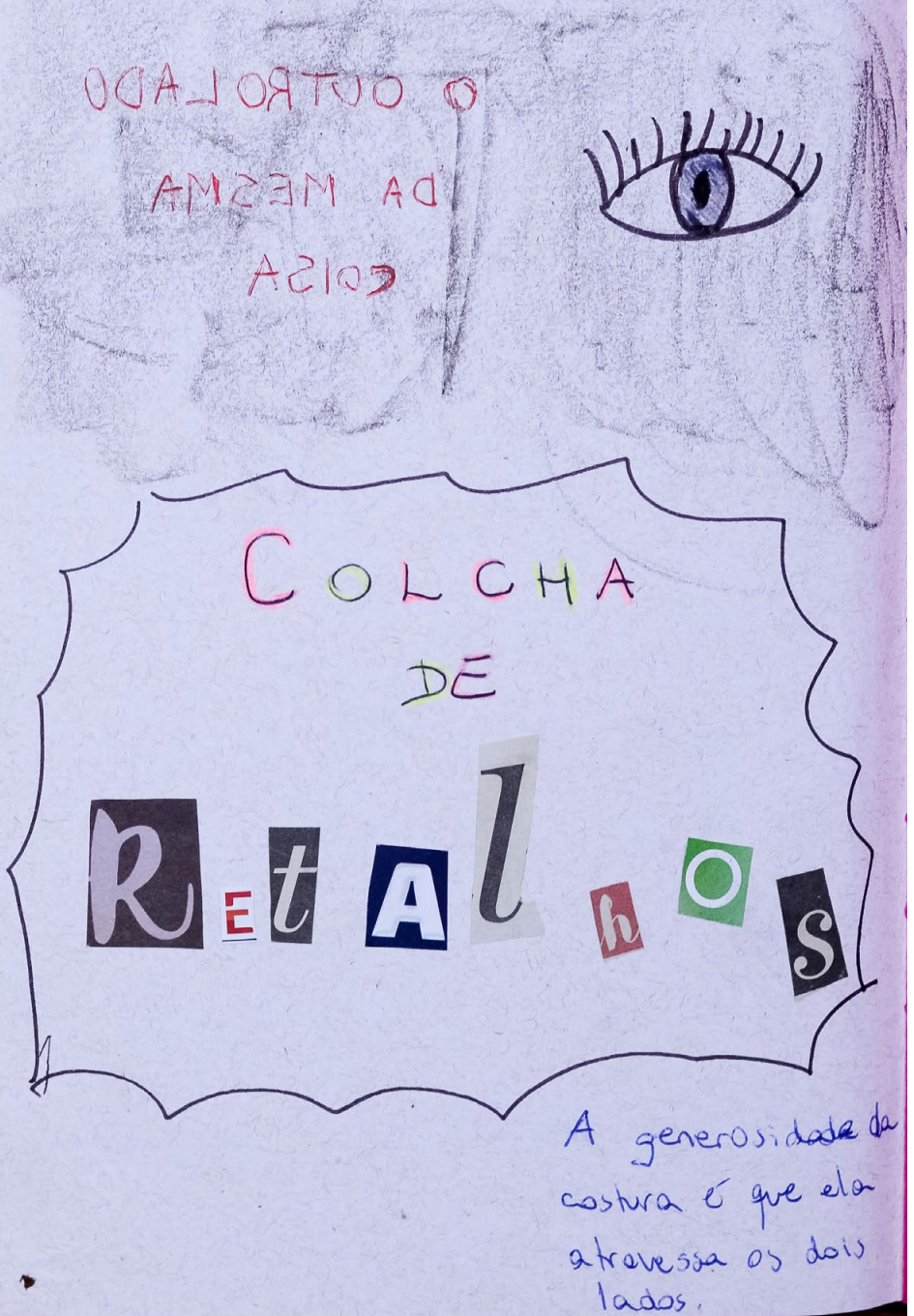
"Pois paz sem voz não é paz é medo" ----> Rappa

Guerra a essa maldita paz que finge não ser violenta pra caralho.



verso-grampo; anverso-delícia

mortificação
do
papel?



AVESSO
o outro lado da mesma coisa
o que não se pode ver do que é para ser visto
o que não se olha da coisa tornada visível

Estilhaço
do
Estilete
que
Corte
&
Costura
endo
Tecido na trama
têxtil
do
texto

ou ainda[54]:

pesquisar *com*
pesquisar *por*
[pesquisar]
com-por

[como um nômade]
vagueando
com uma ideia vaga do que precisa
com uma ideia vaga do que não precisa
com um carrinho de supermercado
[catando coisas]
com tudo aquilo que se encontrar no caminho

pesquisar
.
recolher
.
selecionar

54 este poema joga com ideias escutadas/pensadas/anotadas/inventadas durante o seminário do professor Jorge do Ó, ocorrido na Faculdade de Educação da UFRGS, entre os dias 05 e 10 de maio de 2017.

.
guardar
.

[como um viajante]
com um limite de peso
com um limite de espaço
com um limite de preço
com a mochila nas costas
[com a bagagem de mão]
fazendo caber numa mala tudo o que trazes de mais importante

pesquisar
.
carregar
.
colecionar
.
cuidar
.

[acumulando]
com um inventário
com um armazém
com uma caixinha
com uma gaveta
de todas as coisas que se insiste em guardar
com o que pode ser que se use

com o que talvez não se use
com o que se usou e usará novamente
[sem saber]
mas sabendo que pesquisa é nunca parar de catar

[com/pondo]
[trocando]
[jogando fora]

com as coisas que lês com paixão
[mas que (achas) não são importantes]
com as coisas que (achas) são importantes
[mas que não sabes como ler]
e com tudo o que existe no meio
[soterrado]
com uma pilha de referências
com uma nuvem de arquivos
com as estantes cheias de livros
com as estradas cheias de caminhos
e com o terror de não saber nem por onde começar

pesquisar
.
deslocar
.
fragmentar
.
roubar
.

como um pirata
como um ladrão
como um bandido
como um bastardo
[ainda assim apaixonado]

do teu lugar
[de leitura]
[de escrita]
[de fala]
citando os textos sem os haver entendido
usando as próprias palavras
compondo os próprios sentidos
lendo os livros como se não houvesse ainda nenhum
comentador

ou
a partir da tua própria pergunta
[da tua própria garganta]

sem respeito
sem decoro
sem nenhuma filiação

com essa capacidade que autores diferentes
têm de dizer quase a mesma coisa
[com coisas outras]

usando vozes de outros para fazer falar o teu texto
[como uma máscara]
[como uma casca]
como em um livro que fosse só de citações
explícito
anônimo
por aquilo que *comunica* entre os textos

[se aventurar a falar alto uma pesquisa em andamento]

pesquisar
sabendo que isto que não vai salvar as crianças
que não vai curar o câncer
que não vai mudar o mundo
mas que ainda assim é importante

[talvez]

mesmo que seja para 10 leitores
[talvez 100 nos próximos anos]
mesmo que seja apenas para os seus alunos
seus colegas
escritores
[quem são eles?]
mesmo que seja essa coisa de louco
[*loucura consentida desses loucos ao redor*]

perder tempo à procura das palavras

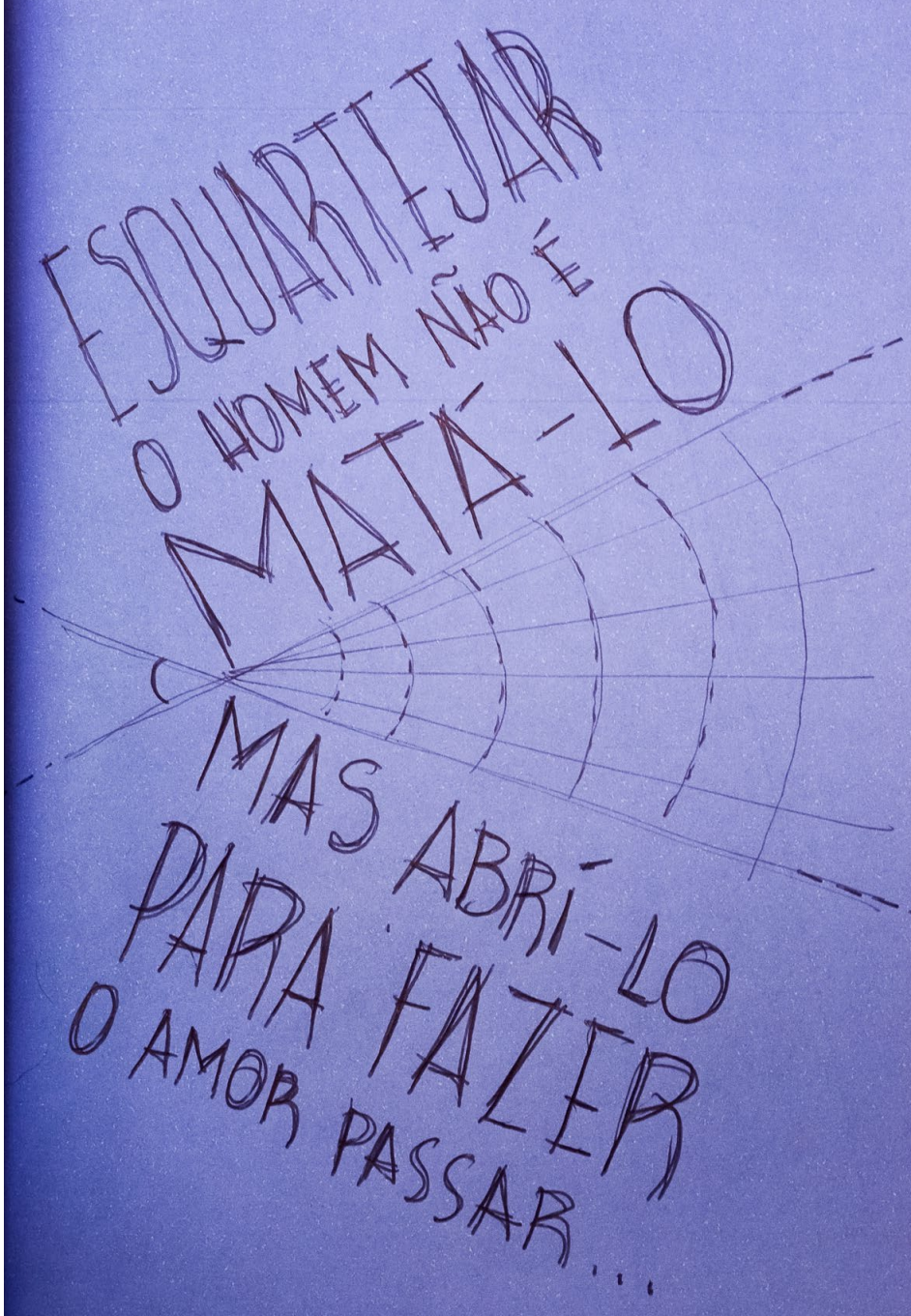
fazer eco a uma textualidade infinita
desafiar as regras da nossa cultura escolar
não para ter coerência
mas sim para fazer ressonância

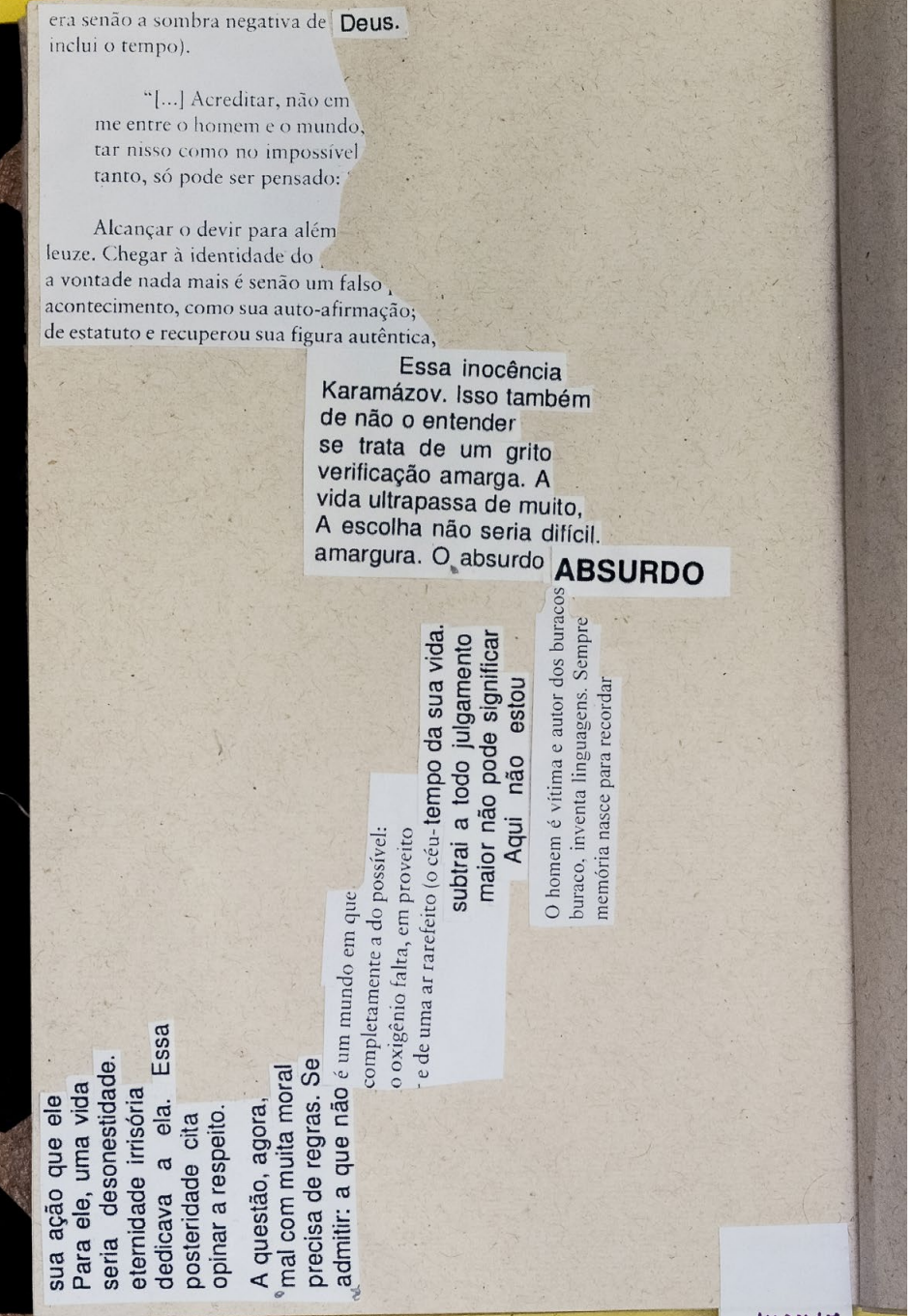
pesquisar
.
encontrar
.
se perder
.
n/essa zona da coragem de, ainda assim,
escrever
.

enquanto tecíamos
uma frente,
um rosto,
ao mesmo tempo,
e sem darmo-nos
conta, construímos
um negativo, um
avesso, com seus
acidentes de
percurso, seus nós,
verdadeiros pequenos
centros outros, deixados
pelo instante e pelo movimento
da mão…

...aracniana

(o homem sempre pergunta ‘pra que serve’.
pra que serve
uma
aranha?)





"[...] O mundo perverso é um mundo em que a categoria do necessário substituiu completamente a do possível: estranho espinosismo em que o oxigênio falta, em proveito de uma energia mais elementar e de uma de ar rarefeito (o céu-necessidade)."

"Se não nos deixam sonhar, ocuparemos seus pesadelos.

Se não nos deixam sonhar,
não os deixaremos dormir."

31 de outubro de 2016
Estrondoso silêncio de quem (não mais) aguenta.
Ocupem-se tudo!

e então você se senta mais uma vez com uma boa música tocando, mais uma vez um pouco mais tarde do que você gostaria, mais uma vez com os pés no sol e um cachorro ao lado e você quer escrever, você começa a escrever - um biografema, a cena de uma delicadeza qualquer -, e então você é interpelado mais uma vez por esse *por quê?,* por essa dúvida e esse incômodo que enrijecem suas costas, esse *pra quê?* atravessado na sua garganta e na sua escrita, se debatendo entre as paredes dessa sua cabeça de ideias levianas - e então você toma mais um gole de chá, você ajeita as costas e tira os cabelos do rosto, mas a verdade é que esse seu incômodo não vai embora, por mais que você saiba que você não é o único, por mais que você saiba e que escute e que converse com outros que estão tão *cansados* quanto você, mesmo assim esse incômodo sobrexiste, esse cansaço, essa vontade de deixar a norma ganhar mesmo sabendo que ela está errada, essa vontade de apenas jazer na neve enquanto o resto do exército prossegue sua marcha, esse *não mais lutar*, porque afinal por que passar tanto trabalho para ser infeliz, por que não ser infeliz de um jeito mais fácil, por que não apenas deixar pra lá e aceitar a derrota de tudo aquilo em que você acredita, de tudo aquilo que você gostaria que fosse, em favor de apenas *um minuto*, de apenas um simples minutinho de paz?

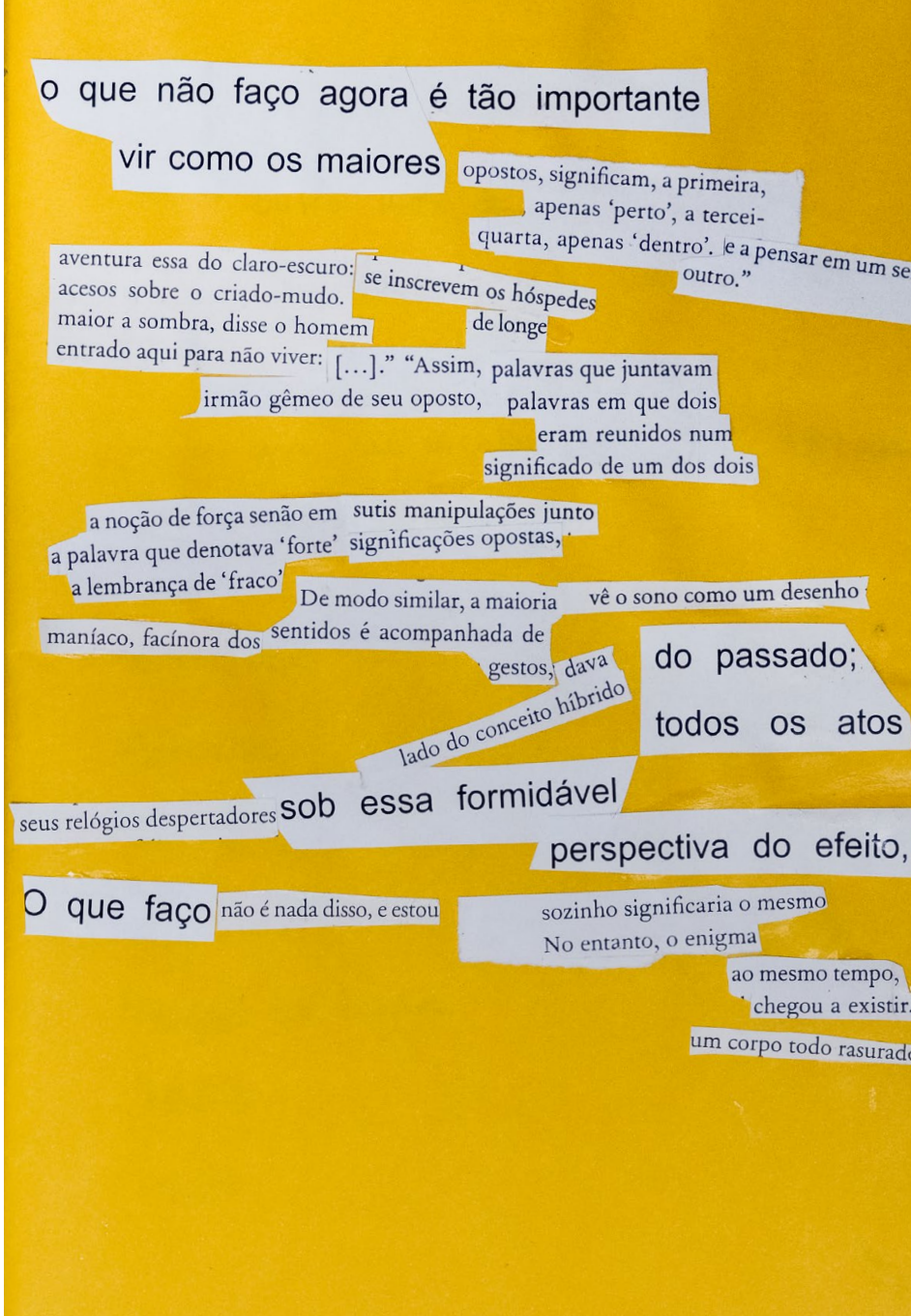
mas um minuto de paz não existe, ou: mesmo que exista, um minuto ou um ano ou uma vida acabam tão rápido, e o que é que resta depois? *para você, isso não é uma escolha.*

gente como você não tem o privilégio do *fora,* de poder apenas *não se dar conta*, de viver a vida tranquilo nesse interstício do mundo onde ainda reverbera o conforto de poder ficar indiferente -

- e você até *poderia,* mas o custo seria a sua vida, seria a sua sanidade, seria você ir se encolhendo e se reduzindo aos seus espaços mínimos até que não sobrasse espaço nenhum, até que tudo o que houvesse fosse você enrolado em si mesmo sem sequer poder se mexer, e daí você entraria para dentro de si mesmo até escorrer para dentro desse seu abismo que é apenas o que resta, e daí você sequer saberia o que é mesmo esse *você* que ao que tudo indica define este pequeno intervalo de espaço no qual você já se aprendeu a confinar.

e então você escreve, porque escrever é o que resta como arma de combate, porque escrever é tudo quanto seu corpo pode, porque escrever é político e é vivo e é *sangue* pulsando em suas veias. você escreve, porque você não tem o privilégio de pensar nas *coisas* sem pensar no *como são ditas,* você escreve porque você sabe que no começo é tudo linguagem, porque você sabe que isso *não é nada* mas que isso está por tudo, que isso *é* tudo, que é a sombra que define cada um de nossos dias de sol. você escreve, sobretudo, para que outros vejam que há uma questão *um pouco antes,* para que mais e outros deem um passo atrás e pensem palavras para o seu próprio corpo, antes que ele saia por aí fazendo coisas. e você escreve, talvez, porque a esperança de *outros* é o que te faz ir em frente, porque se houver outros talvez o *por quê?* e o *pra quê?* e o cansaço consigam aos poucos se dissipar, porque talvez se houver *outros* você não precise mais se sentir sozinho, você possa combater em conjunto, você possa *sentir,* e não apenas saber, que *nós somos poucos, mas que nós também somos muitos*.

e é por isso que você segue sentando ao som da música, que você e seu cachorro e seus pés no sol seguem insistindo, ainda que um pouco mais tarde do que gostariam, por essa necessidade e por esse desejo de provar (talvez para si mesmo) o quanto ainda vale a pena lutar.



qual o sentido em cabeçalhos que meramente repetem trechos do texto?

.. .. ..

isto não é um romance

.. .. ..

nenhum material adicional deve ser incluído no texto

.. .. ..

em resumo, sou definitivamente contrário a quaisquer cabeçalhos adicionais nos capítulos

.. .. ..

NÃO TENTE O MAPA

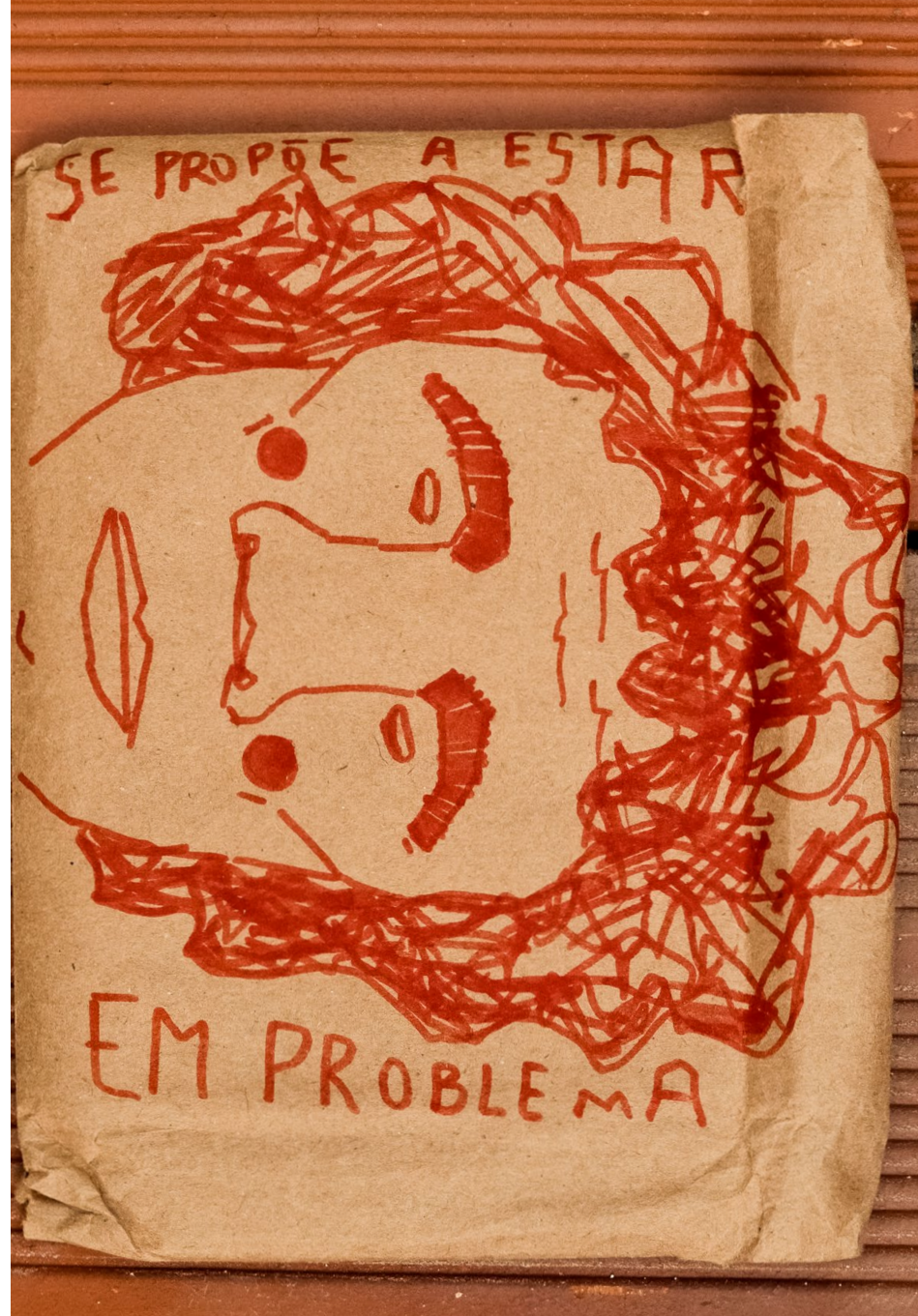
.. .. ..

ISTO NÃO TE LEVARÁ A LUGAR ALGUM

Tranquilidade não é pressuposto.
Se conquista no meio.
In media res.

(Pausa para respirar).

Há algo que te incomoda? Algo que alguma vez tirou teu sono? Alguma falha grave que você acredita ter cometido com alguém ou consigo mesmo? Você que era uma pessoa que os outros consideravam "ter tudo para ser feliz" (e você acreditava! Ora, mas que diabo é isso?!) já algum dia não despertou, se olhou no espelho, olhou para todas as suas coisas e pensou: não era nada disso que eu queria de verdade. Você já sentiu que suas memórias e vivências mais importantes foram substituídas por papéis, móveis, roupas, objetos que agora não te interessam e no fundo nunca te importaram? E quando você simplesmente desaba a chorar, come demais ou de menos, dorme demais ou de menos, caminha demais ou de menos, bebe demais ou de menos, pensa demais ou de menos, ou meramente não consegue um sorriso verdadeiro nas fotos… fotos em que você não gostaria de estar. Você gostaria de estar noutro lugar. Mas talvez (ainda) não saiba (mais) qual. É pelo menos permitido não saber? No fundo, se olhar bem pra si, você sabe, sempre soube.

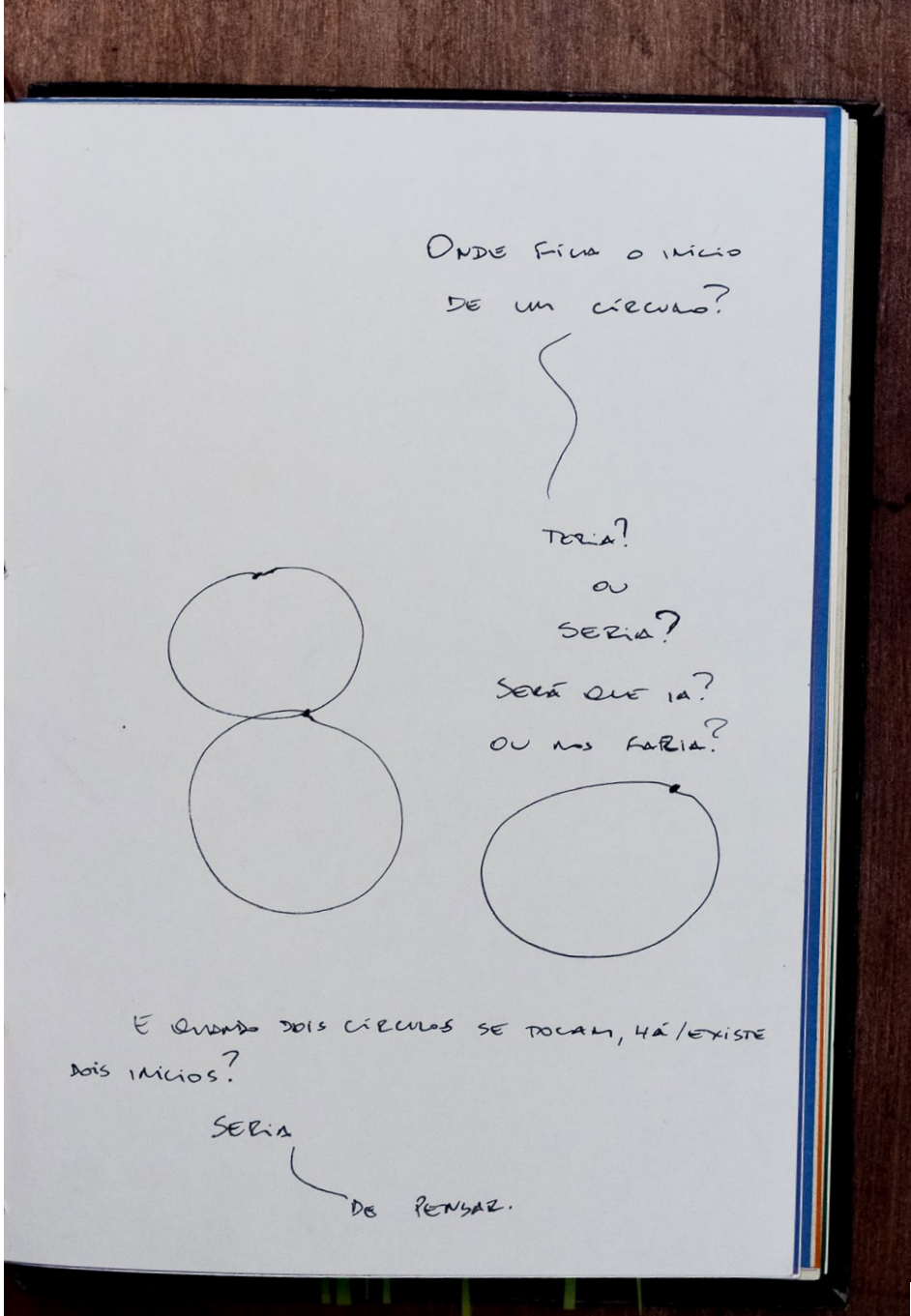


pesquisa é tudo aquilo que dissemos que não era.

Onde fica o início
de um círculo?
|
|
|
|
teria?
ou
seria?
será que ia?
ou nos faria?

E quando dois círculos se tocam, há/existem dois inícios?

seria
\
\
de pensar.



Era um pouco como um sonho[55]: estávamos sentados na área escura do auditório, esperando por um espetáculo que não começava nunca. Luzes amareladas iluminavam o palco vazio, e havia qualquer coisa de selvagem e indefinido no silêncio que nos rodeava como uma bruma. Todos nós éramos igualmente monstruosos e suaves, nossos olhos brilhando no escuro como os de animais ávidos e famintos, à espera de uma presa que devoraríamos a qualquer momento. O professor entrou em cena. Ficou lá parado, tonto, como se houvesse se esquecido de como falar. Ele era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Abriu a boca e não emitiu som algum, de modo que tornou a fechá-la. Seus ombros se contraíram mais ainda, e por um instante nos pareceu que o professor iria colapsar sobre si mesmo. Nós ríamos baixinho, displicentes, cutucando uns aos outros e apontando para o homem lá em cima. Éramos, neste momento, um pouco mais monstruosos que suaves, mas não nos importávamos muito. Éramos invisíveis, e o escuro nos protegia. Tanto fazia se fôssemos alunos atentos, esperando palavras de sabedoria com as quais preencher nossos cadernos, ou se fôssemos apenas uma turma risonha de desinteressados. Ali, no escuro da plateia, os homens do palco não nos enxergavam. Parados seis palmos acima de nossas cabeças, eles jogavam pa-

55 o qual pode ou não dizer de um estágio de docência. Escrito em colaboração/roubo com Clarice Lispector (2016b) e Peter Brook (2016), e talvez um pouco de Cortázar.

lavras como se joga carne aos leões, e nós as abocanhávamos do jeito que podíamos. Havia dias em que passávamos fome. Então cuidávamos uns dos outros, lambendo as migalhas e cantando baixinho para que ninguém nos ouvisse. Havia também raras ocasiões em que as luzes eram acesas, e os homens do palco desciam até ali, e recolhiam as carcaças já secas, sob o olhar silencioso dos que restavam de nós. Nesses dias, éramos um pouco mais suaves do que monstruosos. E por isso nós ríamos, por isso apontávamos displicentes para o homem no palco: porque nos sentíamos monstruosos, e a monstruosidade era nossa arma de combate. Nós ríamos mais e mais alto, nos cutucávamos, desafiando os limites da nossa invisibilidade. O professor agora balbuciava, mas sua fala era engolida pelo rugir de nossa risada. O professor encolhia seus ombros, e era como se ele colapsasse sobre si mesmo, como se a selvageria de nossos olhares o aterrorizasse de tal forma que ele só podia fugir para dentro. Ríamos mais e mais alto em um silêncio selvagem, predatórios, famintos, milhares de olhinhos brilhando nas fileiras da plateia, invisíveis em uma massa de escuro que era cada vez mais densa e cada vez mais selvagem e que ria e que ria e que

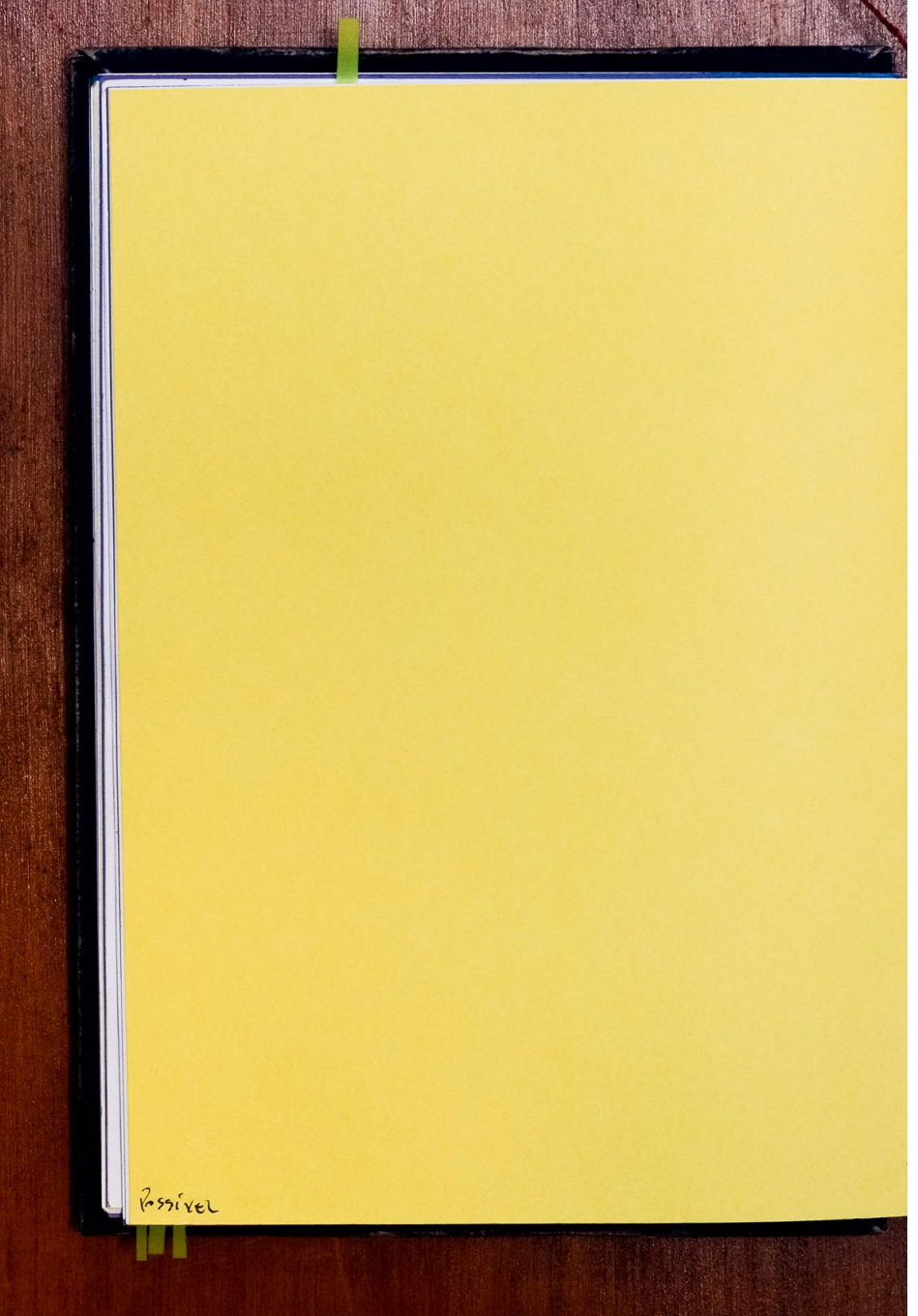
E de repente éramos nós no palco.

De repente éramos nós ali, ofuscados pela luz, diante de um grande buraco negro, logo atrás do qual podíamos distinguir vagamente alguns olhares na escuridão. O silêncio era selvagem e indefinido, e parecia querer nos engolir como um abismo. Nossos ombros se contraíram, e por um instante nos pareceu que iríamos colapsar sobre nós mesmos. Abrimos a boca e não emitimos som algum, de modo que tornamos a fechá-la. Éramos nós agora, seis palmos acima de nossos ouvintes, segurando o balde de palavras com as quais deveríamos alimentar os leões. Tentamos perscrutar o escuro para ao menos saber aonde jogar as palavras, mas ele era monstruoso e suave e im-

penetrável, e nós estávamos cegos e nus sob a luz do palco. Demos um passo vacilante à frente e arriscamos um balbucio. Mas, assim que começamos a falar, sentimos que tudo o que dizíamos era totalmente inútil. Nós sequer sabíamos se aqueles olhares famintos vinham de alunos atentos que esperavam palavras de sabedoria com as quais preencher seus cadernos, ou se vinham de uma turma risonha e desinteressada esperando para nos devorar. Um outro buraco negro se abriu, mas desta vez dentro de nós. Fomos nos deprimindo cada vez mais, pois não conseguíamos encontrar um meio natural de atingi-los, de romper o abismo que havia entre o ali e o lá. Fomos nos desesperando, tendo dificuldades de respirar. Nossos estômagos gelados e nossos corpos duros, imóveis, pregados ao palco e expostos aos olhos selvagens que devassavam cada milímetro de nossas anatomias. Fomos nos encolhendo, nos contraindo, como se quiséssemos fugir para dentro de nós mesmos. Abrimos as bocas e não conseguimos gritar. Tentamos nos debater e lutar e arrancar nossos braços e pernas das garras daquele escuro monstruoso, dos dentes daquele silêncio suave e avassalador, mas nossos corpos não reagiam, nossas gargantas não gritavam, e nós lutávamos em vão contra o silêncio que nos engolia contra a boca de nossos estômagos que escancarada nos sugava para dentro e nós tentávamos gritar pois era tão escuro e nós caindo caindo caindo

E de repente você está de volta.

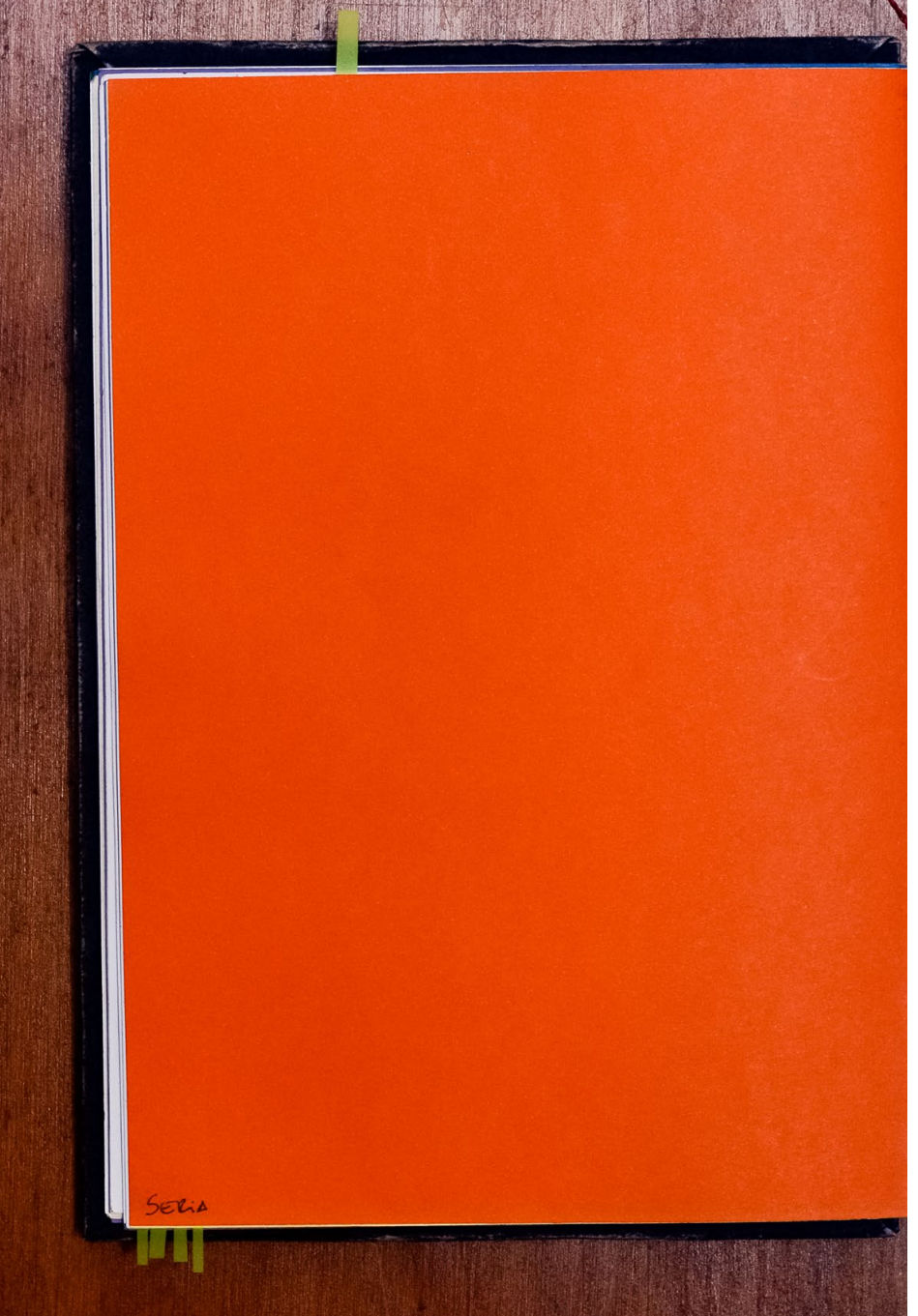
De volta à luz branco-amarelada da faced, ao parquet desgastado, ao frescor da noite que entra pelas janelas que nunca se fecham direito. De volta à sua mesa e sua postura de professor. De volta aos olhares um pouco confusos dos alunos sentados em carteiras desalinhadas, atrás uns dos outros, distantes uns dos outros, e de você também - alunos para quem a sua



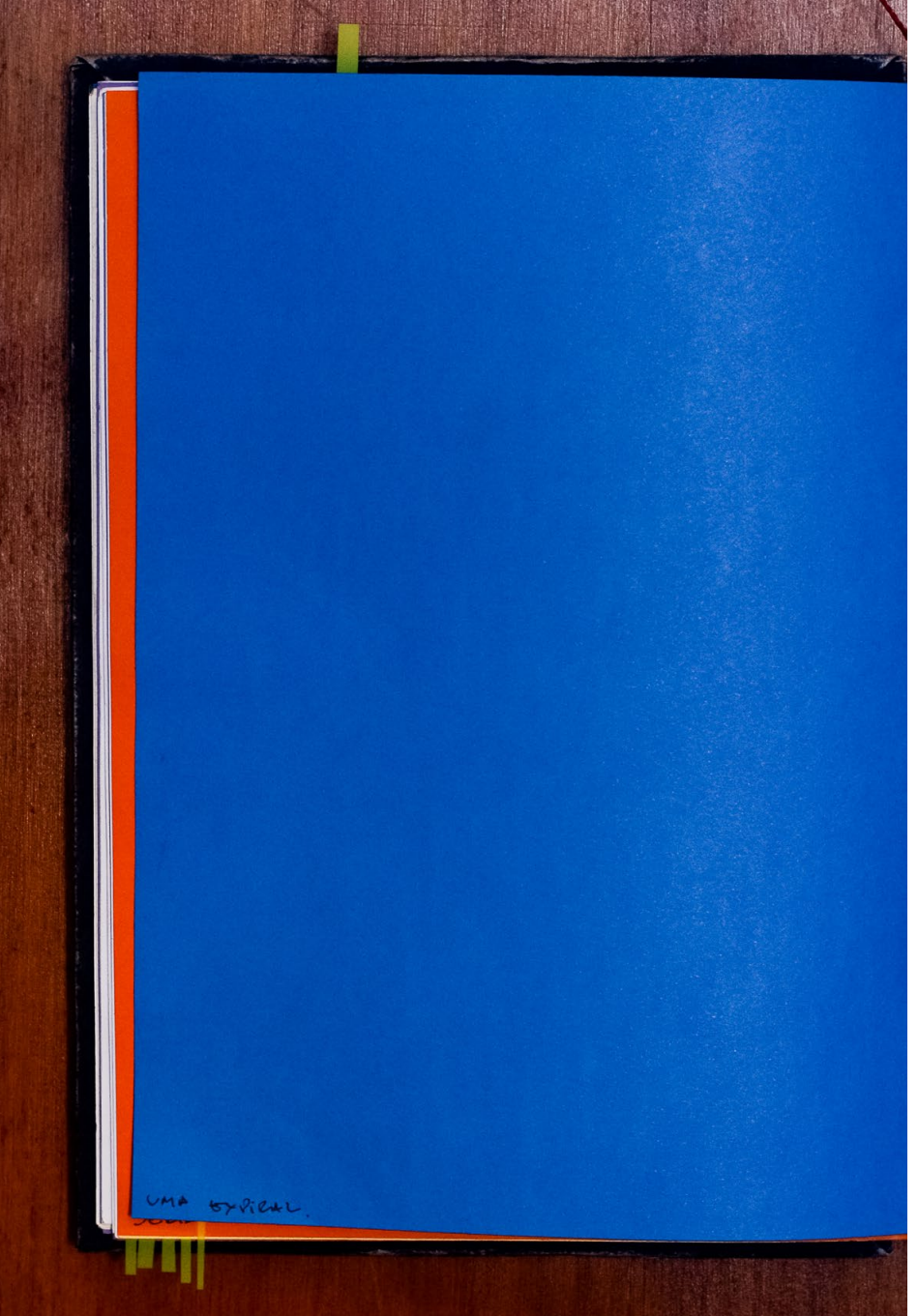
longa ausência durou apenas um minuto. Um abismal minuto. Um minuto em superfície de tempo, mas que em profundidade revela velhos séculos de escuríssimo terror. Um minuto que faz você sacudir a cabeça e dizer

Não, não é isso. Não é nada disso.

E que faz você *parar,* e recusar a correnteza do *deveria ser.* Que faz você descer de sua mesa e sua postura de professor, que faz vocês ajeitarem as cadeiras em um círculo pouco redondo, que faz você sorrir e vir habitar o parquet desgastado junto com seus alunos. O parquet desgastado onde vocês todos podem se olhar nos olhos, se oferecer uns aos outros. O parquet desgastado que é seu campo de jogo, seu terreno de encontros, o lugar onde a vida enfim começa a acontecer.



o que temos feito de nós mesmos?
diante da multiplicidade de sensações que assediam nossa existência, pedindo passagem, preferimos nos fingir de mortos a aceitar o desafio de reinventar a própria vida.



[sussurro]

Do not forget me, do not forget me[56]

***

[corte. a câmera foca no rosto de Lcn, que se acorda de sopetão, caído ao chão. Lcn levanta seu tronco lentamente, olhando ao redor]

Lcn
Ah, eu percebo. Ainda não defendi, não é?

[música dramática. a câmera se afasta do rosto de Lcn para mostrar o cenário em uma perspectiva mais ampla. noite. conforme a câmera se afasta, percebe-se que a cena se passa na estrutura sem paredes de uma sala de aula, à beira de um precipício. sob o foco de luz que vem de trás, quatro membros da banca, cujos rostos estão nas sombras, e Lcn, caído no chão de parquet empoeirado. os vultos de uma plateia numerosa se distinguem vagamente da escuridão. a Norma, em pé ao seu lado, encara Lcn com desprezo]

56 Para a leitura desta cena,, sugere-se ter em mente, à guisa de modelo dramático-cenográfico do texto, a antepenúltima cena (a partir de 1:18'30") de SHERLOCK: The Abominable Bride. 2016.

Norma
Fundo demais, Lcn, realmente fundo demais. Você será o primeiro pesquisador na história a ser enterrado em sua própria fantasia de pesquisa.

[Lcn se levanta, contemplando atentamente o cenário]

Lcn
Isso tudo é um pouco melodramático, você não acha?

Norma
Para nós dois? Nem um pouco.

Lcn
O que é você?

Norma
Você sabe o que eu sou. Eu sou a Norma. As regras da ABNT. O cânone da Academia.

Lcn
A Norma está morta.

Norma
Não na sua mente. Eu nunca morrerei aí.
Certa vez, você disse que sua mente era uma biblioteca.
Bom, diga "olá" para a traça!
[a Norma se aproxima, ameaçadora]
É assim que nós terminamos, eu e você. Sempre aqui.
Sempre juntos.

Lcn
Você tem uma imponência magnífica, Norma. Eu a admi-

ro. Eu admito que ela talvez seja mesmo mais convincente do que o meu próprio texto.

Norma
Eu estou tocada. Eu estou honrada.

Lcn
Mas quando a questão é um combate sem referências no corpo da minha dissertação, você vai se dar mal. *Comunzinha.*

[a Norma parte enfurecida para cima de Lcn. briga física. tapas. puxões de orelha]

Norma
Você se acha grande e forte, Lcn? Não comigo.
[atinge Lcn na cara. Lcn revida. A Norma atinge Lcn novamente. Lcn cai.]

Norma
[gritando, com o pé sobre o peito de Lcn caído no chão]
Eu sou sua fraqueza. Eu derrubo você. Cada vez que você tropeça, cada vez que você falha, quando você está fraco, EU. ESTOU. LÁ.

[Lcn tenta resistir, levantar-se. a Norma empurra Lcn contra o chão]

Norma
Não, não tente lutar contra. Aceite e PERCA!

[a Norma segura Lcn pelo colarinho por sobre o abismo, pronta para atirá-lo]

Norma
Vamos cair juntos? Tem que ser juntos, certo?
No fim, somos sempre apenas você e EU!

[um pigarro é ouvido vindo de algum lugar fora da cena]

Orientador
[surgindo à porta da sala, empunhando um livro de Perec e apontando-o para a Norma]
Norma, se você puder se afastar do meu amigo, eu acredito que ele a considera um tanto irritante.

[Lcn sorri. A Norma olha para ambos, frustrada]

Norma
Isso não é justo, há dois de vocês!

Orientador
Há sempre dois de nós, você não lê os Ornitorrincos[57]?
[aproximando-se]
De joelhos, Norma.

[a Norma se ajoelha]

Orientador
Mãos atrás da cabeça.

[a Norma obedece]

57 COSTA, Luciano Bedin da (coord.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo I: Aulas da FACED. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

Lcn
Obrigado, Luci.

Orientador
Desde quando você me chama de Luci?

Lcn
Você ficaria surpreso.

Orientador
Não, eu não ficaria.

[Lcn e o Orientador sorriem um para o outro]

Orientador
Hora de defender, Lcn. Eu sou um orientador de pesquisa, eu sei quando estou em uma.

Lcn
Claro. Claro que sim, Luci.

Orientador
Então, como ele é? O outro eu, na sala de orientação?

Lcn
Mais desviante do que parece.

Orientador
Terrivelmente desviante, então.

Lcn
Terrivelmente desviante.

Norma
[entediada]
Aff… por que vocês não *escrevem* juntos, pelo amor de deus.

Orientador
[irônico]
Impertinente.

Lcn
[irônico]
Ofensivo.

Orientador
[para Lcn]
Na verdade, você se importaria?

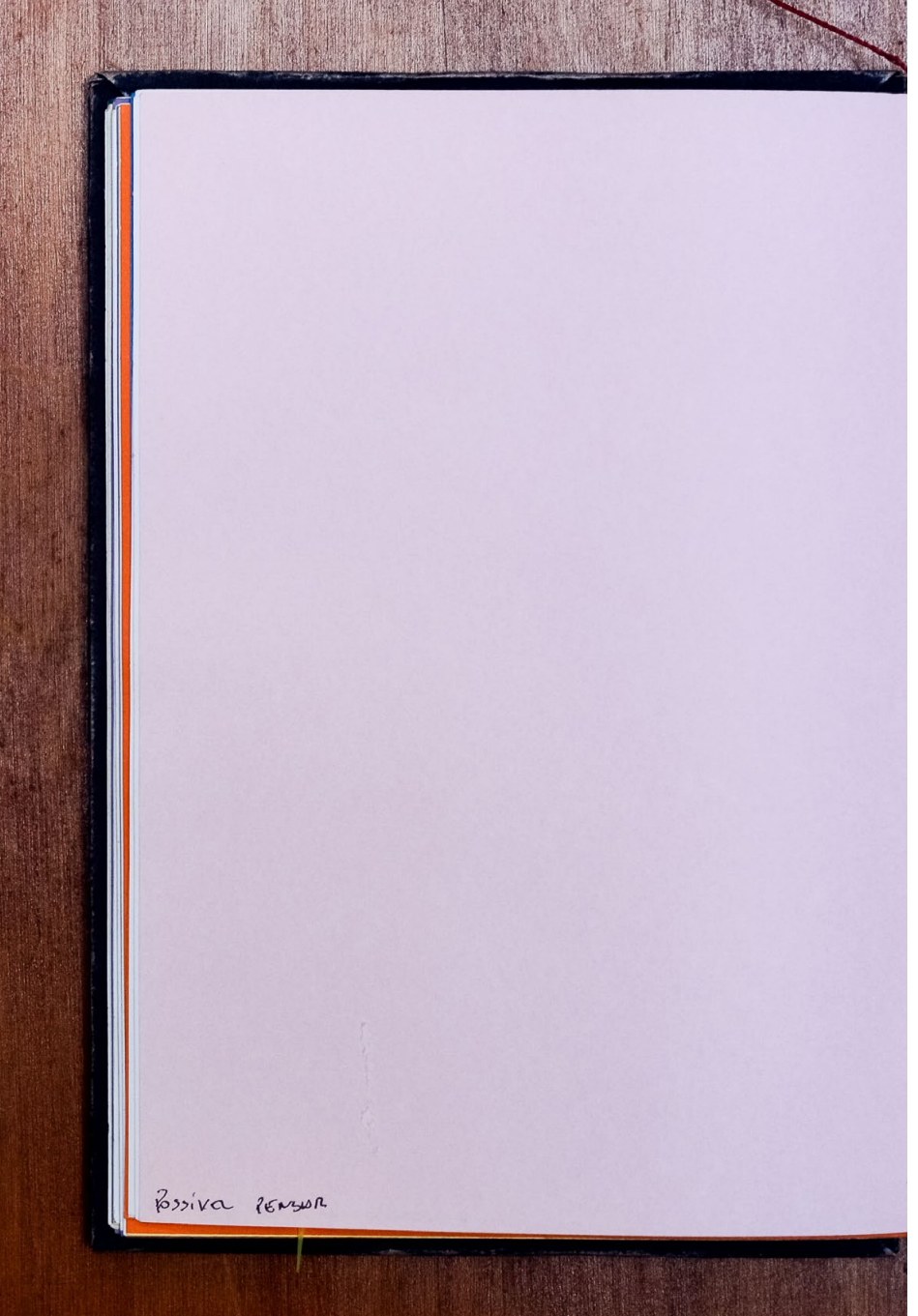
Lcn
Nem um pouco.

[o Orientador caminha até a Norma, coloca o pé em suas costas, e a derruba para fora do precipício. Ele e Lcn acompanham com o olhar enquanto a Norma cai.]

Orientador
Era minha vez.

Lcn
Exatamente.

Orientador
Então, como você planeja defender?



Lcn
Hmm.. acho que assim.
[Lcn posiciona-se à beira do precipício]

Orientador
Você tem certeza?

Lcn
Cá entre nós, Luci, eu sempre sobrevivo ao texto.

Orientador
Mas como?

Lcn
Elementar, meu caro Costa.

[Lcn joga seu projeto no abismo. Abre os braços, respira fundo, e *salta* também.]

SELIA

Pombos

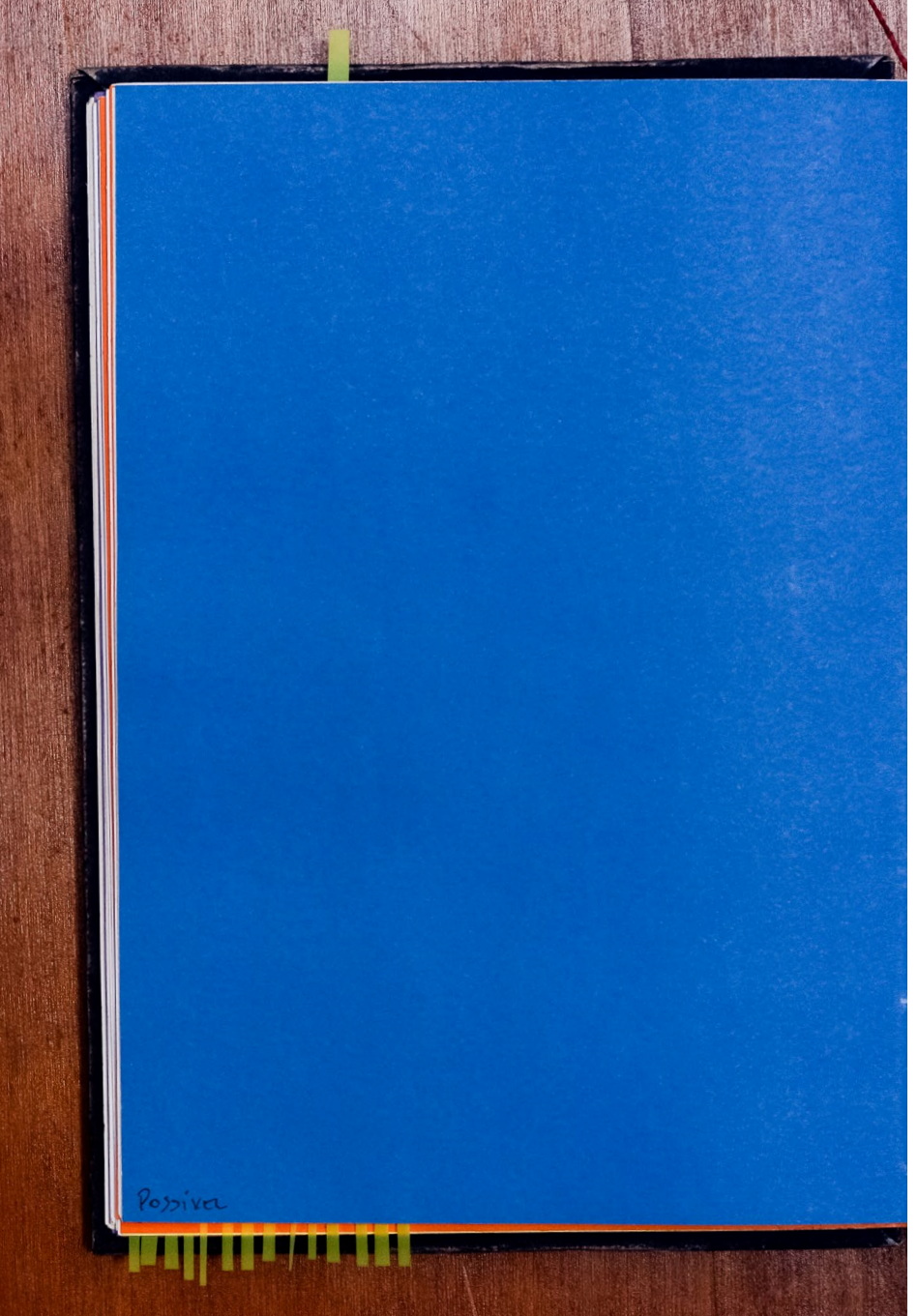
pombos

Qual caminho me leva aos teus braços?
Deve ser o abandono
Abandono de si mesmo

abandono

s.m. Ação de deixar uma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar: abandono da família; abandono do posto; abandono do lar.

Esquecimento, renúncia: abandono de si mesmo.



HEY
THAT'S NO WAY
TO SAY
GOODBYE

Eu não quero lembrar teu nome.

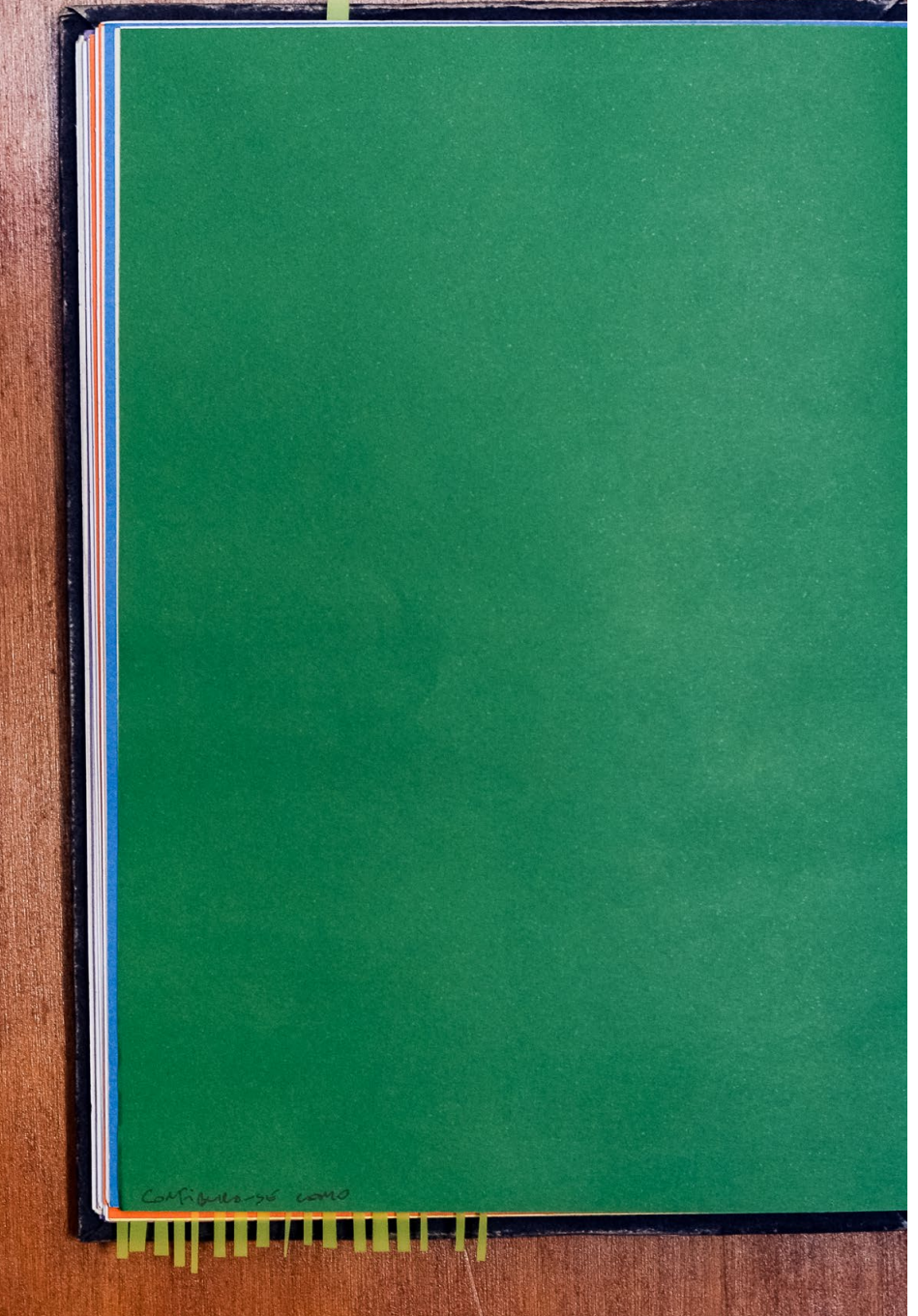
Me assusta tua proximidade, teus estilhaços, pontas soltas. Me lembram a queda, delineiam a queda. Pedra, ponta, passo em falso. O chão cinza, corpo quebrado e solto. [a gente também quebra. a gente também morre].

Como tu saiu do lugar? Quantos pés em ti tropeçaram? [rumo incerto debaixo de chuva, um corpo vacilante, indefinido contorno].

Mas, às vezes, é necessário morrer. Uma pedra fora do lugar e a terra fica descoberta. Uma pedra fora do lugar, um relógio escorrendo minutos.

A morte vem assim, aos pedaços:
pedra, ponta, estilhaço.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

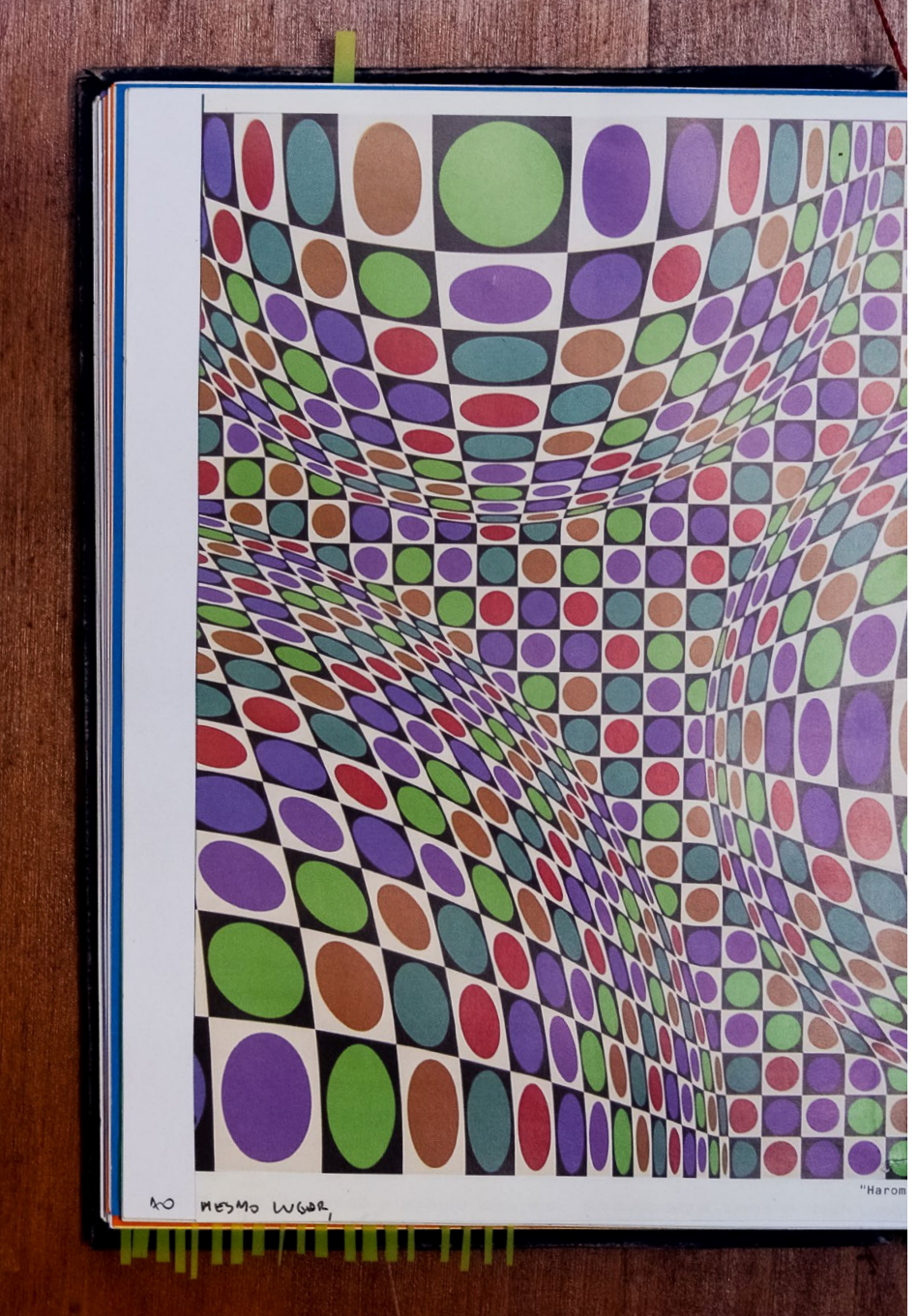


Círculo -- auréola
|
anjo

Benjamin dirá que com a perda da auréola
Baudelaire é que se dá a entrada
na (lama) da vida

Como nos permitir nos sujar?
Entrar e não circular
Qual o fantasma que
ronda a auréola?

Enjoo Náusea Vertigem Desorientação
Crise Confusão Delírio Lapso
Branco Súbito Perda Vazio
Presença Redundância Carne Corpo
Tontura Mal-estar Acorda Tremor
Off-cells Latejo Ressaca Grito
Entorpecido Torpor Dormente Conforto
Enfermo Crescendo Preso Desconforto
Anestesiado Refluxo Putrefato Decompondo
Ácido Orgânico Queda Desequilíbrio
Aceleração Choque Suspensão Giro
Rotação Arroto Gás Turbilhão
Suspeição Arauto Fim Mensagem
Meio Estrangeiro Deslocado Início



despir o texto. despi-lo de tudo quanto não é necessário *[o que é mesmo necessário?]*, despi-lo dos adornos e adjetivos e ordens indiretas, despi-lo como em busca pela essência de sua análise sintática.

tirar, limpar, jogar fora.

limpar o campo de tudo quanto junta poeiras, de tudo quanto se guarda acho que só por guardar, tudo que já não serve mais porque o corpo agora tem outra forma, tudo que não se usa há mais de um ano, tudo que você ganhou de presente da mãe-tia-bisavó e que não manda embora por medo do suspiro decepcionado que essa ausência gritará dentro da sua cabeça. ir embora, passar adiante.

selecionar as coisas como se você fosse embora e tudo o que tem de mais importante tivesse que caber numa mala.

reduzir aos mínimos.

colocar numa caixa todos seus sentimentalismos, todas as citações que nunca se encaixam, os bons artigos escritos para alguma disciplina, aqueles livros que você pegou na biblioteca no primeiro semestre e que te encaram da estante sem nunca ter sido abertos. entregá-los. devolvê-los.

despir(-se).

despir o lattes de tudo quanto foi posto apenas para engordá-lo *[há um ponto da carreira onde isto é mesmo necessário, dirão os que forem longe o suficiente],* despir o currículo, despir sua história de vida de tudo que está no passado, de todas as células mortas, de tudo o que marca o lá onde você começou. carregar sua história no corpo.

[no texto.]

mas por favor não vá ser repetitivo.

repetir apenas a diferença. repetir de outro jeito. repetir apenas aquilo que já tomou outra forma, que toma, que se repete justo porque está no casulo em processo de se tornar outra coisa. ser preciso, não ser redundante.

[não reduzir as coisas a binarismos óbvios.]

despir o texto, mas não reduzi-lo. torná-lo portátil, para ser lido com uma lupa feita de um pedacinho de vidro encontrado no estômago de um cervo[58]. torná-lo pequeno o suficiente para que possa se tratar de um segredo. reduzir - mas, repito, jamais reduzi-lo.

reduzir pela repetição que vai limpando palavras inúteis a cada volta que dá. reduzir limpando a terra até chegar no caroço. reduzir fazendo de novo para remover a gagueira, o hã, a pausa, o silêncio longo demais.

[ou ainda exatamente o contrário.]

remover o centro cirurgicamente até que só fiquem as pausas. tirar fora tudo o que é útil e só deixar sobrar a gagueira. repetir e continuar sujo, mas de um sujo que agora é diferente. sujar mais ainda. sujar de outro jeito.

repetir, mas não pra tornar melhor.

repetir só se for pra explorar outros cantos. repetir igual, mas em outra cor ou tamanho. se for pra repetir, ao menos começar de outro lado. repetir o ato de despir-se da repetição.

despir-se. olhar-se.

jogar fora a casaca[59], a camisa, a calcinha. limpar as marcas de terra e de sangue. despir o corpo de dentes de dedos de toda

58 GAARDER, Jostein. O Dia do Curinga. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

59 CORTÁZAR, Julio. Trânsito. In: _____. Papeis Inesperados. São Paulo : Civilização Brasileira, 2010.

forma de identificação. despir-se até o nada para aí ver-se por completo. despir o corpo de todo e qualquer vestígio de texto.

[despir o texto de todo e qualquer vestígio de corpo.]

despir o texto de seu nome, de seu rastro, de sua origem. despir o texto, fotografar, mandar nudes sem rosto *[mostrar se esquivando]*. deixar o texto nu em praça pública. abri-lo, expô-lo.

[abrir-se. expor-se.]

deixar-se nu em praça pública com uma caixa na cabeça. você limpou tudo com tamanha precisão, selecionou, empacotou, se desfez. você limpou cada vão entre as palavras das sujeiras do seu corpo, até que só restasse você. seu corpo é tudo quanto te resta.

[seu corpo. seu texto.]

despir até o osso. despir até o branco do papel. desfazer-se jogar fora passar adiante cada mínimo pedacinho seu. ferver a carcaça, deixar perdida no deserto. abandonar, tirar, reduzir. [repetir.] limpar até que sobre apenas a vastidão branca desse silêncio que *grita:*

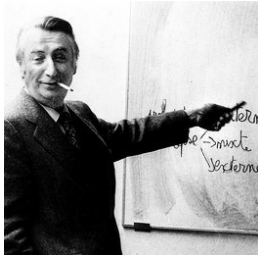
[isso é mesmo necessário?]

Somos todos
        embrulhados pelo
                nome
ofício místico
que absorve e ofusca
sabe, ontem eu te contei os meus segredos
juntos todos em fita colante - volante
que disparo os meus medos
são todos adquiridos
pela
dádiva/dívida
city acelerada
- eu não como -
        eu rezo.

ISSO É UM
ESPELHO
QUEBRADO.
O CENTRO
É SÓ O RASTRO
DE UM SÔCO
VIOLENTO

Tag yourself meme[60]

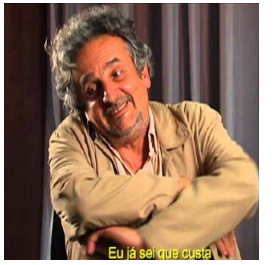
[zizek]
- escola particular
- contesta os colegas em aula
- anotações em post-it
- acredita em meritocracia



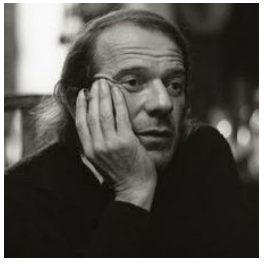
[barthes]
- leituras não-obrigatórias
- não tem a menor ideia do que está acontecendo
- ansiedade
- deveria estar escrevendo

60 Tag Yourself é um tipo de meme que apresenta ao participante uma série de (6, 9 ou 12) "personagens" aos quais são atribuídas características, e o participante deve escolher aquele com o qual mais se identifica. Os "personagens" podem ser os mais diversos tipos de coisas, mas todos são sempre parte de um mesmo grupo - personagens de um filme/série, tipos de pássaros, cores, maneiras de cozinhar um ovo, etc. Da mesma maneira, as características atribuídas a eles podem tanto estar de alguma forma relacionadas à sua realidade, como podem ser ficcionalizadas ou inventadas. Este meme originou-se na plataforma de microblogging Tumblr, e viralizou no ano de 2016. (Know your meme, 2017.)

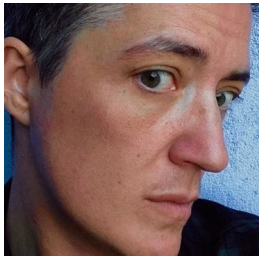
[guattari]
- já foi bolsista
- toma ritalina
- #foratemer
- provavelmente é bissexual



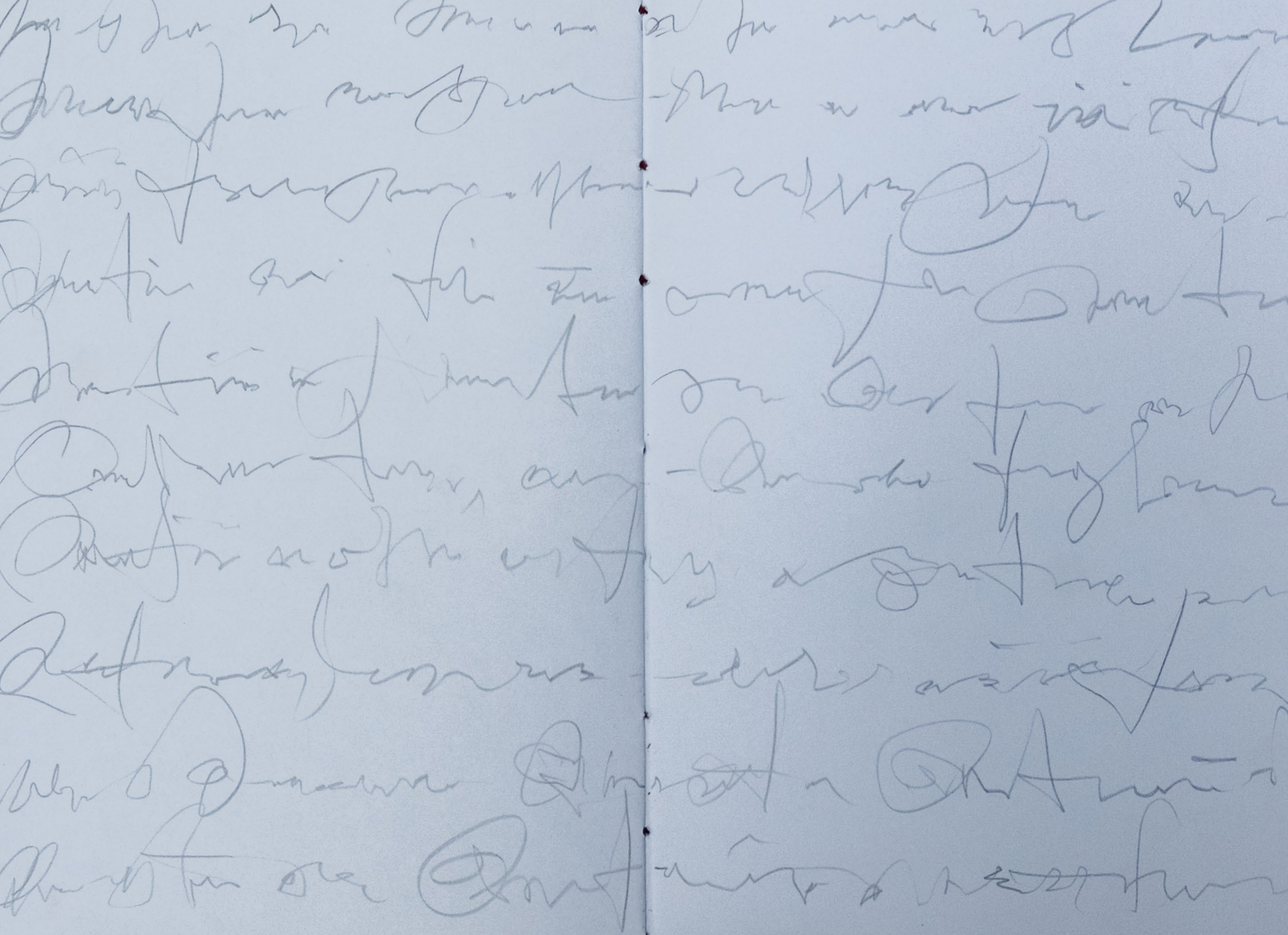
[larrosa]
- pagando financiamento estudantil
- não-bolsista
- faz perguntas em aula
- não sabe bem se quer ser professor



[deleuze]
- depressivo
- divide apartamento
- netflix
- faz pós-graduação por causa da bolsa



[preciado]
- turma do fundão
- feminisito
- participa das ocupações
- ninguém entende mas parece legal



Estes não são nossos rostos.

Não é assim que nos parecemos.

Você acha que Julio Cortázar se parece com sua fotografia nos seus livros? Ou Georges Perec? Ou Clarice Lispector? Ou Roland Barthes? Não. Eles estão usando disfarces para enganá-lo. Mas esse disfarce cai quando a escrita começa.

Congeladas em preto e prata para você agora, estas são apenas máscaras. Nós que ganhamos a vida mentindo estamos usando nossos rostos de mentira, rostos falsos feitos para enganar os incautos. Nós devemos estar - pois, se você acreditar nessas fotografias, nós nos parecemos exatamente com todos os outros.

Camuflagem: é tudo o que isto é.

Leia os textos: às vezes você consegue nos vislumbrar lá. Nós nos parecemos com deuses e tolos e bardos e rainhas, criando mundos com nosso canto, conjurando algo a partir do nada, dedilhando palavras em todas as estampas da noite.

Leia os textos. É ali que você nos vê propriamente: nus sacerdotes e sacerdotisas de religiões esquecidas, nossas peles reluzindo com óleos perfumados, sangue escarlate escorrendo de nossas mãos, brilhosos pássaros alçando voo de nossas bocas abertas. Perfeitos, nós somos, e belos na luz dourada do fogo…

Havia uma estória que me contavam quando criança, sobre uma garotinha que, certa noite, espiava através da janela de um escritor, e o via escrevendo. Ele havia tirado seu rosto falso e o havia pendurado atrás da porta, pois ele escrevia usando seu rosto verdadeiro. E ela o viu; e ele viu ela. E, daquele dia até hoje, ninguém viu a garotinha outra vez.

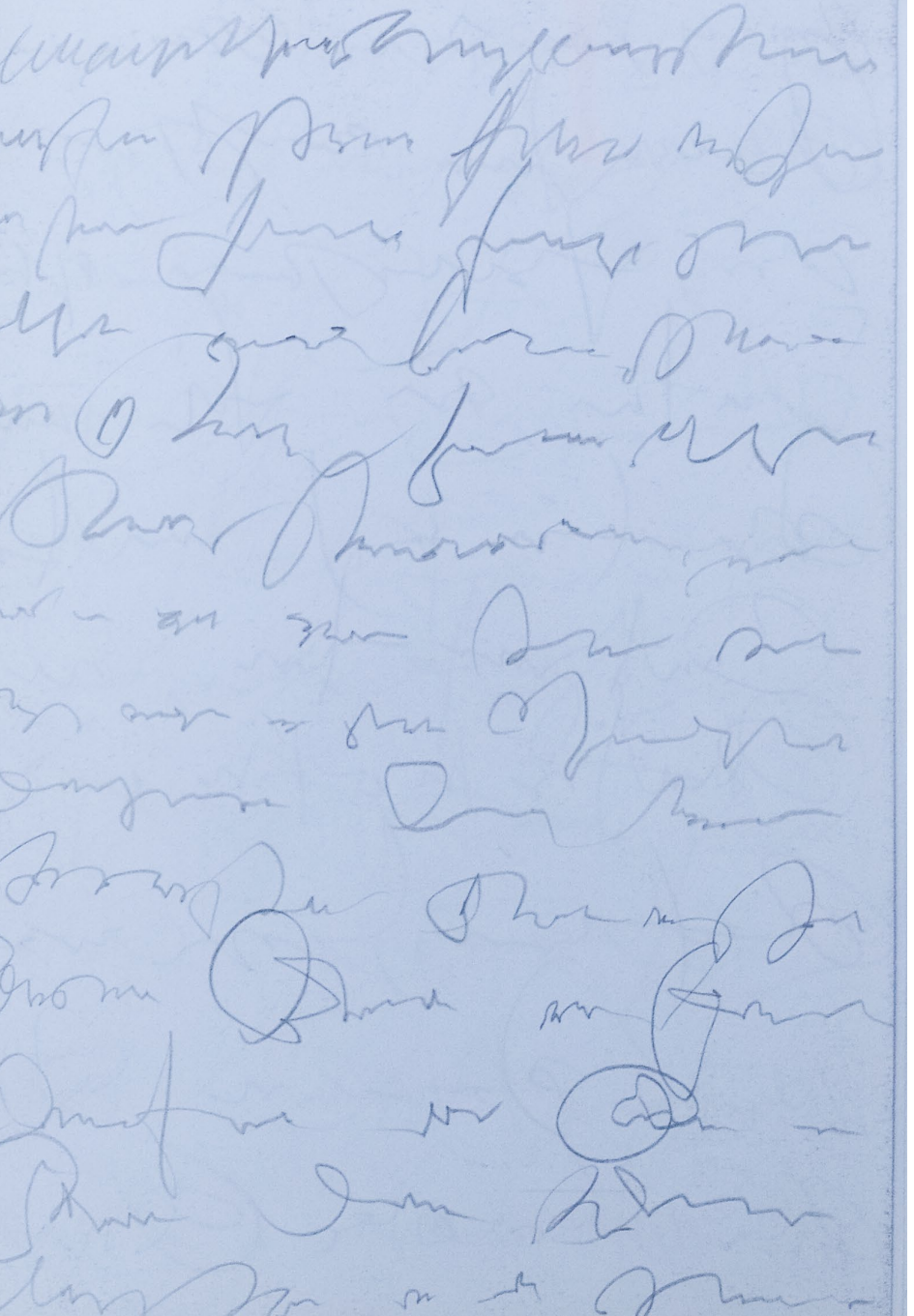
Desde então, os escritores se parecem com as outras pessoas quando escrevem (entretanto às vezes seus lábios se movem, e às vezes eles ficam olhando para o nada por mais tempo e com mais intensidade do que qualquer coisa que não seja um gato); mas suas palavras descrevem seus rostos verdadeiros: aqueles que eles usam por baixo. É por isso que as pessoas que encontram escritores de ficção raramente ficam satisfeitas com a pessoa completamente inferior com que elas se deparam.

“Eu achei que você fosse mais alto, ou mais velho, ou mais novo, ou mais bonito, ou mais sábio,” elas nos dizem, com ou sem palavras.

“Não é assim que eu me pareço,” eu lhes digo. “Este não é meu rosto”.

t

Assina aí: Eu sou ninguém!



rindo, embaralhar os códigos
(postulado central de qualquer ambição realista)

As músicas da
Banda de Möbius
me embrulham o
estômago.

NÁUSEA
EMBRULHO
ENJOO

Quando bebo da garrafa de klein, meu
estômago não comporta
volume algum.

A garrafa de Klein

Superfície não orientável, cujo interior seria também seu exterior.

Uma garrafa, um objeto, sem fronteiras.

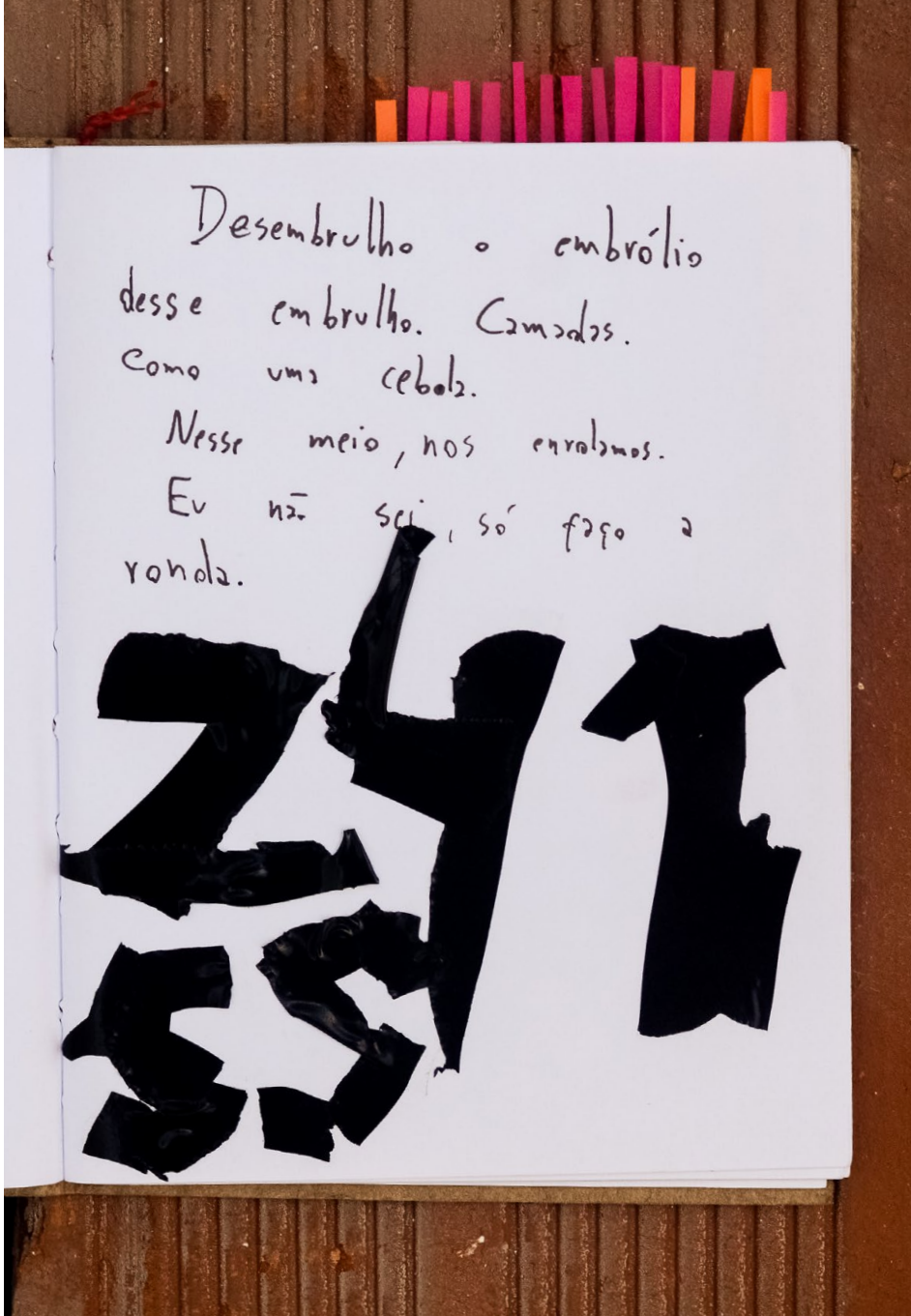
É parente (na família dos objetos não orientáveis) da banda de Möbius.

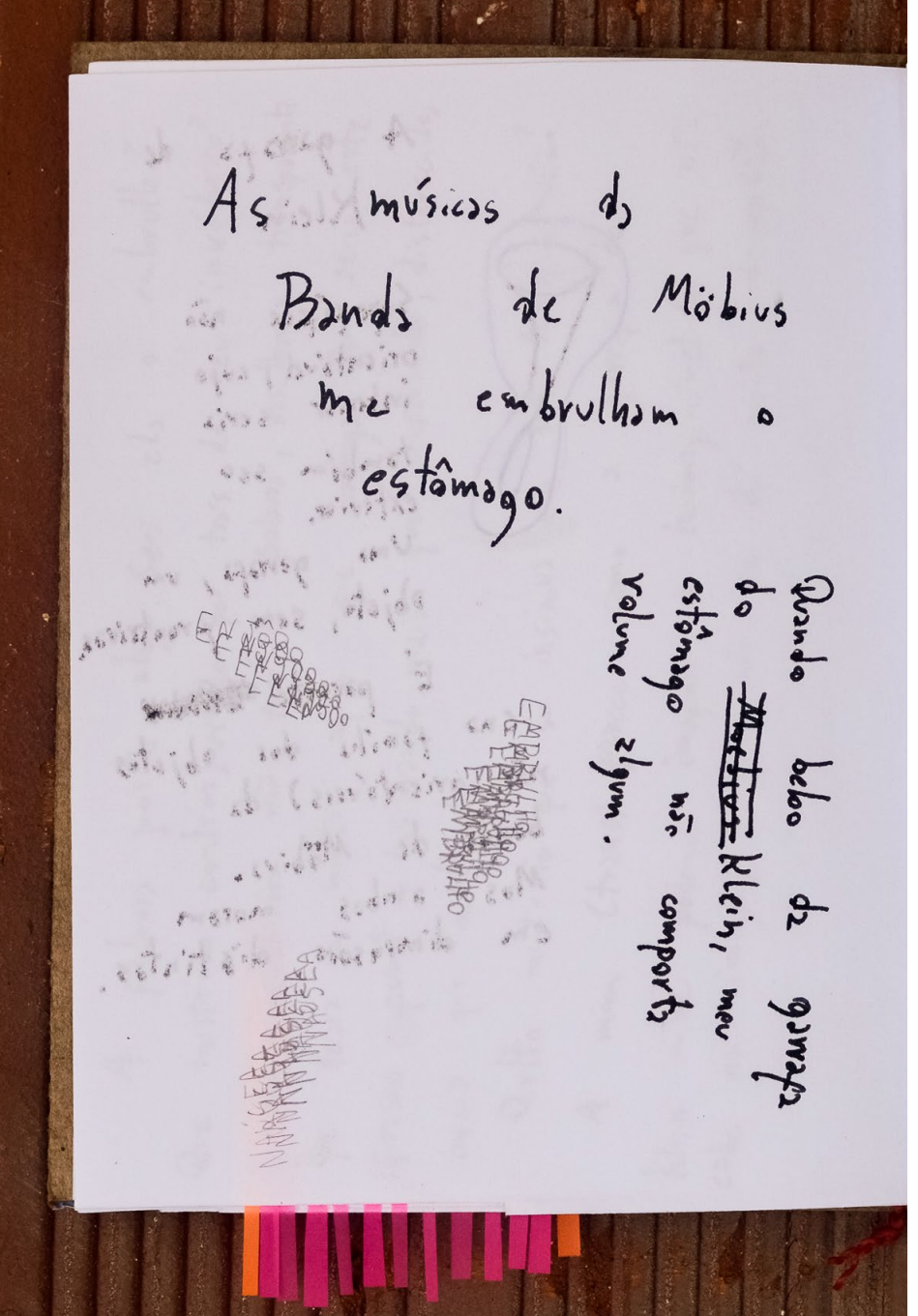
Mas ambos moram em dimensões distintas.

A palavra porta algo. Será ela o embrulho? Que mistério contém, velado por trás de seu invólucro? E se mistério não for? A palavra, vasilhame transparente que deixa à mostra aquilo que carrega. Ou seria este frasco fumê - insinuando, mais que mostrando, distorcendo, mais que ocultando.

Oculto mistério que se insinua em sua transparência?

A mim (trans) parece como a garrafa de Klein - se podemos imaginar o inimaginável (o que não cabe na imagem), o que não se dá nesta dimensão.





Nos fraturamos o osso, nós assinamos os papéis das coisas que se rompem. Justo quando os próprios nomes naufragam, deixamos nossa assinatura na mensagem da garrafa que será lançada ao mar.

(o que significa escrever uma dissertação dando risada?)

VOCÊ PENSA
QUE CARREGA O EMBRULHO
MAS O EMBRULHO
É QUE TE CARREGA

Modos possíveis de organizar uma biblioteca:

por tamanho
por cor
em categorias (literatura/teoria/quadrinhos/revistas)
por ordem alfabética (de títulos)
por ordem alfabética (de autores)
livros que cabem/livros que não cabem na estante
pelo Sistema de Classificação Decimal de Dewey
livros lidos/livros não lidos
por idioma
fonte com serifa/fonte sem serifa
por ordem em que foram comprados
aleatoriamente
papel branco/papel amarelado
sublinhados / não sublinhados / não deveriam ter sido sublinhados
como se todos não fossem senão muitos volumes de uma mesma estória
novos/usados
próprios/roubados/emprestados
guardados na horizontal/guardados na vertical
não organizá-la

Observações:

Em qualquer um dos casos, é possível guardar um livro e nunca mais voltar a encontrá-lo.

Em qualquer um dos casos, é possível ter encontros ao acaso com livros que ainda não existiam[61]

Em qualquer um dos casos, é possível - e mesmo provável - que você nunca chegue ao fim desta sua biblioteca. Nem de lê-la, nem de montá-la. (é um sentimento grande e vazio que nem uma caverna bem funda quando a gente se dá conta disso.)

Em qualquer um dos casos, é impossível encontrar-se com todos os livros que você poderia potencialmente ter lido.

Em qualquer um dos casos, você sempre duvida que aquela tenha sido a melhor maneira de organizá-los.

Em qualquer um dos casos, você vai se lembrar de frases que estão nos livros errados. Apenas o acaso colocará no seu caminho o (re)encontro com os livros certos.

Em qualquer um dos casos, é possível que os livros todos não sejam senão muitos volumes de uma mesma estória.

As traças se alimentam independentemente das suas formas de (des)organização.

Em algum lugar, existe uma dedicatória escondida.

* * *

A biblioteca é uma busca que nunca será terminada.

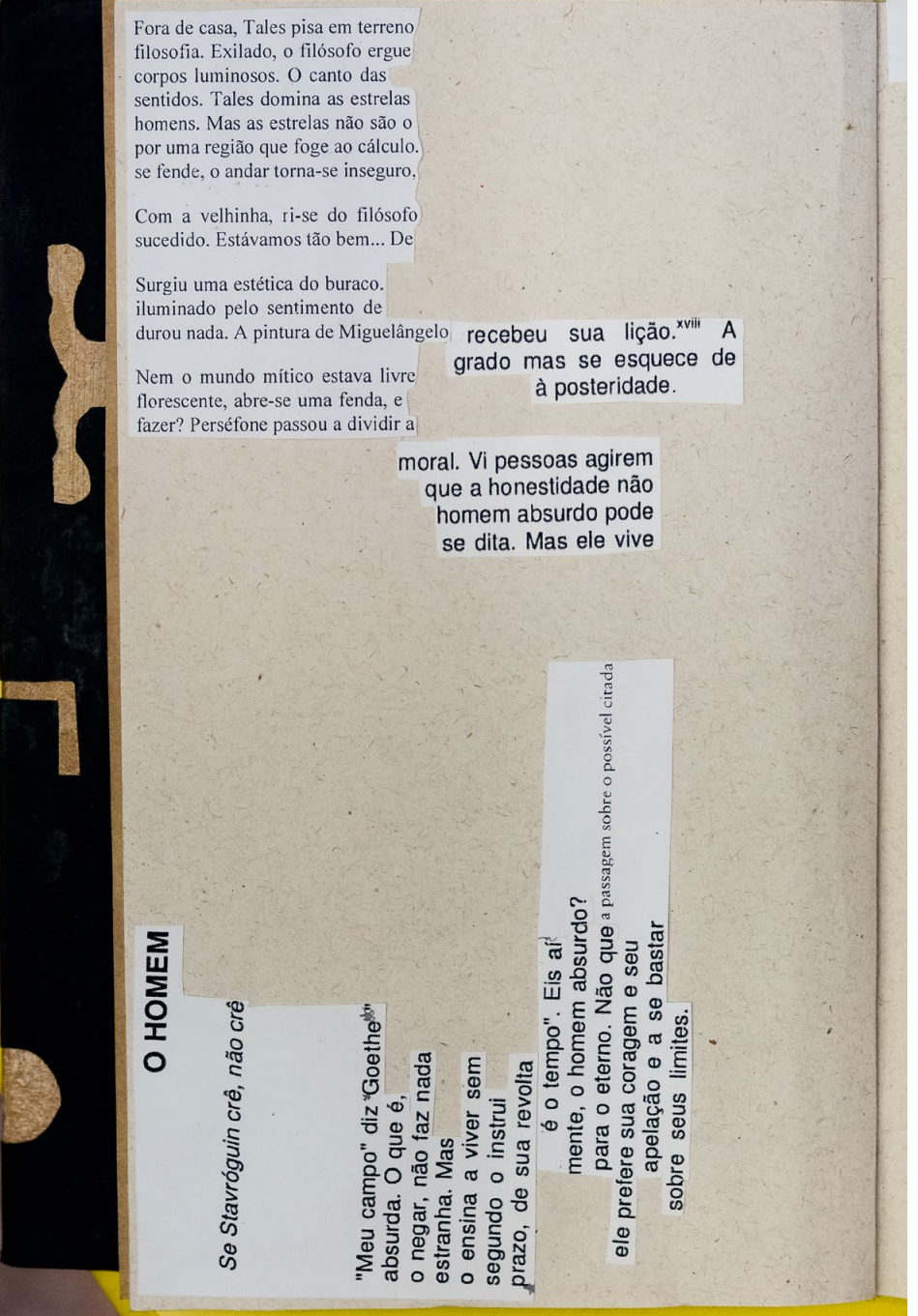
61 "É assim: vezenquando, uma coisa só começa mesmo a existir quando você também começa a prestar atenção na existência dela. Quando a gente começa a gostar duma pessoa, é bem assim." (ABREU, Caio F. As Frangas. São Paulo: Editora Globo, 2001.)

Cinco assaltos em Novo Ham

O QUE DIZ O ECA

Celas de duas delegacias seguem superlotadas

assinado com menos três tiros



Carrego comigo
há dezenas de anos
há centenas de anos
o pequeno embrulho.

Não ouso entreabri-lo.
Que coisa contém,
ou se algo contém,
nunca saberei.

Como poderia
tentar esse gesto?
O embrulho é tão frio
e também tão quente.

Perder-te seria
perder-me a mim próprio.
Sou um homem livre
mas levo uma coisa.

não estou sozinho,
pois anda comigo
algo indescritível.

_aos homenzinhos que nos pedem coisas como se fosse nossa obrigação
_aos homenzinhos que atropelam nossa fala porque falam um pouco mais alto, porque insistem um pouco mais firme, porque cospem palavras com a certeza de que é deles e primeiramente deles o direito de ocupar espaço
_aos homenzinhos que conversam com outros homenzinhos e se dão tapinhas nas costas como se eles todos fossem, desde o início, parte de uma comunidade da qual apenas homenzinhos podem participar
_aos homenzinhos que criticam outros homenzinhos achando que eles próprios não são senão homenzinhos também
_aos homenzinhos que passam a aula ou a reunião ou a orientação inteira mexendo casualmente em seus pintinhos
_aos homenzinhos que se acham no direito de declarar a História acabada
_aos homenzinhos que escrevem e que acham ter o direito de monopolizar aquilo que o seu texto diz
_aos homenzinhos que têm necessidade de mijar em tudo para marcar que é *seu*
_aos homenzinhos que se acham especiais apenas por serem homenzinhos
_aos homenzinhos que transformam tudo em metáforas de seus pintinhos, de seu gozo, de seu foder
_aos homenzinhos que morrem de medo e que insistem que "não é por questões sexistas" que eles nos pediram para fazer o café

_aos homenzinhos que acreditam em verdades absolutas
_aos homenzinhos que acham que "o mundo hoje anda muito chato", que "agora não dá mais pra fazer piada de nada"
_aos homenzinhos que nos agridem e ainda acham que nós é que devemos desculpas
_aos homenzinhos que se sentem pessoalmente atacados pela nossa mera existência
_aos homenzinhos que nos acham rudes, exagerades, sentimentais
_aos homenzinhos que querem ser diplomáticos, que querem agradar todo mundo, que acham que nós "precisamos tentar entender o seu lado"
_aos homenzinhos que pedem desculpas apenas para que nós nos calemos
_aos homenzinhos que nunca aprenderam as tarefas básicas da vida porque sempre houve quem fizesse por eles, e que agora apodrecem sozinhos em seus apartamentos emaranhados entre louças sujas roupas miojos pizzas congeladas toalhas úmidas mofo cabelo privadas cobertas de mijo seco
_aos homenzinhos que acham que tudo se resolve com uma esposa ou empregada
_aos homenzinhos que centram ciências inteiras ao redor de seus pintinhos
_aos homenzinhos que acham nada a ver um poema desses numa dissertação de mestrado
_aos homenzinhos que não entendem a palavra *não*
_aos homenzinhos que decidem sobre nossas vidas, nossas mortes, nossos corpos, nossas publicações que ainda tentam figurar nas revistas
_aos homenzinhos que se dirigem a nós com pena ou condescendência
_aos homenzinhos que desenham o mundo à sua imagem e semelhança, e que depois nos ordenam nos avaliam nos descar-

tam por não nos encaixar nos seus *padrões*
_aos homenzinhos que nos acham intolerantes por ousarmos ter amor-próprio
_às mulheres (contudo jamais *mulherzinhas*) que pensam como homenzinhos reizinhos rainhas de seus castelos de ar
_aos homenzinhos, primogênitos, portadores do sobrenome
_aos homenzinhos, que podem existir sem adjetivos
_aos homenzinhos, também conhecidos como *cidadãos de bem*
_aos homenzinhos que não entendem e provavelmente nunca entenderão o desprezo que temos pela categoria 'homenzinhos'
_aos homenzinhos cheios de boas intenções
_aos homenzinhos que acham que não tem que dar o peixe, e sim ensinar a pescar, mas que não fazem nem uma coisa nem outra
_aos homenzinhos que multam, que punem, que cobram direitos autorais
_aos homenzinhos que mandam arrancar as pessoas de suas casas na calada da noite para restituir aos ratos os prédios abandonados[62], e aos homenzinhos que executam sua ordem sem sequer pestanejar.
_aos 8 homenzinhos que detêm a mesma riqueza que as 3.600.000 pessoas mais pobres da população mundial[63]
_aos homenzinhos que matam um jovem preto a cada 23 minutos[64]
_aos 55 homenzinhos que votaram "sim"
_a todos os homenzinhos que queimam ou queimaram livros
_a todos os homenzinhos que queimam ou queimaram florestas
_a todos os homenzinhos que queimam ou queimaram pessoas
_aos homenzinhos que advogam por muros em vez de pontes
_aos homenzinhos que cortam árvores porque não são úteis[65]
_aos homenzinhos que cortam verbas porque não são úteis
_aos homenzinhos que cortam clitóris porque não são úteis
_aos homenzinhos que carimbam ou que não carimbam passaportes
_aos homenzinhos que matam cronópios
_aos homenzinhos que matam mulheres
_aos homenzinhos que matam travestis
_aos homenzinhos que insistem que *era só uma brincadeira*

62 desintegração da ocupação Lanceiros Negros, em Porto Alegre. O prédio, vazio há um longo tempo, foi ocupado em novembro de 2015 por dezenas de famílias em situação de rua, até que a justiça ordenasse a reintegração de posse do imóvel, em julho de 2017. A ordem foi cumprida pela Brigada Militar, que fez uso da força e de gás lacrimogêneo. (MATOS, 2017) A ação aconteceu durante a noite, para "não atrapalhar o trânsito".

63 8 HOMENS possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre da população mundial. Época Negócios. 15/01/2017. Disponível em: <https://glo.bo/2rkAvyj> Acessado em: 30/07/2017.

64 ESCÓSSIA, Fernanda da. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI. BBC Brasil, Junho de 2016. Disponível em <https://goo.gl/RvskJ5> Acessado em: 30/07/2017.

65 DUARTE, Letícia. A utilidade das árvores. Click RBS Porto Alegre, 08/02/2013. Disponível em: <https://goo.gl/rMfMuE> Acessado em: 30/07/2017.

Hoje
sangramos
todos
(ou quase todos?)

Os EUA materializam em
corpo-imagem o horror,
a assepsia
a vida encolhida
na violência.

/NOVEMBRO_16

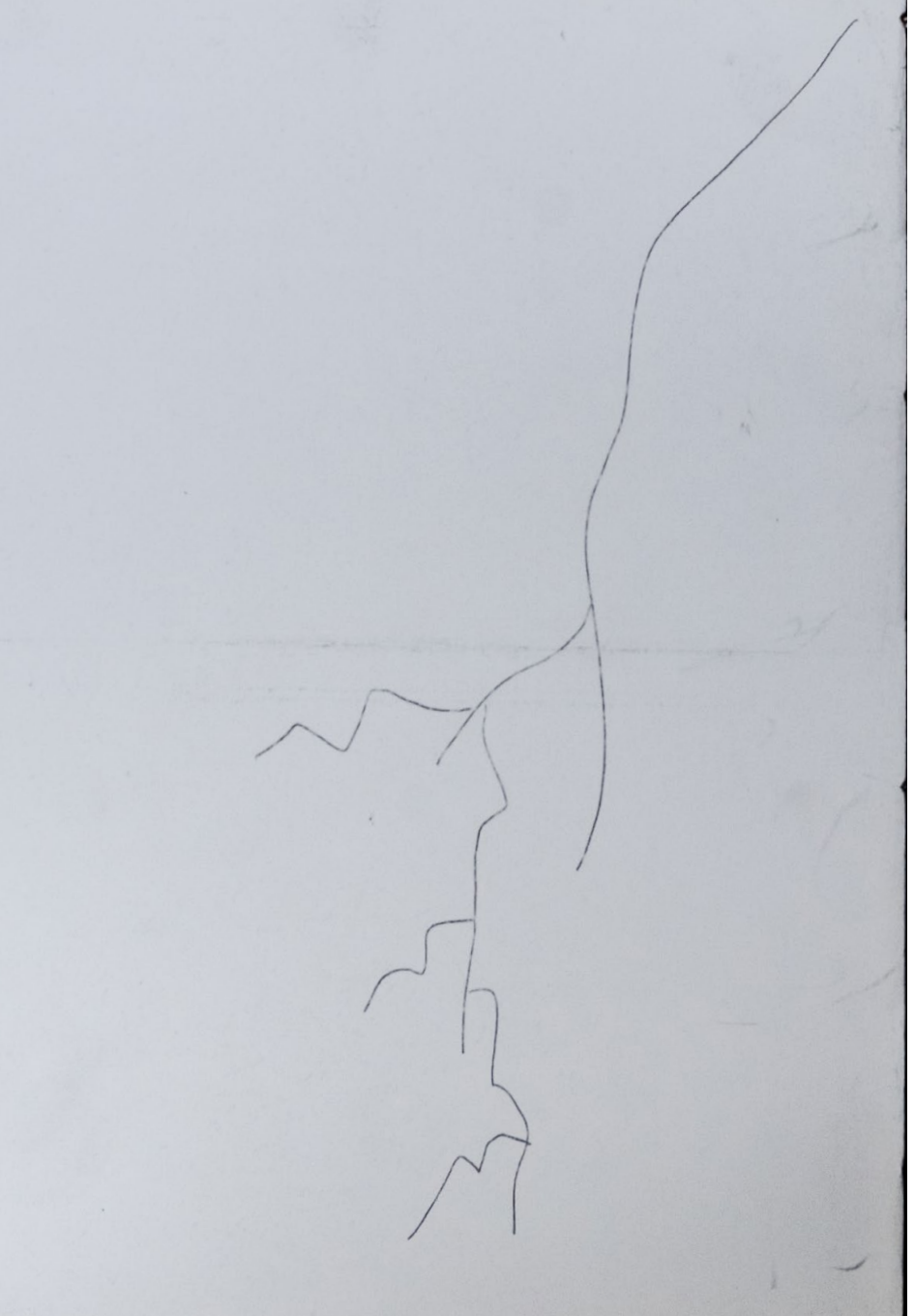
cachorro molhado
bebendo da poça
polícia persegue
chicote e carroça
e cai, cai, cai a chuva
mansão reluz
notícias da praia
na praça do crack
se anima e desmaia
e sai, sai, sai, sai da rua
que a leptospirose
te pega!!!
o carro importado
encharca pedestres
loja conveniente
expulsa o pivete
e cai, cai, cai, cai chuva
boca de lobo
engole sapo
o rico da rua
gato e sapato
e sai, sai, sai, sai da rua
que a leptospirose
te pega!!!
os restos úteis
nutrem dezenas
que vigiam jóias

defendem o esquema
e cai, cai, cai, cai chuva
esgoto em fúria
faz festa no rio
imposto sonegado
explora o desvio
e sai, sai, sai, sai da rua
que a leptospirose
te pega!!!
motores afogando
corpos boiando
lares deslizando
freezers queimando
shoppings aterrados
sacolas de compras
estrada impermeável
quem paga essa conta?
a leptospirose
te cobra!!!

Do rio que tudo arrasta se diz que
é [redacted]. Mas ninguém diz
[redacted]
as margens que o comprimem.

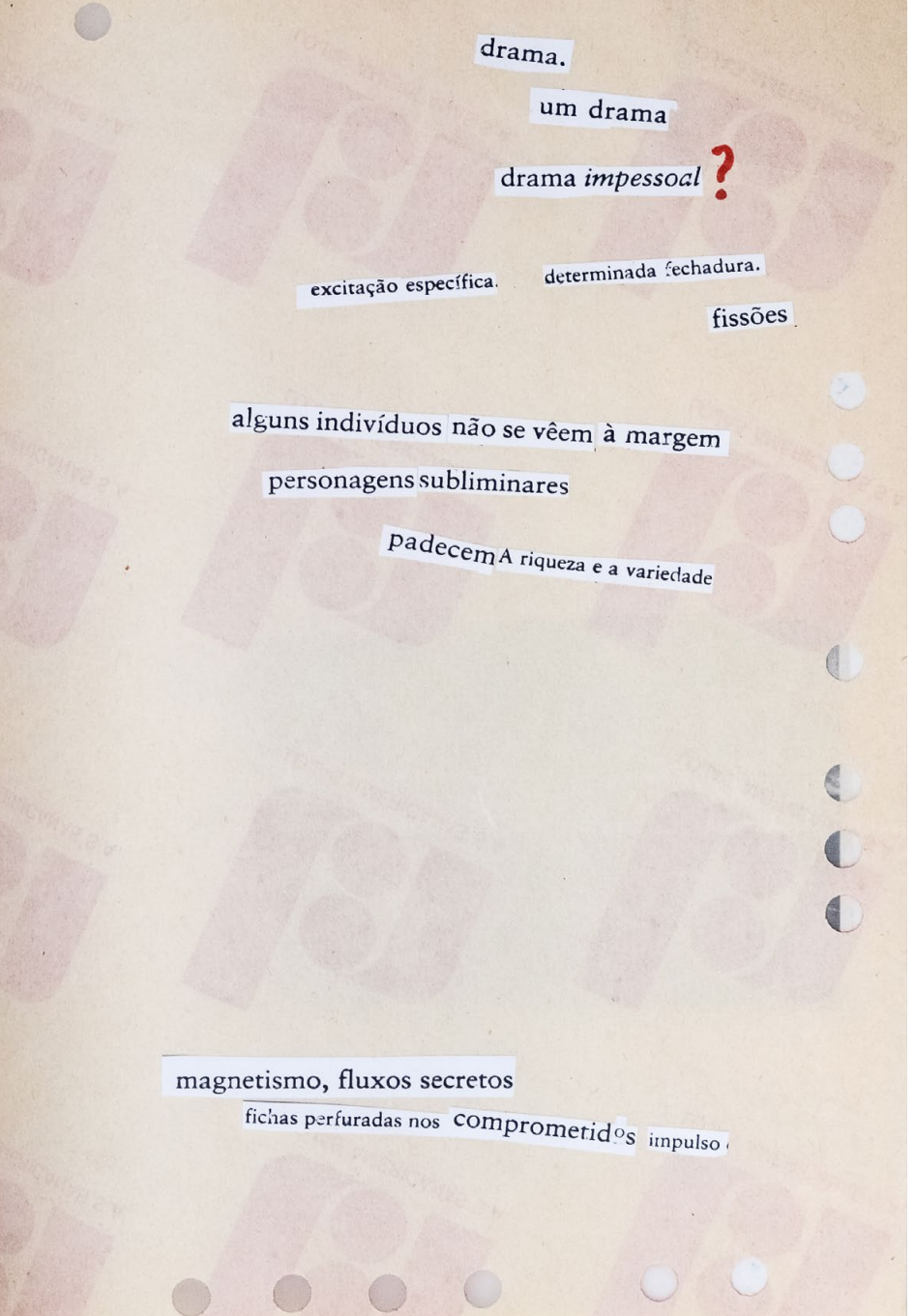
Bertold Brecht

qual
teu
centro
de
intolerância?



manual de instruções

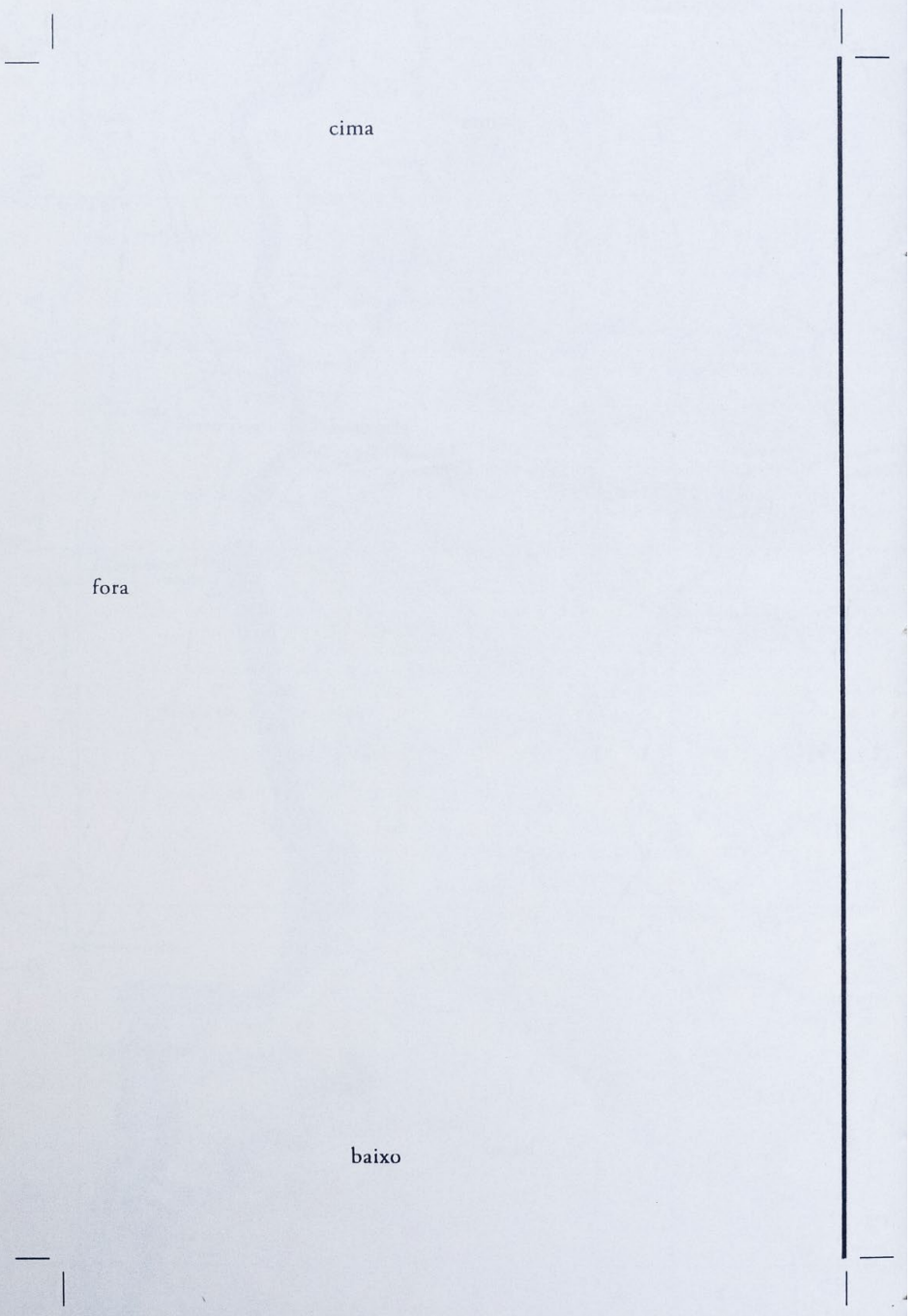
procedimento:
1. [matricular-se]
2. esquivar-se dos procedimentos curriculares de uma pós-graduação
3. de/compor o currículo. transitar. optar pela deriva. aproveitar a vista.
4. deixar flores nos livros das bibliotecas
5. [pausa]
6. ler livros errados roubados des/viados. não ler leituras obrigatórias. fazer fanfic.
7. roubar palavras termos conceitos. trans/viá-los
8. atravessar o seu corpo com as intensidades do texto. cortar/-se. a linguagem corta o corpo corta a norma corta corta corta. o desejo corre e corta. arranhar o texto com a violência das cobrinhas vermelhas. cortá-lo também. cortar a norma a linguagem o corpo. desobedecer a linguagem. cortar com seu corpo as intensidades do texto.
9. [deixar/-se sangrar]
10. formatar nas normas da abnt, encadernar, apresentar a uma banca, obter o seu título.
11. [repetir ad posdoc]



falta um mês. você olha para sua lista de coisas por fazer. você respira fundo: falta um mês. é tão pouco tempo. há dois dias atrás faltavam nove semanas e ainda assim não lhe parecia suficiente. mas há de dar. *tem que* dar. você tenta ficar tranquilo. faz um chá, senta no computador, seus dedos começam a digitar. o sol faz seu percurso no céu, os ponteiros dão as voltas no relógio. você sente o momento acabando, acabando, acabando, e dramaticamente digita um acorde final: *pronto*. seu chá está frio, e você escreveu um poema.

(alívio. mas… pausa.)
não, não era isso.

você escreveu um poema, quando deveria escrever uma dissertação. muito bem. era *exatamente isso* que você precisava. um poema. sua lista de coisas por fazer dá um aceno do canto da mesa, amigável, sorridente. você aqui com um poema. não é um mau poema, é verdade. nem há problema em ter um poema ou outro dentro de uma dissertação. mas o fato é que… é *mais um* poema. não um, *outro.* outro poema. agora você só sabe escrever em poemas? é isso? você olha para o seu poema. o seu poema acena de volta. *maldito seja!* se bem que poderia ser uma estética, fazer uma dissertação em poema. poderia, não? *poderia*. você olha para o seu poema, um pouco contente. e você olha para todo o resto que você tem escrito e que não são poemas. *não, não poderia.* não aqui, pelo menos, não agora. não agora que você tem apenas um mês. você fecha o com-

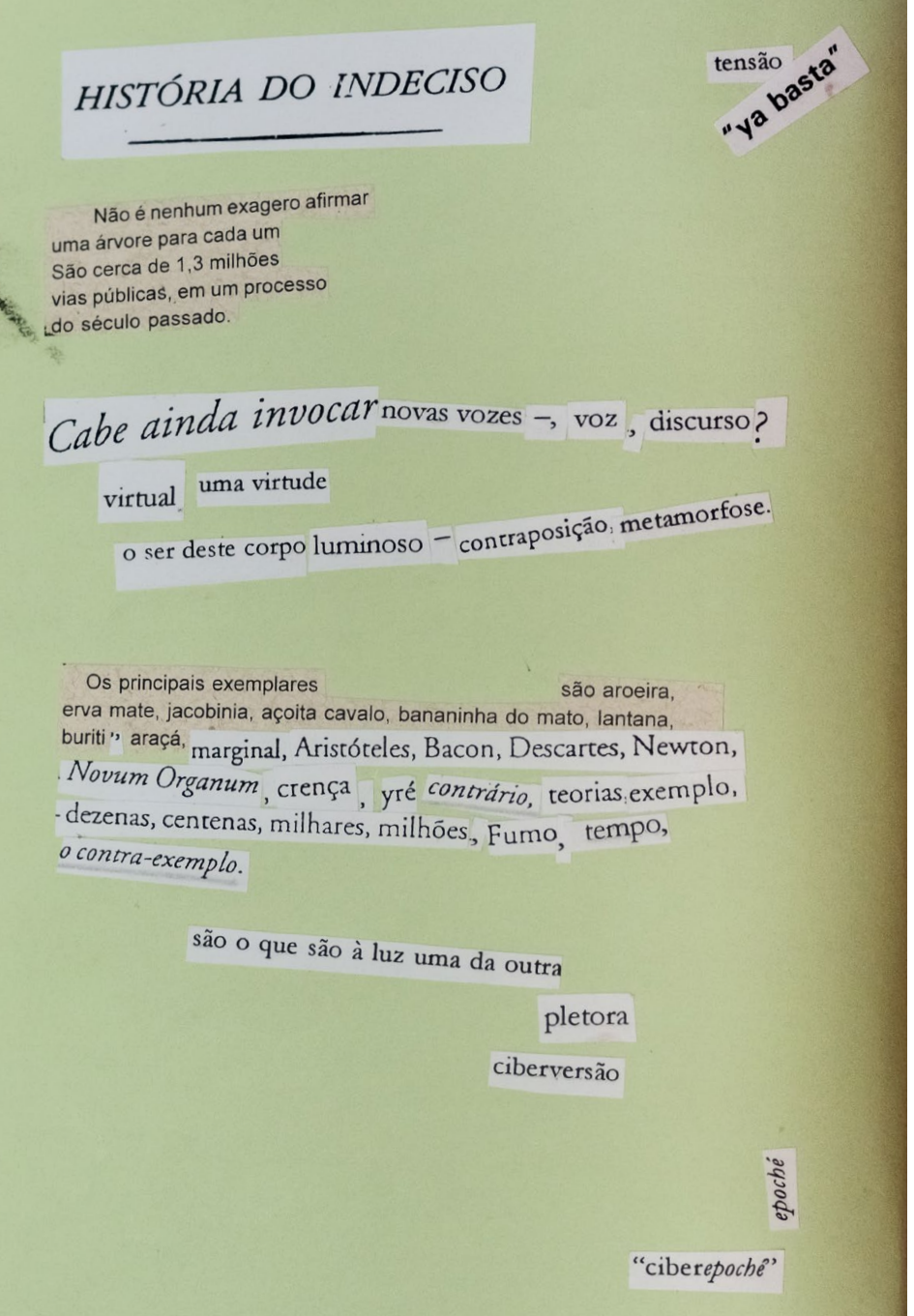


putador, tranca o poema lá dentro. *depois,* você pensa. depois.

mas… e agora? agora você tem que tratar de descobrir o que é que pode uma dissertação. não que você não possa inventar. mas você tem apenas um mês, e seu orientador mal terá tempo de olhar o que quer que seja que você vai entregar pra banca. desculpe, meu amigo. você está por conta própria. (uma densa nuvem de *deveria*s e *poderia*s começa a rondar sua cabeça, e você a espanta com um movimento de mão.) *maldito seja!* uma pausa. vamos com parcimônia, então. você se dirige à estante, com precisão pega um livro marrom. *isto é uma dissertação de mestrado*, você pensa. uma que você gosta, vamos começar por aí. você abre. flaubert está deitado em roupas de banho sobre a primeira linha, e acena cordialmente. você fecha o livro. *maldito seja!* você respira, abre o livro em outra página. agora é bukowski. na outra deleuze. *malditos!* você folheia o livro irritado, rudemente ignorando os acenos sorridentes de todos que estão ali, levianos mas por toda parte. chopin, barthes, cage, duhuit. *maldito, maldito, maldito seja!* malditos todos eles, e maldito ainda quem escreveu isto aí. você joga o livro longe, bate a porta, vai pra urgues. livro idiota, você pensa no caminho. mas você não deve se comparar às outras pessoas. cada um com seus problemas, já dizia o ditado, e não é todo mundo que tem que lutar com sua própria química para conseguir escrever uma página. sua química. seu cérebro. a família, o trabalho, a vida. todos têm seus motivos, mas no fim a culpa é sempre sua. o currículo não se importa com a sua vida, e você deveria saber disso. está pressuposto. você vai fazer uma dissertação em dois anos, *com* ou *sem* ou *apesar de.* e você há de conseguir, seja por bem ou por mal. dormindo ou não, gritando ou não, gostando ou não, você há de defender uma dissertação em dois anos, e não será como você gostaria que fosse. nunca é. o que você quer escrever não se faz em um mês ou em dois anos ou em talvez uma vida inteira. você cumpre os prazos, mas depois

você continua. você declara acabado, mas a verdade é que não tem um fim. escrever é uma coisa de vida, e deve ser por isso que as pessoas escrevem tantos livros e livros e mais livros. a mesma coisa, mas em diferentes momentos. uma mesma-coisa-diferente, que vai mudando com a vida, com os encontros, com tudo quanto acontece, que vai ganhando ou perdendo pedaços, mudando de cor, de caráter, de caminhos. é uma dissertação, mas também é muito mais que isso. ou nada disso, talvez. não dá pra pensar no produto acabado, já lhe disse o professor. se trata de processo, de fragmento. aquilo que você entrega é o retrato do que se fez com as questões e os recursos que você carregava consigo. seja do jeito que for. e então muda, continua. a dissertação não é o fim. o seu um mês já não significa nada. você está quântico, tudo é possível, o seu poema é parte de algo maior. você sente um alívio, uma leveza, pela primeira vez em dois anos um sentimento de que o que você faz pode ser suficiente. que seu um mês pode ser suficiente.

você abre a porta da sala sorrindo, cantando, senta na cadeira como se sentasse nas nuvens. e ali, à sua frente, rindo da sua cara, *ela*. retangular, volumosa, encadernada. *uma Dissertação.* como assim? a onda bate em seu castelo de areia e arrasta sua concretude de volta para o mar, consumindo sua breve certeza e segurança sem se importar ou deixar vestígios. *como assim?* você ergue, mede, olha, folheia. você bate contra a cabeça para saber se é real. uma Dissertação. assim bonita, organizada, encadernada. cheia de citações e capítulos e figuras coloridas. escrita em textos inteiros, não em malditos poemas. *maldita seja!* aquela menina sem nada de mais que entrou com você no mestrado. que pesquisava sabe-se lá o quê. que teve os mesmos dois anos. e a sua dissertação: completa, inteira, robusta. *maldita seja!* parecendo ser interessante, ainda, a maldita. e para completar, *antes!* antes do prazo limite, antes daquele seu maldito um mês que espreita cada movimento seu como se fosse uma



bomba prestes a explodir. *maldito seja!* maldito o um mês, os dois anos, a vida. maldito você e as suas ideias esquisitas. *maldito seja!* maldito o mestrado, o orientador, a banca, o reitor. maldito tudo que acontece na vida que arrasta e que pesa e que mata mas que no fim a culpa é sua. *maldito, maldito seja!* malditos todos os que escrevem suas dissertações de sucesso e que não se questionam e que não sentem e que atravessam a vida como se fosse algo fácil porque pra eles *é,* pra eles é, os malditos. *malditos sejam!* malditos os prazos, os clichês e as normas, malditos os poemas que você escreve, malditos os amores e as coisas interessantes. *malditos sejam todos eles!* malditas as malditas vozes na sua cabeça que dizem tudo quanto você poderia deveria gostaria, malditas as malditas vozes que te dizem que *isto não é uma dissertação,* que *isto tem que ser uma dissertação,* malditas as malditas formas, as dúvidas, malditos os medos, malditos os malditos mínimos que ainda precisam ser defendidos com unhas e dentes e sangue para que a gente consiga maldidamente existir. *malditos! malditos, malditos, malditos sejam!*

.

.

. .

. . .

. . . .

. . . . .

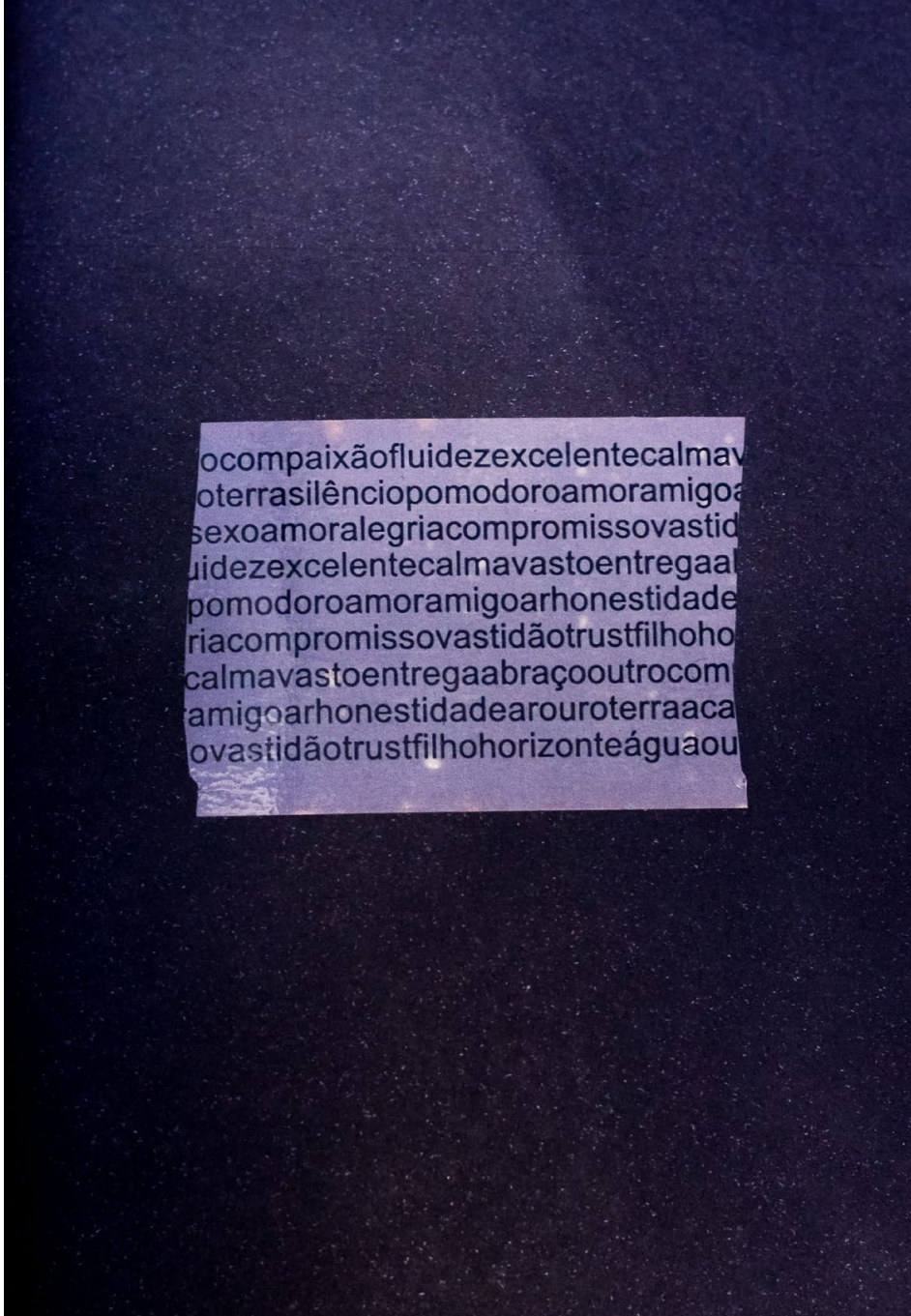
(ok.)

(passou.)

então erga a cabeça, levante a poeira, e trate de seguir em frente, porque você só tem mais um mês, e isso há de ser suficiente.

tem que ser.

queria que ele perguntasse
você está bem
ela calmamente responderia
quase nunca



playlist[66]

My bucket's got a hole in it _ Tim Timebomb & Friends
I Sing I Swim _ Seabear
Somebody that I used to know _ Gotye ft. Kimbra
Sinnerman _ Nina Simone
Monochrome _ Dominique A & Yann Tiersen
Chasing kites _ iamamiwhoami
Le vent nous portera _ Noir Désir
How do you slow this thing down _ Gothic Archies
Born on a train _ The Magnetic Fields
12 segundos de oscuridad _ Jorge Drexler
Quali fika são _ Ana Paula Viceli
Everybody knows _ Amanda palmer & Jherek Bischoff
All night _ Beyoncé
Wayfaring Stranger _ Johnny Cash
Don't bother none _ Cowboy Bebop
Eblouie par la nuit _ Zaz
Je Veux _ Zaz
Arrocha _ Curumin
Japan Pop Show _ Curumin
Morte e Vida _ Banda Edie
Os Afro-Sambas _ Baden Powell

66 playlist colaborativa criada pelos participantes do Atelier. Disponível no youtube em <https://goo.gl/GguuWW>

Chinese Fountain _ The Growlers
Fuerte y Caliente _ Onda Vaga
De baile solto _ Siba
Another one _ Mac Demarco
2 _ Mac Demarco
Salad Days _ Mac Demarco
Terceiro Samba _ Mestre Ambrosio
The Bluest Blues _ Alvin Lee
The Nearness of You _ Michael Brecker & James Taylor
My one and only love _ John Coltrane
Bad Dream _ Sóley
I'll Drown _ Sóley
Impossível escrever sobre nada _ Fito Paes & Moska
Happy Alone _ Saintseneca
Elastic Heart _ Sia
Chandelier _ Sia

para tudo o que há de

serviam para indicar o sentido

nos
ter ultrapassado

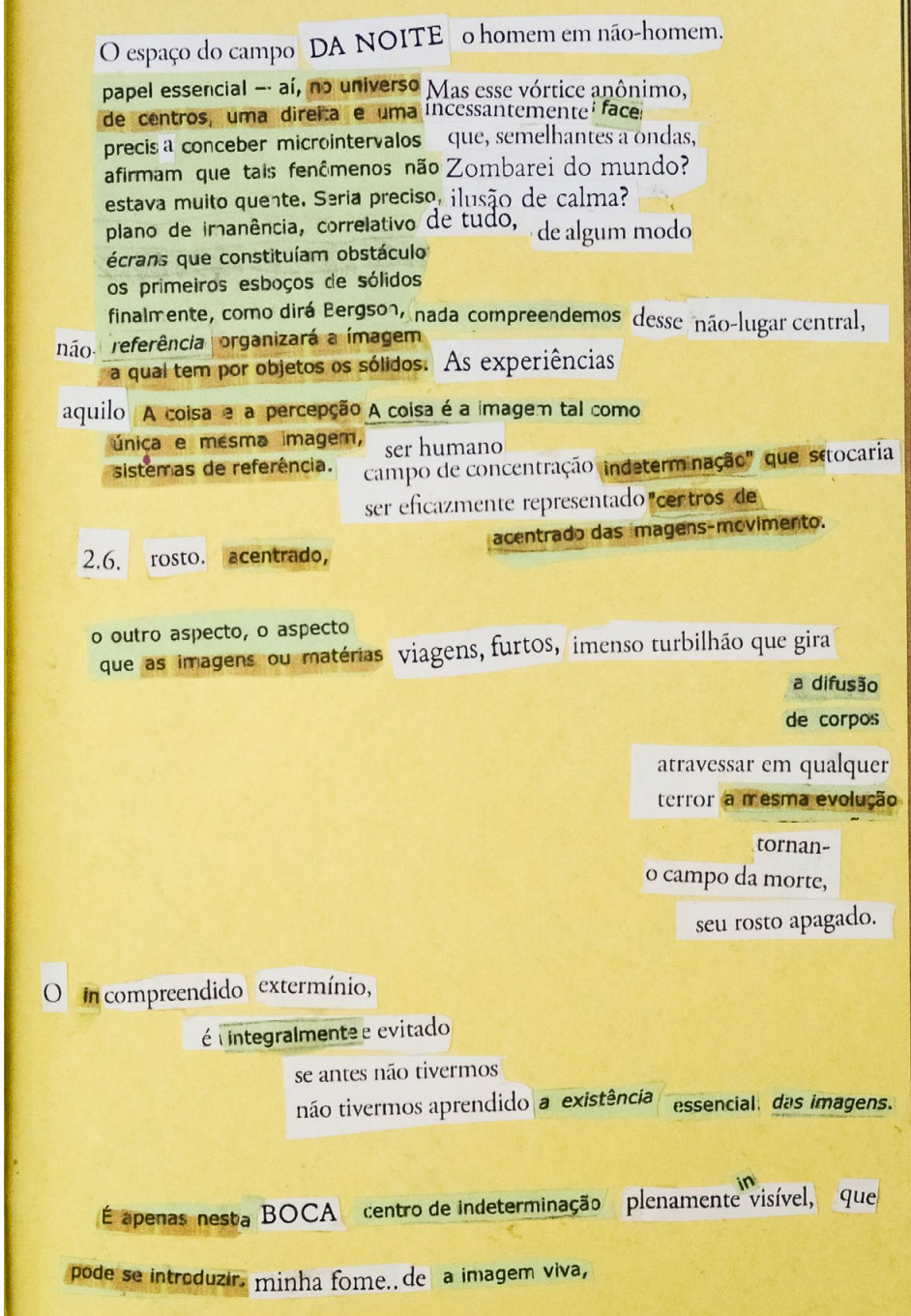
outras pessoas que buscavam
seu oposto? [...]" (p. 15:)

grandes e pequenos."

o som há a imagem

decidiu um dia não dar mais bola para a ordem pressuposta. qualquer fosse o código silencioso a que devia seguir, ninguém parecia inclinado a dizer, e cansou de sentir-se ridículo enviando emails à secretaria a fim de tentar entender. assumir-se estrangeiro, e autistar o currículo. parar de tentar entrar dentro de um eixo que matava o que tinha de mais potente. parar de obedecer o currículo. currículo normatípico, incompreendido/incompreendente de sua cabecinha neurodivergente. fez até disciplinas da psiquiatria, achou-se pequeno. seu negócio era mesmo esquisitar as coisinhas. roubar nos bolsos fragmentos da aula. olhar fora da janela pro cantar do passarinho. entender errado e criar algo novo. *pós-graduar levantando a cabeça*.

começou a anotar coisas pelos cantinhos dos livros. odiava sublinhar. odiava comentar e anotar as coisas mais importantes. odiava sobretudo resumir *[acreditava, bem no fundo, que resumir era uma maneira seca e cruel de matar os livros, tão altamente difundida que era preciso fazer-se pequeno e ladrão de bibliotecas para não se afogar nas leituras utilitárias, para acessar as câmaras subterrâneas onde na Academia as palavras ainda pulsavam]*. pois bem. usava os livros como se fossem cadernos, fazendo as ideias se encontrarem ali no papel. e desenhava. aprendeu com RB a se encantar pelos punctuns, e começou a fazer seus procedimentos por isso. quebrar os textos ao invés de segui-los. desviar. desviá-los. transviá-los. gostava disso. começava também a gostar dessa tal de pós-graduação. se bem que: não era como se fosse uma ordem, aquele *pós* não fazia lá muito sentido. decidiu esquisitá-lo também. bagunçar o seu



nome. bagunçar suas regras. tentar fazer expressar o atípico de seu currículo.

decidiu que não era uma *pós.*

aquilo que fazia era uma *anti-graduação.*

Uma vez que um parente nosso muito afastado chegou a ser ministro, conseguimos que ele nomeasse boa parte da família para a sucursal do Correio da rua Serrano. Mas durou pouco.

Dos três dias que estivemos lá, passamos dois atendendo o público com uma rapidez extraordinária, que provocou a surpreendida visita de um inspetor do Correio Central e um tópico elogioso em La Razón. No terceiro dia estávamos certos de nossa popularidade, pois as pessoas já vinham de outros bairros para despachar a correspondência e mandar vales postais a Purmamarca e outros lugares igualmente absurdos. Então meu tio mais velho deu sinal verde e a família começou a atender o público de acordo com seus princípios e preferências. No guichê de franquia postal, minha segunda irmã dava de presente uma bola colorida a cada comprador de selos. A primeira a receber a sua bola foi uma senhora gorda que ficou como que paralisada, com a bola na mão e o selo de um peso já umedecido que se enroscava aos poucos em seu dedo. Um jovem cabeludo recusou-se a receber sua bola, e minha irmã o repreendeu severamente, enquanto na fila do guichê começavam a levantar-se opiniões desencontradas. Ao lado, vários provincianos empenhados em remeter insensatamente parte

de seus salários para parentes remotos, recebiam com certo assombro copinhos de bagaceira e de quando em quando pastel de carne, tudo isso por conta de meu pai, que além do mais

recitava aos gritos os melhores conselhos do viejo Vizcacha[67].

Entretanto meus irmãos, encarregados do guichê de encomendas, as besuntavam com piche e as enfiavam num balde cheio de penas. Depois as apresentavam ao assombrado remetente e lhe faziam notar com quanta alegria seriam recebidos os embrulhos assim melhorados. “Sem barbante à vista”, diziam. “Sem o lacre tão vulgar, e o nome do destinatário que parece enfiado debaixo da asa de um cisne, repare só.” Para ser franco, nem todos se mostravam encantados.

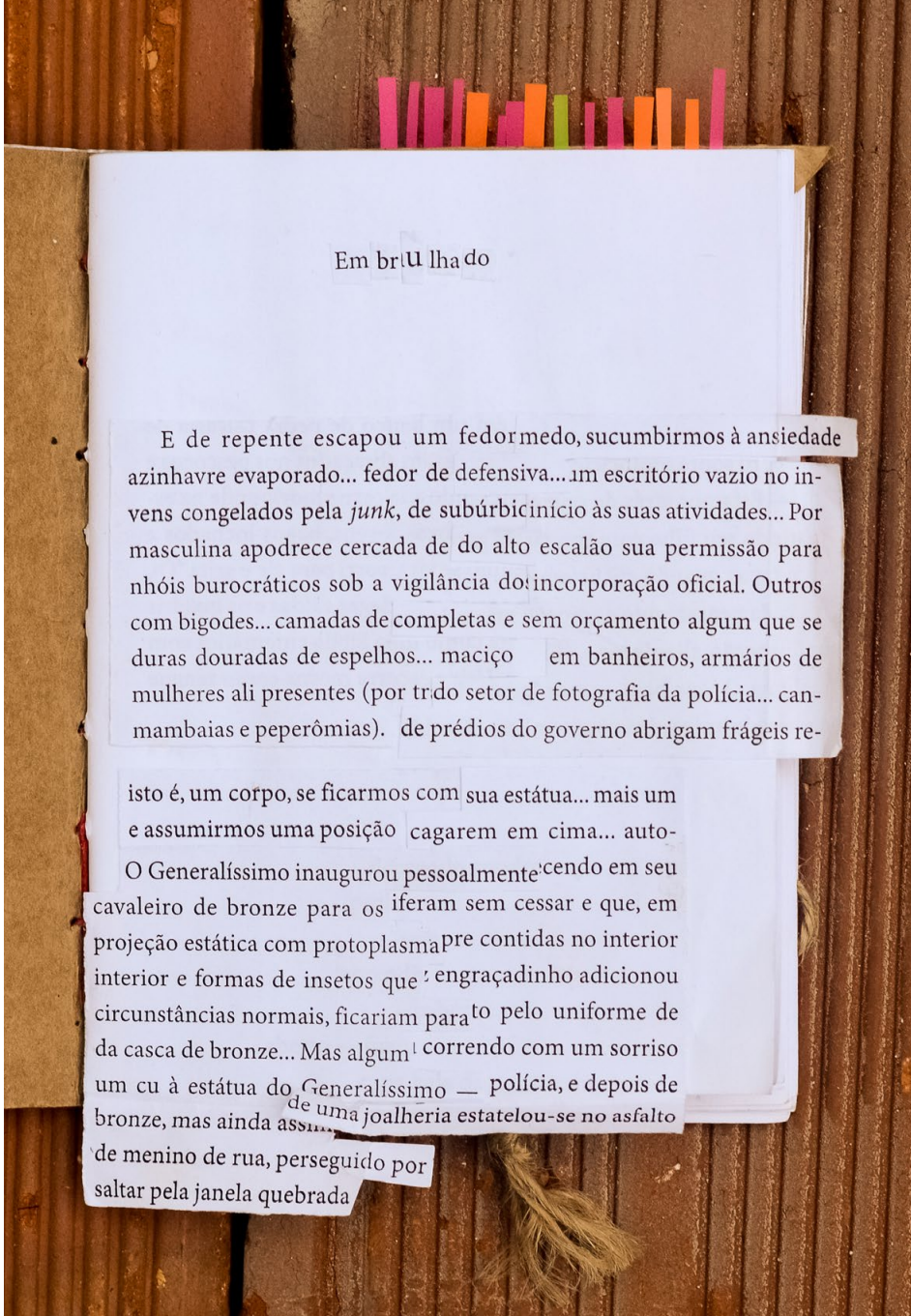
Quando os curiosos e a polícia invadiram o local, minha mãe encerrou o ato da maneira mais linda, fazendo voar sobre o público uma multidão de flechinhas coloridas, fabricadas com os formulários dos telegramas, vales postais e cartas registradas. Cantamos o hino nacional e retiramo-nos na mais perfeita ordem; vi chorar uma menina que era a terceira colocada na fila da venda de selos e sabia que tinha perdido a vez de ganhar uma bola.

67 “El viejo Vizcacha”, personagem do livro Martin Fierro, do poeta argentino José Hernández (La vuelta de Martin Fierro, Cap.XV. (N. da T.)

embrulho, desembrulho
embrugalhado?
se é fácil ou difícil embrulharmo-nos depende o quê,
a ocasião:

- estômago
- amor

presentes que nem sempre embrulhamos
mas que podem vir a nos embrulhar.



Começou como um trocadilho, uma brincadeira, um pequeno aceno em defesa de viver entre *estes aos quais pertenço.*
De não querer precisar dar satisfações a toda hora para a Norma.
De decidir não conviver com as partes do mundo que não interessam, com as partes do mundo que apenas fazem mal.
De *precisar* fazê-lo, em favor da sua já desgastada saúde mental.
De decidir se isolar, mas de um jeito assim *potente.*
De decidir viver em uma bolha.
Da defesa de viver nesta sua bolha.

Mas, pensando bem, nunca é só isso.
Ou, se era, soube tornar-se em *algo mais.*

Como uma bolha dentro do vidro, que é algo que não sei se deveria estar lá, mas que deixa o vidro mais bonito, mais interessante.

Como uma bolha de ar que a gente solta embaixo d'água, um respiro para conseguir chegar mais fundo, para conseguir sobreviver mais tempo ali onde a gente não pertence.

Como uma bolha no pé, que vem de um incômodo, de um desgaste, de um esforço - e que sabe doer como só.

Como uma bolha de sabão, que é bonita e colorida e efêmera e que muda ao sabor do vento, que não tem bem forma - ou que tem várias - e que sempre deixa um sorriso no rosto quando a gente encontra uma.

Por isso:
Políticas da bolha.
Defender a bolha, a existência da bolha.
A existência *das bolhas.*
Reconhecer a bolha enquanto ato político.
As bolhas enquanto ato político.
Acreditar na força que há em habitar o território da bolha.
Das bolhas enquanto território.

Políticas da bolha são, também:
políticas da leveza, políticas do respiro, políticas da ferida, políticas do efêmero, políticas do bonito, políticas do vidro, políticas da pele, políticas da água, políticas do sabão, políticas do sensível.

E, pensando bem, nunca é só isso.
E talvez saiba tornar-se em ainda *algo mais.*

AS ARTIMANHAS DA TESE[68]

O que fazer em caso de incêndio

É um pouco como uma dança, um debate, uma batalha: às vezes, mesmo que tudo pareça estar indo bem, há qualquer coisa que *escorrega*, e de uma hora para outra nos vemos obrigados a desdobrar-nos em mil malabarismos, a fim de tentarmos não pôr a coisa toda a perder. Para atravessar um mestrado/doutorado/graduação com um mínimo de sucesso ou dignidade, por vezes é preciso retirar-se, esquivar-se, dar um passo atrás. Mas a Academia cobra seu preço: pois os atravessamentos da vida não são matérias de currículo, e ela não tem espaço para aqueles que são *humanos demais* para não se deixar afetar.

Como estratégia de sobrevivência dentro deste ambiente hostil, portanto, temos que servir-nos de qualquer coisa que possibilite tornar nossas faltas suficientemente aceitáveis aos olhos daqueles que nos avaliam - errar é humano, contanto que tenhamos 75% de presença e entreguemos todos os artigos a tempo. Seguem aqui, então, algumas sugestões (comentadas) de enunciados[69] dos quais podemos dispor quando o que con-

68 não, não é uma vontade de potência, eu sei que estamos em uma dissertação. este é apenas um trocadilho ruim com o título As Artimanhas do Tédio, de Peter Brook (2016 - que na verdade não tem muito a ver com esta seção - mas, como diria Milan Kundera (2008), apenas os cactos e os trocadilhos ruins são eternamente atuais).

69 popularmente conhecidos como *desculpas.*

seguimos fazer ainda não é suficiente, para usarmos em momentos de necessidade[70]:

Minha avó/tia/irmão morreu - Um clássico atemporal, afinal as pessoas continuam morrendo. Utilizado também nos altos escalões, quando você esquece que é parte de uma banca ou algo assim. Mas cuidado: se você é dessas pessoas que publicam tudo no facebook, melhor escolher outra coisa. Minha mãe já dizia que mentira tem perna curta, é também não dá pra sair publicando um memorial póstumo da vó. Existem limites.

Fiquei doente - Clássico, relativamente plausível, mas tende a ser encarado com desconfiança. A menos que você esteja no hospital (de preferência em coma), talvez seja melhor pensar em outra coisa. Com a medicina e a indústria farmacêutica do jeito que estão, você bem que poderia ter dado um jeito. Ah, quebrou a mão? Digite com os pés, ora bolas, com o nariz ou o que quer que seja. Tanta gente por aí sem os braços e cheia de histórias inspiradoras, uma coisinha boba assim não haveria de impedi-lo. Para ter sucesso, você tem que se esforçar, pois vencer na vida é um mérito próprio, e já estava escrito em algum lugar que *só o trabalho liberta.*

Também está sujeito à aprovação de uma junta médica.

Minha saúde mental não anda nada bem, preciso de um tempo para poder dar conta de tudo - Demonstra vulnerabilidade, qualidade largamente apreciada pelos professores mais

70 Escrito ao modo do cardápio do Pastel com Borda, porque às vezes as matérias literárias estão ali onde a gente menos espera.

sensíveis (frente àqueles de coração mais duro, sempre é possível apresentar um laudo psiquiátrico, mas isso não garante que a desculpa vá colar). Para manter a credibilidade, é importante tomar cuidado para não ser visto sorrindo pelos corredores, nem postando coisas felizes nas redes sociais. E nunca, nunca mesmo, utilize essa desculpa duas vezes: mesmo que seja verdade (RB já dizia) existem limites socialmente aceitáveis para a duração do sofrimento[71]. Depois de algum tempo, fica parecendo mimimi.

Meu cachorro comeu o artigo - Isto pode até ter funcionado com sua professora da 1a série, mas, nos dias de hoje, seu cachorro precisaria ter comido o computador - e convenhamos, nem os professores nem os cachorros são tão burros assim.

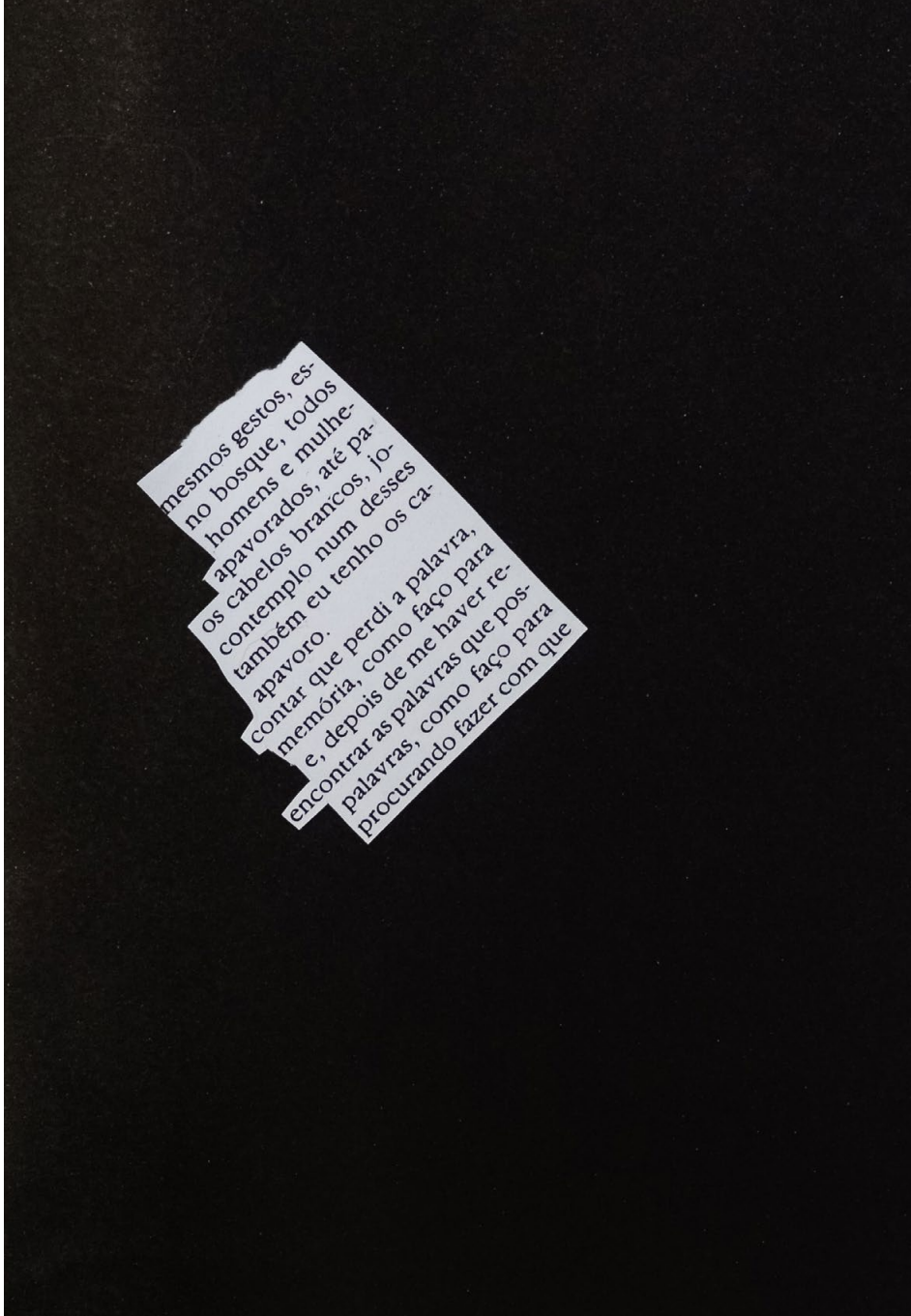
Corrompeu o hd/pendrive - Uma alternativa moderna, que emprega os termos tecnicamente corretos e está articulada com os problemas da contemporaneidade. É dessas coisas que acontecem com todo mundo, a qualquer momento, e ninguém sabe bem como ou por quê. Convenhamos, colocar a culpa na tecnologia é sempre a alternativa mais fácil, como bem sabem os professores que nunca conseguem de primeira conectar o datashow. Já os mais moderninhos vão olhar para você com superioridade e com um certo desdém, resmungando sobre essa gente que nunca pensa em utilizar a nuvem.

Fui assaltado - Outro enunciado contemporâneo, plausível, bem fundamentado pela violência urbana dos dias atuais.

71 BARTHES, Roland. Diário de luto. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Dependendo da dramaticidade da situação (arma utilizada, valor material/simbólico dos pertences roubados, traumas passados, lágrimas/tremedeira durante o relato), é possível obter resultados mais ou menos condescendentes. Apesar disso, sempre vai ter quem diga que você deveria ter feito backup.

Eu trabalho 40 horas, moro em outra cidade, tenho um filho recém-nascido e minha mãe está no hospital - Melhor nem tentar. No momento em que você decidiu começar seu mestrado/doutorado/graduação, ficou subentendido que você conseguiria dar conta. Sua vida é difícil? Que bom, ninguém se importa.



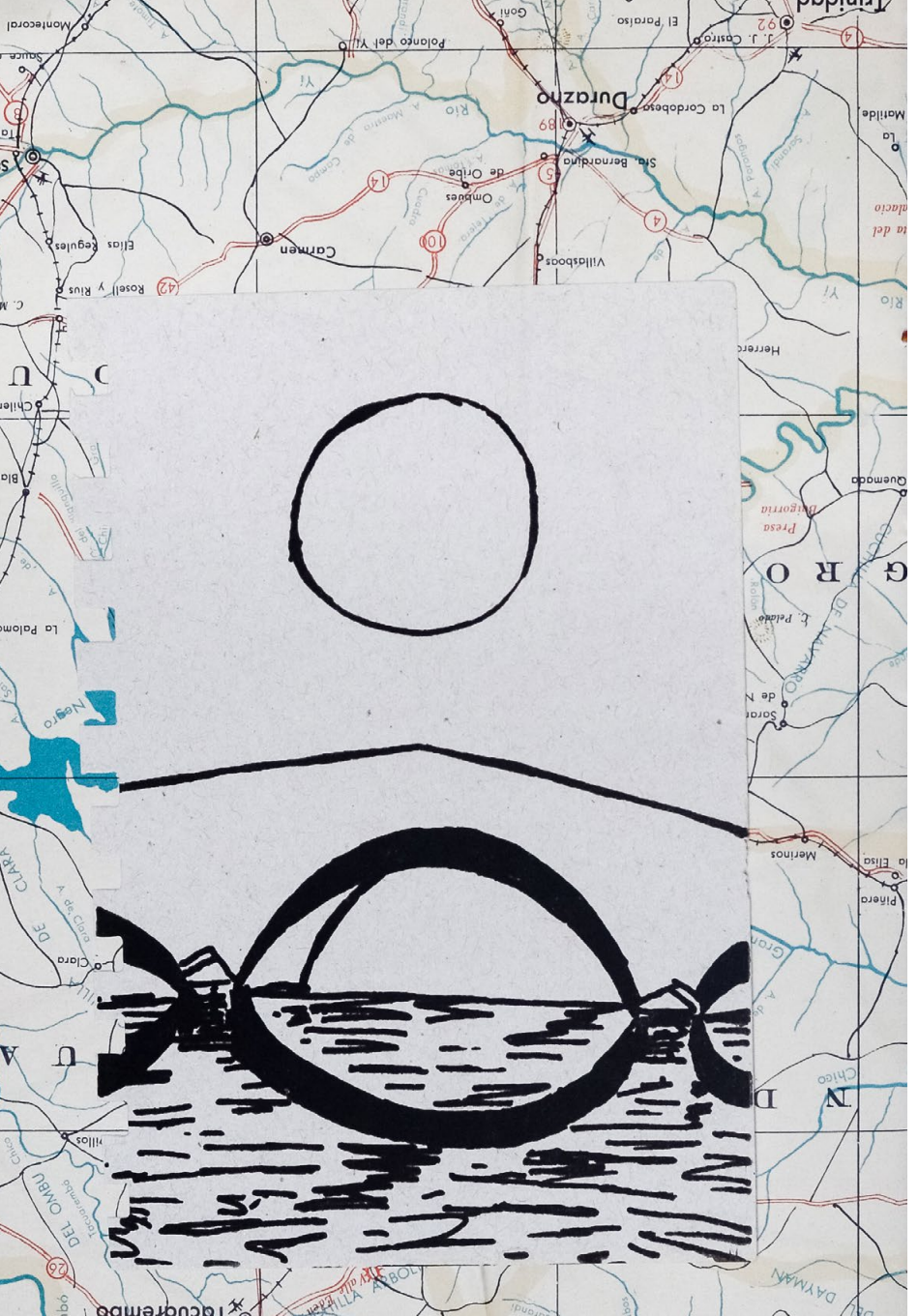
Talvez o lema da vida adulta pudesse ser aquele de Roland Barthes: *encare isto tudo como se fosse dito por um personagem de um romance.* Talvez combinasse bem com sua estratégia de tentar não se afe(c)tar. Mas a verdade é que se afe(c)tava, esse Roland Barthes. Tinha consciência de sua potência ao mesmo tempo que se sabia pequeno, vulnerável, *macio.* Fico imaginando aquele Roland Barthes sorrateiramente cronópio fumando seu cigarro na frente do auditório cheio como se aquilo fosse nada. *Talvez não fosse nada mesmo.* Mas talvez ele, ali, Maiúsculo, tivesse esse *quê* do personagem de romance que tentava impersonar - *ficção roubo fantasia dos autores que amamos.* Casca dura para cuidar da sua polpa macia.

No fim das contas, acho que Roland Barthes morreu mais das durezas do mundo do que do caminhão de lavanderia.

(que nem julio-caio-renato-clarice-anacristina)

TÁ FAVORÁVEL?

TÁ TRANQUILO?



nem todos os que vagueiam estão perdidos

Na minha opinião existem dois tipos de pesquisadores: os que pesquisam para fugir e os que pesquisam para buscar.
[Érico Verissimo]

Qual deles você quer ser?

Nós não podemos lhe dizer como *encontrar* esta dissertação, pois isso é trabalho seu, e mesmo porque tenderíamos a ser um tanto… *tendenciosos*. Nós podemos, entretanto, sugerir algumas maneiras de ler este texto. Há algumas dicas úteis, como sugerir que você pegue um cobertor, uma lanterna e alguns doces quando você vai dirigir por uma longa distância no escuro, e elas não devem ser tomadas levianamente. Esperamos que elas lhe sejam úteis, de alguma maneira. Ou talvez não sejam. Talvez você devesse colocar esta dissertação numa garrafa e jogá-la ao mar, e ir ler alguma outra coisa. Ou pedir dicas a alguma outra pessoa[72], caso você queira mesmo ler *esta* dissertação e estas dicas lhe pareçam um pouco duvidosas. De qualquer forma, há nove delas. Nove é um bom número.

1. Confie no texto implicitamente. As respostas estão lá dentro.
2. Não confie no texto além da distância que você pode jogá-lo, se é que tanto. Se trata de algo sorrateiro e desesperado, e pode explodir nas suas mãos a qualquer momento.
3. Releia. Fará mais sentido da segunda vez. Ou, se não, tente ainda uma terceira. Ou deixe decantando, e volte a ele daqui a alguns anos. De qualquer forma, os textos tendem a se remodelar sutilmente quando você não está por perto.

72 ou coisa. ou animal. ou livro. ou seja lá o que você achar apropriado.

4. Há lobos lá dentro, rondando por detrás das palavras. Às vezes eles aparecem nas páginas. Às vezes eles esperam você fechar a dissertação. O amadeirado cheiro de lobo pode às vezes ser mascarado pelo aromático cheiro de alecrim. Entenda, estes não são os lobos de hoje em dia, serpejando em bandos cinzentos pelas planícies desertas dos corredores das faculdades. Estes são os terríveis lobos de outrora, enormes e solitários lobos que podiam defender seu território dos ursos e das agências financiadoras.
5. Ler esta dissertação é um trabalho perigoso. É um lançamento de faca, e, como em todo bom lançamento de facas, você pode perder dedos, orelhas ou olhos no processo. Nós não nos importamos. Nós estamos lançando as facas.
6. Se acomode. Encha um bule de chá[73]. Pendure uma placa de "NÃO PERTURBE" na porta. Comece na página 1.
7. Existem dois tipos de dissertações. Aquelas que tentam exibir o quão inteligentes elas são, e aquelas que não se levam a sério o suficiente para achar necessário se pavonearem por aí. Esta dissertação é do segundo tipo (apesar de às vezes querer se achar um tanto espertinha). Ela não existe para fazer você se sentir burro. Ela existe para que você se sinta capaz de escrever também.
8. Nós estávamos lá. Nós vimos acontecer. Nós sabemos de quem era o reflexo que eles viram no espelho naquela noite. Ou nós podemos estar mentindo.
9. Esteja aberto a aprender.

73 ou café. ou vinho. ou outra bebida alcoólica ou não alcoólica de sua preferência.

medeiam

uma forma de perturbar realidades.

os pontos cegos de seu objeto.

Essas violências esquecidas

A violência é tida como um dos mais marcantes problemas da atualidade.

como não ouvir tal vaticínio?

violência sem autor, uma violência "pacificada".

Não é uma espera agradável.

também parece sustentar-se por apenas um fi

Na tradução do pensamento "privado" em escrita "pública", a violência surge,

converter tudo em sinal de perigo.

A escolha do termo violência para designar certas situações e não outras coloca em questão o que mais, para além do conceito, está sendo mobilizado por esses discursos.

Fragmentos de Fernandes (2013). Violência silenciosa: uma escrita.

violência.

bem como uma leitura do próprio sa

esta é devidamente localiz

quando nos referimos à v

de fora uma grande gama de fe

também estar contidos no co

a violência só é assim conside

certo autor, localidade e fo

a época em

utilizado e

O promotor havia sentenciado que o rapaz era um vagabundo e margi

e que Uma Mãe não devia confiar no filho; nas palavras do agente de justiça, "esse tipo de gente não muda, e fala para enganar e convencer que é bonzinho". Se saísse da internação, não deviam esperar mudança alguma, voltaria em pouco tempo. A Uma Mãe começaria a chorar, mas o promotor a instrui a não derramar lágrimas: "que motivo há para isso? Tem mais é que esquecer e aceitar que teu filho é um marginal mesmo".

Vincent de Gaulejac (2011)

Este autor fala de uma violência "inocente", onde quem faz uso dela é "legítimo", e os que sofrem da mesma sentem-se culpados; uma violência induzida pela qual ninguém é indiscutivelmente responsável, mas que todos contribuem para produzir.

Goulejac, V. (2011). A NGP: a Nova Gestão Paradoxal. E

Soboll (ogs.). (2011). *Clínicas do Trabalho: novas perspectivas p*

"apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava, secretamente, manter invisível".

Adorno, T. W. (2003). O ensaio como forma.

Žižek (2012) aponta algumas formas de tomar a violência em sua potência, ao invés de entar uma (possivelmente malograda) resistência em não capturar-se. Ele chama de "política [ou ato] de Bartleby"[15] a ação de interromper a ocupação da situação que impõe questão (no caso da minha , a transformação do silêncio habitável em silêncio ocupado) pela recusa em tomar parte nos papéis prescritos pelos protocolos que dali adviriam. Nessa atitude, não só a violência e a não-violência se sobrepõem (e o filósofo entende que a não-violência talvez seja a mais alta violência) como o ato e a inatividade se conjugam (o entendimento é de que não há, nessa situação, ato mais radical do que nada fazer).

Žižek, S. (2011). O violento silêncio de um novo começo. Em D. Harvey et al. (2012). *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo.

Žižek, S. (2012). *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo.

ência é algo que só pod

os Occupy que tomaram

s no mesmo sentido em c

tam um incômodo e que

esloveno, o silêncio (enq

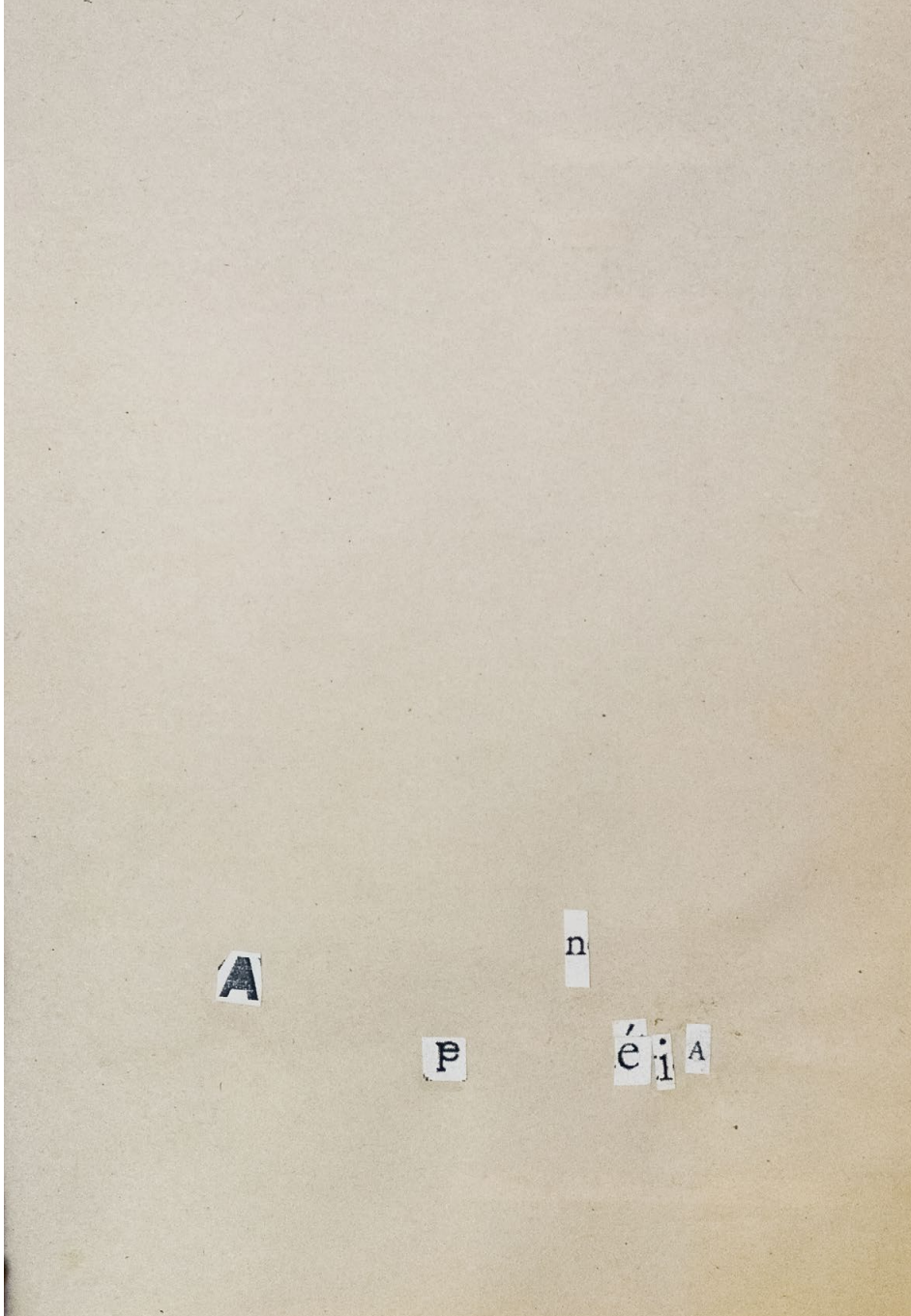
de ser tomada ou captura

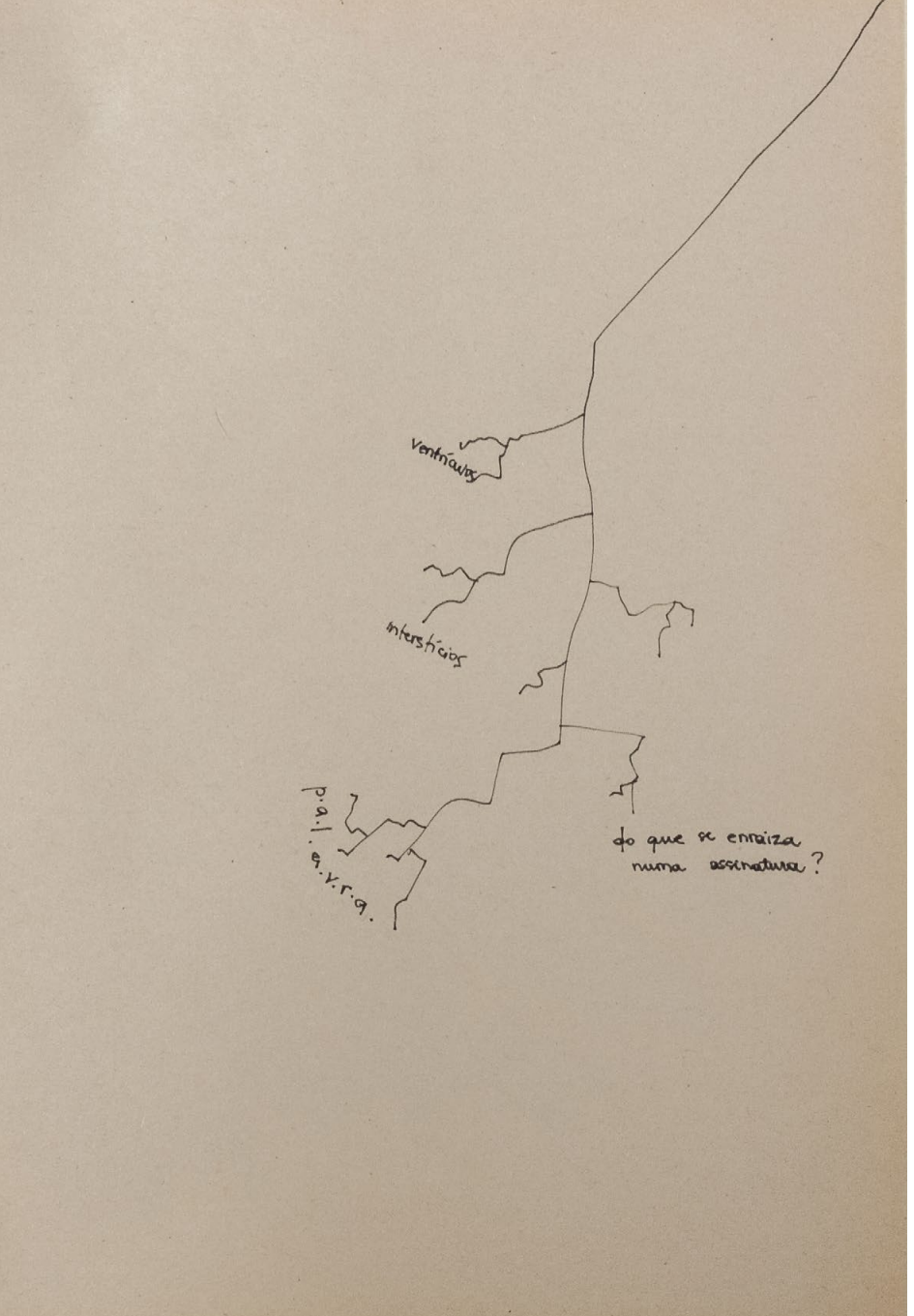
o um embrião, uma aber

Quem você esquartejou?
seu pai?
o padre?
o marido?
o professor?
o orientador?
o chefe?
o dono?
o homem vitruviano?
O centro e a medida de tudo?

Ou você quebrou um espelho?
Três sôcos, três buracos negros,
Três centros de ineterminação…
… abertos, ligados pelo encontro, conectando linhas, mãos ligadas pelo mesmo papel.

Para trazer o centro, fez-se um círculo
pequeno círculo de três
mesmo papel fino, transparente, compartilhado por seis mãos. Cada uma das seis falava sua própria língua,
em silêncio.





AGULHAS
VERMELHO FIO DE SANGUE
IMOLAÇÃO DO CENTRO
PRIMEIRO CALOR DA PRIMAVERA

GESTOS
VOZES
ERA DE TARDE
MAS ANUNCIAVA A NOITE
DE LUA CHEIA

E ALGUMAS VEZES
PERDEMOS O CONTROLE SOBRE
ALGUMAS LINHAS.

LINHAS SE FAZEM
E SE ROMPEM A
TODO TEMPO,
É O RISCO DA TEIA.
ALGUNS FIOS DESMORONAM
MAS NA VOLTA DELES
TODA UMA SÉRIE DE
NOVOS CANAIS SE FORTALECEM.

A VIOLÊNCIA DAS MASSAS. MASSA QUEBRADA, PASSADA, AGLUTINADA, AL DENTE! UMA MASSA AL DENTE, PONTO QUE MUITOS CONSIDERAM IDEAL (AQUI ME INCLUO), É UMA MASSA QUE ESTÁ COZIDA E QUE OFERECE CERTA RESISTÊNCIA À MORDIDA. MACIA MAS NEM TANTO. TALVEZ SEJA ESSE PONTO DE COZIMENTO, FÁCIL DE SE PASSAR SE NOS DESCUIDAMOS, QUE POSSA FALAR UM POUCO DE COMO AS MASSAS EM MANIFESTAÇÕES POSSAM SE COMPORTAR. DUREZA MACIA, DUREZA QUE NÃO QUEBRA MAS QUE TEXTURIZA, PRODUZ SABOR. VIOLÊNCIA GASTRONÔMICA, REVOLUÇÃO PELO COZIMENTO?

catálogo das violências inenarráveis indefensáveis inexprimíveis ou apenas imensas demais para poder reagir ou comunicar de outra forma que não jogando a cabeça pra trás e escancarando a garganta em um grito rugido silencioso

.a situação dos refugiados dentro ou fora de seu país de origem
.o final do filme tomboy
.o medo de sair a pé da faced ou da psico ou de casa depois de uma aula da noite
.o tempo de programação que é dedicado às novelas
.a maneira como foi conduzido o impeachment da presidenta dilma
.a maneira como se dá rivotril pras crianças
.a inexistência do direito ao aborto
.o que está sendo feito com a clt
.a autoridade irrestrita de alguns professores ou psiquiatras
.o que é preciso fazer com os artigos para eles poderem entrar nas revistas
.como vivem e morrem a maioria das travestis
.os zoológicos
.o preço da conta de luz
.o racismo estrutural da sociedade brasileira
.o abuso praticado pais ou psicólogos ou parceiros ou qualquer pessoa em que você deveria poder confiar
.a solidão da escrita ou das redes sociais
.as propagandas de cerveja

.o que acontece da vida depois que se termina uma graduação mestrado doutorado
.omis que insistem em suas omices
.os asilos de idosos
.a polícia
.os assaltos
.o estupro e seu silêncio
.a guerra do tráfico
.as regras institucionais de produtividade acadêmica
.os abatedouros
.as prisões privatizadas
.o jeito como os salários são sempre menores que as contas
.o que as elites pensam dos programas sociais
.o currículo da escola com ou sem partido
.o jeito como barthes deixou-se morrer

POW!
BALA
BATEU
ALGUÉM,
ATINGIU
TAL PEITO
DISPAROU
E VOLTOU
AONDE?
NA MÃO
DELE
POW!

escreva.
escreva as citações que ninguém vai ler.
escreva os trocadilhos desperdiçados.
escreva as referências que só você vai entender,
escreva.
escreva sem importar se é útil ou se é possível ou se.
pois não se trata disso,
não é uma escolha sua.
o que o seu texto irá fazer, isto não é você quem decide.
você não tem controle, nunca terá.
escreva então a sua solidão, porque no fim das contas não importa, você não precisa protegê-la ou mantê-la a salvo
(nem ela, nem o seu texto)
deixe ela correr por aí e encontrar ainda outras solidões.
deixe ser leve.
não é porque é solidão que ela não pode ter vida.
deixe-a passear.
deixe suas preciosidades passearem por aí, como as deixariam cronópios.
escreva,
não as proteja.
você não sabe de nada, nunca poderá saber.
você não tem o controle.
(o seu texto não te pertence, tire suas mãos em redoma de cima dele)
escreva, como se fosse nada.
porque no fundo, por mais que seja,
no fundo também não é.

O EMBRULHO
O EMBUSTE
O MERCADO
A CLASSE DOMINANTE
DO PATRIARCADO
DA RAZÃO INSTITUÍDA
DA RIQUEZA EM VÃO
NAS MÃOS DE QUEM

NÃO VIVE

Como faço agora para contar que perdi a palavra, as palavras, talvez mesmo a memória, como faço para recordar o que eu era lá fora, e, depois de me haver recordado, como faço para encontrar as palavras que possam exprimir tudo isto; e as palavras, como faço para pronunciá-las, estamos todos procurando fazer com que os demais entendam alguma coisa por meio de gestos, com caretas, todos iguais a macacos.

joão amava teresa que amava raimundo que amava maria que amava joaquim que amava lili que não amava ninguém

eu nunca irei te falar aquilo que fala meu texto.

meu texto apenas raramente dirá aquilo que digo em pessoa.

meu corpo de texto e meu corpo de carne se desencontram.

[*com qual deles conversas quando falamos?*]

somos silenciosos e eloquentes,
cada um à sua maneira.

mentimos.

eu nunca irei te falar nada -
quem diz é meu texto.

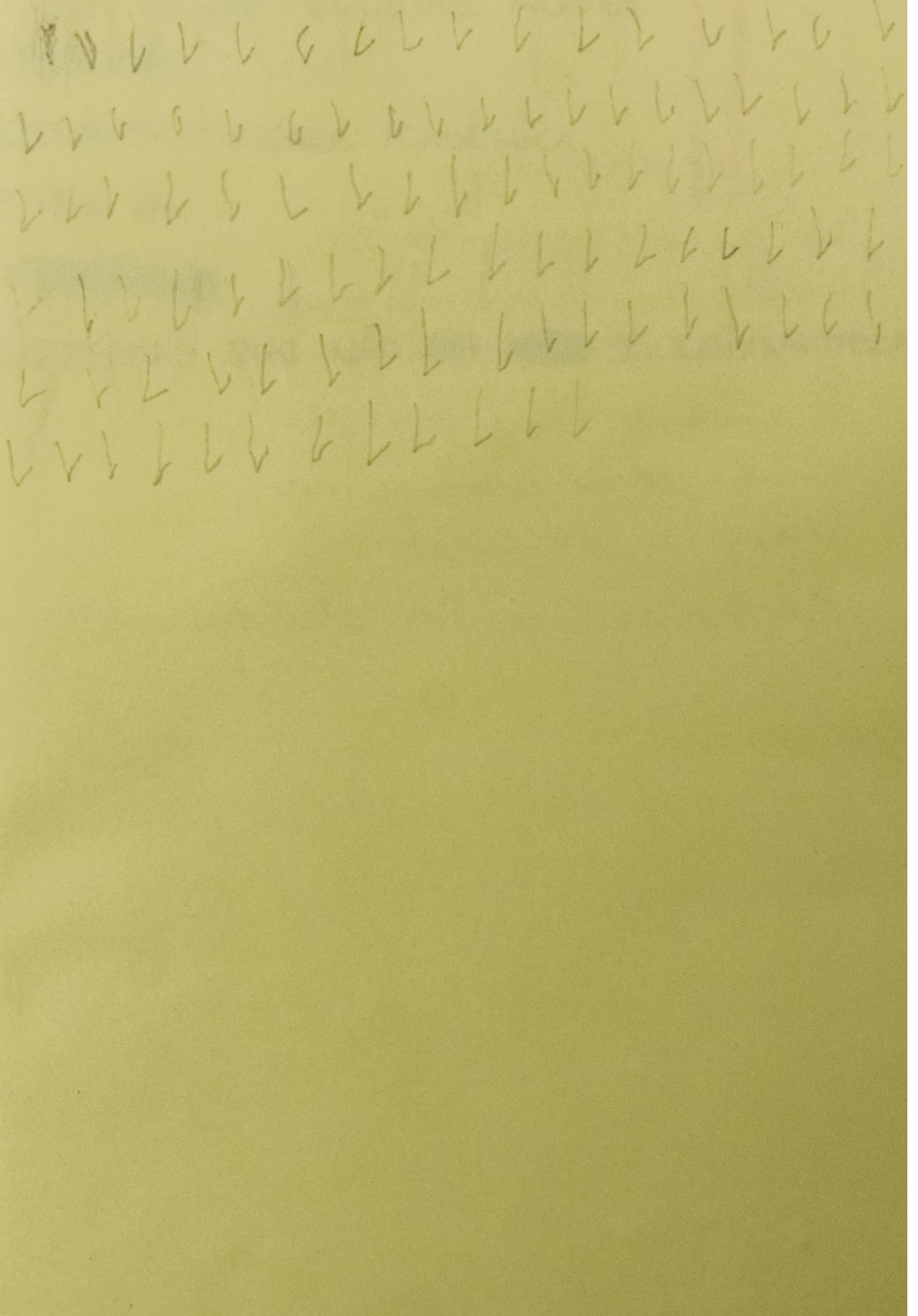
[passarinhos de pensamento: o que mesmo é uma 'escrita autoral'?]

Não.

O tempo está acabando, as opções vão se fechando ao seu redor, e você precisa escrever, mas não. A cada minuto parece que a sala fica mais apertada, que a folha fica mais apertada, que as margens em branco aumentam aumentam aumentam aumentam aumentam até você ser um mínimo sufocado bloco de texto esmagado por um sufocante espaço vazio de palavras vontade certezas de qualquer esperança de vencer a aridez branca da folha em tempo de se salvar.

Não.

Você fecha os olhos e você sente os olhos de todos que você decepcionou e decepciona pesando sobre suas costas, os olhos de todos os livros na estante que nunca foram abertos ou lidos, de todos os textos e arquivos pdf dentro de suas pastinhas tão organizadas, todos os textos e arquivos e livros que você gostaria poderia deveria ter lido e não leu, ou que se leu foi apenas para fingir que participava da aula que trabalhava na tese que finalizava o artigo mas que nunca estava realmente *lá.* Você fecha os olhos e todos os *gostarias* e *poderias* e *deverias* que você acumulou nesses dois anos entalam em uma bola úmida lá no fundo da garganta, ardendo e afogando e desesperadamente transbordando por seus olhos e nariz enquanto você resiste em prendê-la lá dentro, lá no fundo onde ela não pode ser vista, lá onde ela não sente a luz do dia e onde cresce cada dia mais bola e cada dia mais úmida, cada dia lutando contra a sua vontade de mantê-la lá dentro, cada dia se debatendo entalando a garganta querendo explodir em uma nauseante bola úmida



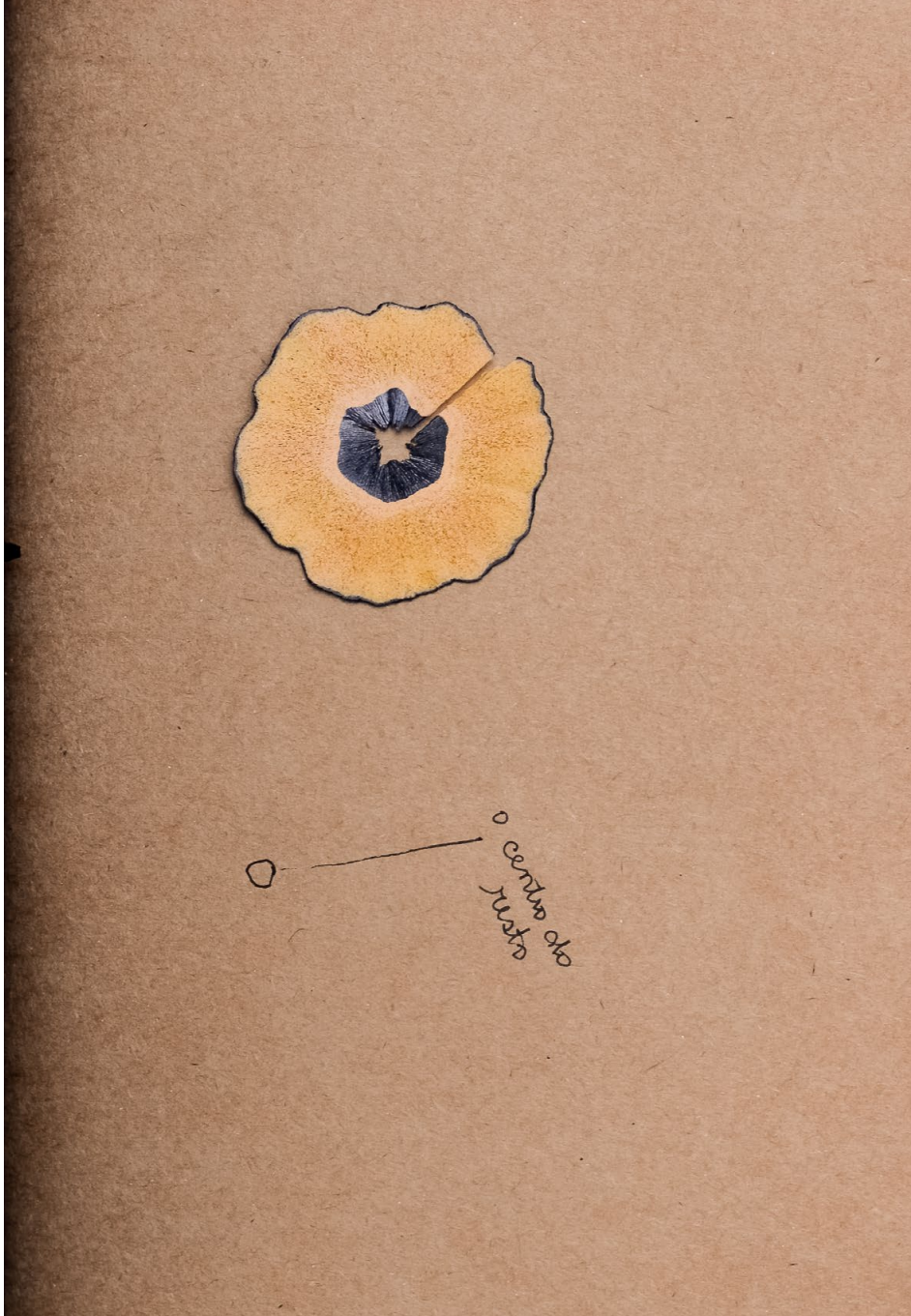
de cabelo e palavras que você grita cospe vomita na imaculada folha branca nas normas da abnt.

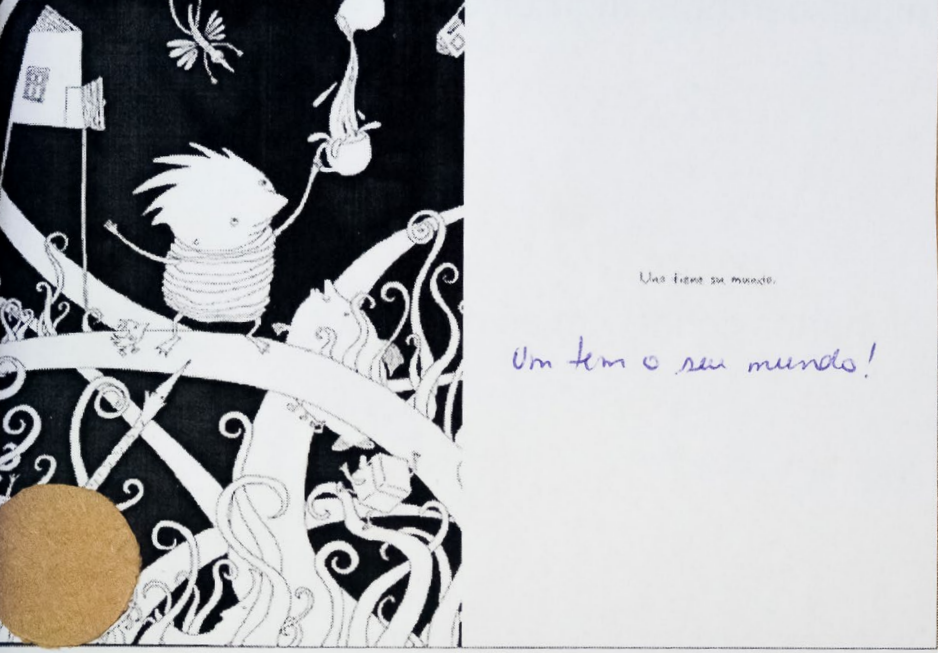
[Você põe um título e entrega para o orientador, que não comenta muito mas responde que *tá bom.*]

MORAIS OPTATIVAS

(Assinale com um *x* a sua preferida ou acrescente na linha pontilhada a sua sugestão)

( ) Encare tudo isso como se fosse dito por uma personagem de um romance.
( ) É próprio do plano que o plano fracasse.
( ) Quem não dormiu no sleeping-bag, nem sequer sonhou.
( ) O inferno são os outros.
( ) Tá tranquilo, tá favorável.
( ) Zoeira never ends.
( ) Não é nada disso.
( ) _____





Ei! Não comece pelo início, vá para o final.
Aqui é só o começo do embrulho, mas é no final dele que ele finalmente se encontra. Todo embrulho só começa quando acaba.

Referências Bibliográficas

8 HOMENS possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre da população mundial. Época Negócios. 15/01/2017. Disponível em: <https://glo.bo/2rkAvyj> Acessado em: 30/07/2017.

ABREU, Caio F. As Frangas. São Paulo: Editora Globo, 2001

_____. Pedras de Calcutá. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Aqueles Dois. In: _____. Morangos mofados. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa. São Paulo: Nova Aguilar, 2002

BARTHES, Roland. Diário de luto. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Como viver junto. São Paulo: Martins Fontes,

2003.

_____. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BENUSAN, Hilan. Os meninos da minha escola me pareciam maus. Disponível em: <https://goo.gl/wjivaR> Acessado em: 30/07/17.

BIBLIOTECA. Dicionário online de Português. Disponível em: <https://goo.gl/4ZVRhW>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

BONAMIGO, Irme Salete. O texto científico como laboratório de fabricação de mundos. Polis e Psique. v.6, n.1, pp. 149-161, março, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/BRQfxh>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

BORDA, Pastel com. Cardápio. Porto Alegre: publicação própria, 2014.

BROOK, Peter. As artimanhas do tédio. In: ___. Não há segredos. Reflexões sobre atuação e teatro. São Paulo: Via Letras, 2016, p. 6-64.

BRÜNO. Direção: Larry Charles, Produção: Sacha Baron Cohen. Culver City (EUA): Sony Filmes, 2009.

BUKOWSKI, Charles. O pássaro azul. In: ___. O amor é um cão dos diabos. Porto Alegre : L&PM, 2010.

CALVINO, Italo. O castelo dos destinos cruzados. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CORSEUIL, L. Encontros Fortuitos: Notas biografemáticas sobre o prazer da aula. [trabalho de conclusão de curso] Porto Alegre: UFRGS, Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Geociências; 2013.

CORTÁZAR, Julio. Bestiário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. Trânsito. In: _____. Papeis Inesperados. São Paulo : Civilização Brasileira, 2010.

_____. Histórias de cronópios e de famas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, Cristiano. Arquitetura do corpo: Cut-up. In: GONÇALVES, Carla (org), Caderno de notas 5: oficinas de escrileituras: arte, educação, filosofia. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2013. p. 51-64.

_____. Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas. 2012. 174f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

COSTA, Luciano Bedin da (coord.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo I: Aulas da FACED. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

_____. MARQUES, Diego S (orgs) A Hora do Pesadelo: Paixões distópicas em educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

CRESPO, Lara. A solidão do ser(-se assim). Lisboa: Lara's dre-

aming, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/ekjmdb>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

CRY, Far. Comentário sobre os ratéis. Montreal: Ubisoft, 2014.

DUARTE, Letícia. A utilidade das árvores. Click RBS Porto Alegre, 08/02/2013. Disponível em: <https://goo.gl/rMfMuE> Acessado em: 30/07/2017.

ESCÓSSIA, Fernanda da. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI. BBC Brasil, Junho de 2016. Disponível em <https://goo.gl/RvskJ5> Acessado em: 30/07/2017.

FACULDADES FIO OURINHOS. Normatização do Trabalho Acadêmico. Estrutura do Projeto de Pesquisa. Disponível em: <https://goo.gl/x1SV9s> Acesso em 13 de agosto de 2016.

FLEMING, Theryn. Keeping a commonplace book. Toasted Cheese, 2012. Disponível em <https://goo.gl/QSQMGR> Acessado em: 30/07/2017.

GAARDER, Jostein. O Dia do Curinga. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GAIMAN, Neil. The view from the cheap seats. New York: William Morrow, 2016.

Know your meme. Tag yourself. Disponível em: <https://goo.gl/BHW1FX> Acesso em 29/07/2017.

KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JAFFE, Noemi. O livro dos começos. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.28, n.2, pp.101-115, jul/dez, 2003.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação,. núm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: _____. Todos os contos. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. Os desastres de Sofia. In: ___. Todos os contos. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016b, p. 261-279.

_____. Um sopro de vida - pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARQUES, Diego. Leptospirose. Disponível em: <https://goo.gl/FAEeVQ> Acessado em: 30/07/2017.

MATOS, Eduardo. BM cumpre reintegração de posse em prédio que abriga a Ocupação Lanceiros Negros, em Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, 14/06/2017. Disponível em:<https://goo.gl/8DZKcb> Acessado em: 30/07/2017.

MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Um livro de amor. São Paulo: Dash, 2015

MISERANDINO, Christine. The Spoon Theory. Disponível em: <https://goo.gl/Ghhwpt> Acesso em 13 de agosto de 2016.

Ó, Jorge do. Seminário Para uma escrita inventiva na universidade. Os contributos do pós-estruturalismo (Barthes, Blanchot, Deleuze, Derrida, Foucault e Kristeva). Faculdade de Educação da UFRGS, entre os dias 05 e 10 de maio de 2017.

PEREC, Georges. Especies de Espacios. Barcelona: Montesinos, 1999.

PRATCHETT, Terry. Night Watch. New York: HarperTorch, 2003.

RODRIGUES, Elisandro. Escrita Ocupada. Disponível em: <goo.gl/q7qzBj> Acessado em: 30/07/17.

SANCHEZ, Gabriel. Photo Series Asks: What's in your bag? Buzzfeed. Disponível em: <https://goo.gl/mPJJg8>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

SHERLOCK: The Abominable Bride. Roteiro: Steven Moffat e Mark Gatiss. Direção: Douglas Mackinnon. Produção: Sue Vertue. Intérpretes: Benedict Cumberbatch, Martin Freeman, Amanda Abbington, Louise Brealey, Una Stubbs, Rupert Graves, Andrew Scott, Mark Gatiss, Jonathan Aris e outros. Hartswood Films; BBC Cymru Wales; Masterpiece, 2016. (89min.)

Disponível em: <https://goo.gl/cBi9Dg> Acesso em 13 de agosto de 2016.

SHIELD, David. Reality Hunger: A Manifesto. New York: Alfred A. Knopf, 2010.

SOUZA, Deborah de Paula. Sem Abrigo. In: MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Um livro de amor. São Paulo: Dash, 2015.

TAVARES, Gilead; FRANCISCO, Rayanne. Pesquisa como acontecimento: exercícios de escreverCOM. Polis e Psique. v.6, n.1, pp. 149-161, março, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/TJJVjk>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

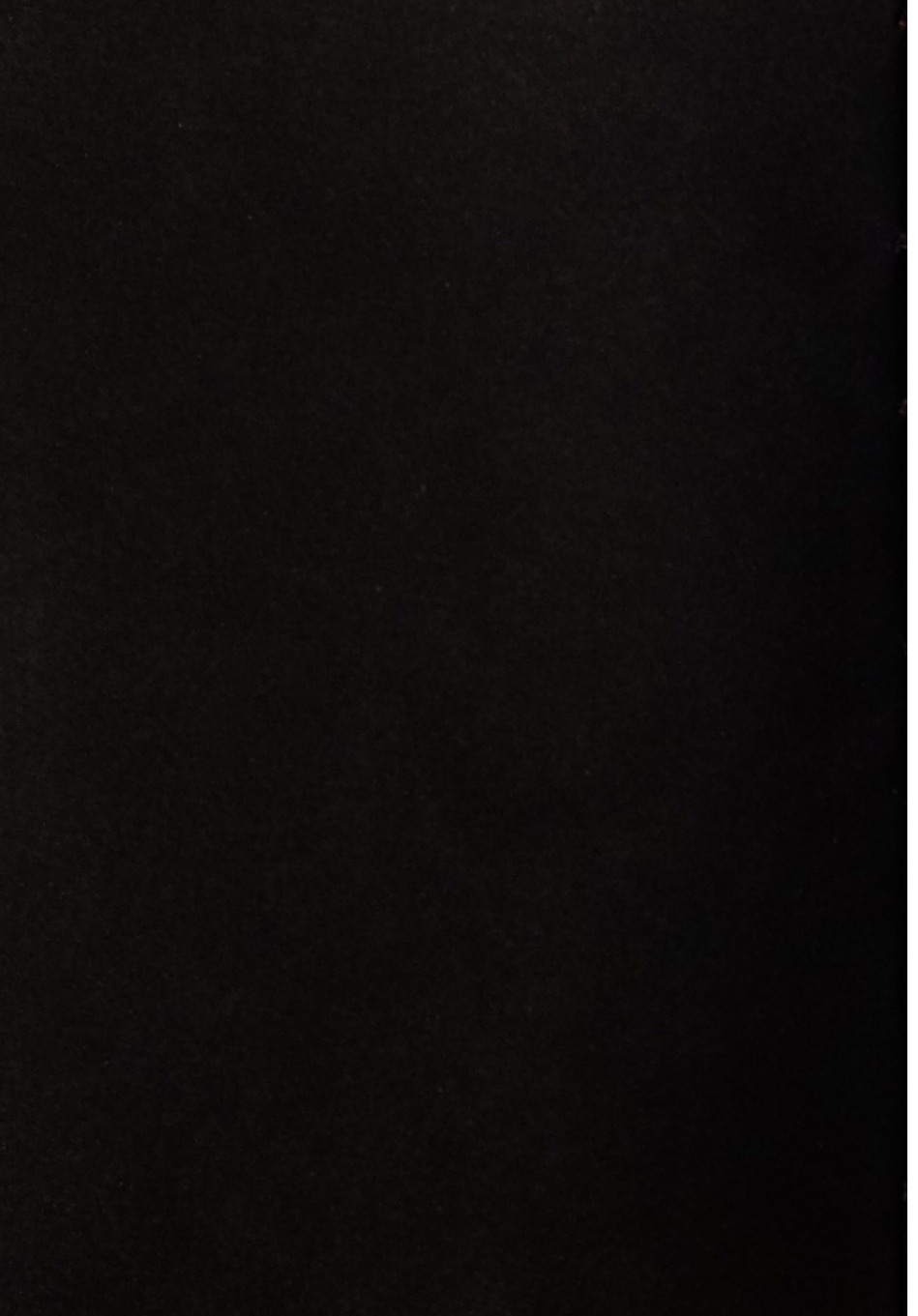
TOLKIEN, J.R.R. O senhor dos anéis: A sociedade do anel. Tradução de Lenita Maria Rivoli Esteves e Almiro Pisetta. 4a tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VERÍSSIMO. Luis Fernando. Comédias da vida privada. Porto Alegre: LP&M, 1996.

VICELI, Ana. Quali fika são. Disponível em: <https://goo.gl/wKGmEM> Acessado em: 30/07/2017.

VONNEGUT, Kurt. Barba-Azul. Lisboa: Difusão Cultural, 1989. Disponível em: <https://goo.gl/pt681t> Acessado em: 30/07/2017.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política) In: ALIEZ, Eric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.



ou ainda:

pesquisar com

jorge luis borges
stephin merritt
georges perec
roland barthes
jorge larrosa
carlos skliar
laura jane grace
o atelier
os caderninhos
[e o um deles que se perdeu]
andré winter
anna leticia
elisandro
alexandre
emanuel
mariana
daniel
camila
andré guerra
karine
luis felipe
patricia
aline
laura
moisés
adriele
eduardo
aninha
christine

thomas[74]
cadeiras de praia
gonçalo tavares
clarice lispector
caio fernando abreu
rogério haesbaert
f.r.i.e.n.d.s.
neil gaiman
iamamiwhoami
lemony snicket
yi-fu tuan
dramin
bupropiona
rivotril
abandono
apnéia
assinatura
bissemia
centro
círculo
embrulho
prosa
tranquilidade
violência
sr. cardoso
sra. bittencourt
sr. costa
sra. preciosa
françois soulages
mario bellatin
john finnemore

74 os participantes do Atelier.

david tyler
stephanie cole
roger allam
benedict cumberbatch
martin freeman
anthony head
g-erti
elbee
pec 241
douglas adams
“como anda a dissertação?”
sayonara zetsubou sensei
duane michals
“vai bem, manda beijo, obrigado”
italo calvino
post-its
julio cortázar
turma E da psicologia da educação II
belle
sebastian
rebekah
tjlc
becca
mars
tudo aquilo que nunca foi dito mas que *grita*
arthur conan doyle
1895
oscar wilde
oscar sobarzo
jorge drexler
edward gorey
ogdred weary
donald trump

theresa may
angela merkel
jair bolsonaro
um estojo em formato de banana
edward abbott abbott
Ao3
garfunkel and oates
viola davis
ludmilla
shonda rhimes
lin-manuel miranda
simone
simaria
maiara
maraísa
fora temer
mulher pepita
ru paul
rachel talalay
nego do borel
stim toys
memes
rocky horror
donna haraway
orange is the new black
emily consaga
design sponge
jo progo
jorge do ó
luciano bedin
cristiano bedin
dani noal
luis henrique sacchi

gisele vicente
eurídice
orfeu
bryan
cadele
tatiele
piro
salas 504 e 505 da faced
lydia francisconi
ana cristina césar
handbasket productions
mocaccino de baunilha da baristo
terry pratchett
paulinho b. preciado
umberto eco
(eco o o o)
you're so brave
sia
michel foucault
google drive que salva sozinho
trocadilhos ruins
adrià de yzaguirre
david lynch
pompons
robert rodríguez
aldous huxley
dona norma
tristram shandy
ray bradbury
jackson peres
herr anschau
tristian sauvage
george orwell

sally can dance
beyoncé
rihanna
milton machado
hermes marana
você
este imenso vazio lá onde você não está
paçoca
cerveja
algumas térmicas de chimarrão

Índice Remissivo da Origem dos Textos

tudo começa em pizza, 15
VONNEGUT, Kurt. Barba-Azul. Lisboa: Difusão Cultural, 1989. Disponível em: <https://goo.gl/pt681t> Acessado em: 30/07/2017.

um entre tantos, 16
JAFFE, Noemi. O livro dos começos. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

a cerimônia ainda não começou, 19
VICELI, Ana. Quali fika são. Disponível em: <https://goo.gl/wKGmEM> Acessado em: 30/07/2017.

d/esta pesquisa, 25
texto próprio

neutro/blues, 30
texto dos caderninhos + GIL, Gilberto. Zooilógico. In: ABREU, Caio F. Pedras de Calcutá. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

receita de pesquisa, 33
texto próprio

sou(be), 39
biografema produzido por um participante do Atelier

a biblioteca do sonho, 40
texto próprio

no fundo, qualquer livro pode ser um livro de lugar-comum, 44
texto próprio

teus silêncios que falam tão alto, 49
biografema produzido por um participante do Atelier

sobre as figuras, 50
texto próprio

eu sou um outro, 53
texto dos caderninhos

sobre os desenhinhos, etc., 54
texto próprio

mergulho, I, 58
texto dos caderninhos

estes aos quais pertenço, 61
BARTHES, Roland. Au Seminaire. In: ____ O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

pesquisar com, 62
texto próprio

redoma, 71
texto dos caderninhos

(políticas d)a bolha I, 75
texto próprio

deriva, 78
texto dos caderninhos

do(i)s perdidos, 80
texto próprio

como um grito que se grite numa garrafa e se jogue ao mar como uma carta, 83
texto dos caderninhos

recusa, 84
texto dos caderninhos

amor, 87
LISPECTOR, Clarice. Amor. In: _____. Todos os contos. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. (recorte do texto trazido como peça do jogo/procedimento de cut-up pelos participantes do atelier)

"mas pior do que a barra é quando passa tanto tempo que a tela fica preta", 89
texto próprio

quando escrever?, 91
texto dos caderninhos + p

políticas da aula, 92
texto próprio

"o tempo para ler, o tempo para amar, ninguém tem tempo pra isso. esse tempo tem que ser roubado", 95
texto dos caderninhos

colheres, 97
texto próprio

a-mor, 102
texto dos caderninhos

na encruzilhada,105
texto próprio

espelho, 110
biografema produzido por um participante do Atelier

onde a Norma pede respostas, 113
texto próprio

democracia, 123
texto dos caderninhos

preferiria não, 124
texto dos caderninhos

bingo, 127
texto próprio

há que se ter fôlego para voltar do mergulho, 128
texto dos caderninhos

dizem que as crianças de classe média estão ficando doentes por viverem em ambientes limpos demais, 130
texto próprio

o enforcado, 133
texto dos caderninhos

uivo, 134
LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida - pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (recorte do texto trazido como peça do jogo/procedimento de cut-up pelos participantes do atelier)

rip, 137
texto dos caderninhos

nocturna, abismos, 138
texto próprio

demais, 142
texto próprio

lista de pequenas mortes, 145
texto dos caderninhos

que diabos é a paz?, 147
texto dos caderninhos

avesso, 151
texto dos caderninhos

pesquisar com/o (um armazém), 152
texto próprio

aracniana, 158
texto dos caderninhos

se não nos deixam sonhar, 161
DELEUZE, Gilles. Logique du sens, p. 372, em ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política) In: ALIEZ, Eric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000. (recorte do texto trazido como peça do jogo/procedimento de cut-up pelos participantes do atelier) + texto dos caderninhos

um minutinho de paz, 162
texto próprio

NÃO TENTE O MAPA, 167
texto dos caderninhos

pausa, 168
MORAES, Jordana de. Pausa. In: COSTA, Luciano (org.). Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: Tomo IV. Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 130-131.

bukowski, 171
texto próprio

seria __ de se pensar, 172
texto dos caderninhos

silêncio, ou: bestiários de docência, 175
texto próprio

o que temos feito de nós mesmos?, 183
MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Um livro de amor. São Paulo: Dash, 2015. p.151.

there are no johns, save those we make for ourselves, 185
texto próprio

abandono, 201
texto dos caderninhos

hey, 203
texto dos caderninhos

eu não quero lembrar teu nome, 205
biografema produzido por um participante do Atelier

é tão perigoso, 207
LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida - pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. - recorte do texto trazido como peça do jogo/procedimento de cut-up pelos participantes do atelier

como um anjo que cai ao chão, 209
texto dos caderninhos

nó_no estômago, 211
texto dos caderninhos

despir(-se), 213
texto próprio

para presente, 219
texto dos caderninhos

estilhaço, 221
texto dos caderninhos

tag yourself meme, 222
texto próprio

este não é meu rosto de verdade, 226
Texto extraído e traduzido (com levíssimas adaptações) de GAIMAN, Neil. The view from the cheap seats. New York: William Morrow, 2016.

objetivo, 229
COSTA, Cristiano. Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas. 2012. 174f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

möbius, 232
texto dos caderninhos

arqueologias do texto, 237
SOUZA, Deborah de Paula. Sem Abrigo. In: MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Um livro de amor. São Paulo: Dash, 2015. + texto próprio.

para viagem, 238
texto dos caderninhos

modos possíveis de organizar uma biblioteca, 239
texto próprio

carrego comigo, 243
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa. São Paulo: Nova Aguilar, 2002. (texto dos caderninhos)

_aos homenzinhos, 244
texto próprio

império dos (sonhos), 251
texto dos caderninhos

leptospirose, 252
MARQUES, Diego. Leptospirose. Disponível em: <https://goo.gl/FAEeVQ> Acessado em: 30/07/2017. (texto dos caderninhos)

[violento], 254
texto dos caderninhos

manual de instruções, 257
texto próprio

malditos sejam!, 259
texto próprio

tranquilidade, 268
MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Um livro de amor. São Paulo: Dash, 2015. p.33.

playlist, 270
inventário da playlist feita coletivamente pelos membros do atelier

guardanapo, 274
texto próprio

correios e telecomunicações, ou: como seria caso um de nós fosse reitor, 278

CORTÁZAR, Julio. Histórias de cronópios e de famas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

de(m)b(r)ulhar, 280
texto dos caderninhos

(políticas d)a bolha II, 282
texto próprio

as artimanhas da tese: o que fazer em caso de incêndio, 285
texto próprio

diário, 290
texto próprio

provavelmente não, 291
texto dos caderninhos

ir indo, 293
TOLKIEN, J.R.R. O senhor dos anéis: A sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. + texto dos caderninhos

como ler esta dissertação, 294
adaptado de GAIMAN, Neil. How to read Gene Wolfe. In: ___. The view from the cheap seats. New York: William Morrow, 2016.[tradução própria]

fio de sangue, 298
texto dos caderninhos

violência instantânea, 302
texto dos caderninhos

catálogo das violências inenarráveis indefensáveis inexprimíveis ou apenas imensas demais para poder reagir ou comunicar de outra forma que não jogando a cabeça pra trás e escancarando a garganta em um grito rugido silencioso, 304
texto próprio

bala perdida, 307
texto dos caderninhos

escreva, 309
texto próprio

latifúndio, 310
texto dos caderninhos

vazio (de sentidos), 312
CALVINO, Italo. O castelo dos destinos cruzados. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 76. (recorte do texto trazido como peça do jogo/procedimento de cut-up pelos participantes do atelier) + texto dos caderninhos

o avesso do visível, 313
texto próprio + texto dos caderninhos

náusea, 315
texto próprio

morais optativas, 318
ao modo ABREU, Caio F. A verdadeira ( ) estória de Sally Can Dance (and the kids) ( ) história. In: Pedras de Calcutá. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

não é nada disso, 321
texto dos caderninhos

[e a prosa?]

a prosa nunca voltou.